

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
IF BAIANO - CAMPUS SENHOR DO BONFIM
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

FABIANNE COSTA DA SILVA

MULHERES NA COMPUTAÇÃO: AS BARREIRAS DA INCLUSÃO FEMININA NA
TECNOLOGIA

SENHOR DO BONFIM - BA
2024

FABIANNE COSTA DA SILVA

**MULHERES NA COMPUTAÇÃO: AS BARREIRAS DA PRESENÇA FEMININA NA
TECNOLOGIA**

Monografia apresentada no Colegiado de Licenciatura
em Ciências da Computação do IF Baiano, *Campus*
Senhor do Bonfim, como requisito de conclusão do
componente curricular de Trabalho de Conclusão de
Curso II – TCC II

Orientadora: Prof^ª. Ma. Maria Talita Rabelo Pinheiro

Coorientadora: Prof^ª. Ma. Elane Souza da Silva

SENHOR DO BONFIM – BA

2024

FABIANNE COSTA DA SILVA

**MULHERES NA COMPUTAÇÃO: AS BARREIRAS DA INCLUSÃO FEMININA NA
TECNOLOGIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca examinadora:

Prof. orientadora Maria Talita Rabelo Pinheiro
Mestre em Estudo de Linguagens - Universidade do Estado da Bahia

Prof. coorientadora Elane Souza da Silva
Mestre em Ciências - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. avaliadora Livia Tavares Mendes Froes
Doutora em Antropologia - Universidade Federal Fluminense

Prof. avaliadora Gabriela Oliveira Mota da Silva
Doutora em Ciência da Computação - Universidade Federal da Bahia

**SENHOR DO BONFIM – BA
2024**

Para as mulheres do presente, que nos tornam profissionais fortes e para as mulheres do passado, que tornaram possível a presença feminina em todos os espaços.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, eu agradeço a Deus por me guiar e me ajudar a manter a mente nos eixos. A minha mãe, Maria Lúcia, que, em todo o sufoco que o mundo poderia colocar no caminho, sempre deu um jeito para garantir que eu pudesse ter a melhor educação e os melhores incentivos. Sempre foi e sempre será meu porto seguro, meu apoio, minha inspiração de vida e a minha razão de viver. És a minha primeira referência de mulher forte e devo tudo o que sou hoje a você, mãe, então agradeço por todos os choros os quais me abraçou com tanta ternura e acreditou sempre na minha capacidade de chegar onde cheguei.

Sou grata à minha orientadora, Talita, pois foi por causa dela que eu consegui finalizar este trabalho. Por todo o apoio e sufoco que te fiz passar nesse período de construção desse trabalho, eu sou grata por nunca ter soltado a minha mão e acreditado em mim por todo esse tempo. Acredito que dei bem menos trabalho como aluna nas disciplinas, mas eu sou e serei eternamente grata, pois você é e sempre será o meu exemplo de força, de luta, de feminismo e de mulher a qual eu tenho o maior orgulho e alegria de ter conhecido. Nos perrengues e nas conquistas, tenha certeza que você é parte crucial da profissional que me tornei.

Agradeço, também, a minha coorientadora, Elane, pelo incentivo e tempo reservado para dar uma atenção carinhosa a esse trabalho e por me guiar na minha formação com os estágios e suas avaliações sobre cada texto meu. Suas dicas e sugestões no decorrer da minha trajetória no curso foram de extremo valor e sou muito grata por todo o seu apoio e sua ajuda nesses anos que fiz parte desse curso.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todas as mulheres que, direta ou indiretamente, fizeram parte desse trabalho. Obrigada a todas que aceitaram e que não puderam participar dessa pesquisa, mas que demonstraram grande apreço pelo meu tema e pela minha iniciativa em olhar com carinho sobre tantas de nós que somos invisibilizadas todos os dias. Sou grata, também, a todos os colegas, amigos e parceiros que fizeram parte dessa trajetória, que me apoiaram, me motivaram e nunca deixaram de acreditar na minha capacidade como mulher e como profissional. E a todos os professores que confiaram em mim, principalmente o professor Honorato, que acreditou na minha pesquisa e oportunizou a realização de um projeto de extensão com a intenção de contribuir com essa pesquisa, e que fizeram com que eu passasse por todas as dificuldades dessa formação de uma maneira mais leve, mas que aprendesse todo o conhecimento os quais eles se prepararam tanto para nos ensinar. Vocês são o alicerce da profissional e da pessoa que me tornei. Muito obrigada!

RESUMO

A presença feminina na tecnologia, tanto nos espaços das universidades, quanto no mercado de trabalho, tem sua quantidade reduzida em comparação ao público masculino. Ao revisitar a história da tecnologia, é perceptível que as mulheres foram responsáveis por diversos avanços significativos na área da computação e da ciência, o que traz a questão do porquê dessa quantidade de mulheres ter se reduzido no decorrer do tempo. Neste trabalho, a partir de uma pesquisa qualitativa, utilizando o Estudo de Caso, com o suporte de entrevistas, buscamos compreender, entrevistando alunas formadas, em formação e as que evadiram do curso de Licenciatura em Ciências da Computação do Instituto Federal Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, quais foram as barreiras e dificuldades encontradas por essas mulheres na trajetória que trilharam, como também entender os pensamentos que elas têm a respeito do seu lugar como mulher na tecnologia. Por fim, esperamos que esta pesquisa traga reflexões quanto ao local da mulher e a importância da representação feminina na área da computação em sua atuação profissional para cooperar com o aumento do interesse das mulheres pela tecnologia.

Palavras-chave: Mulher na tecnologia; inclusão feminina; representatividade.

ABSTRACT

The female presence in technology, both in university spaces and in the market, have their quantity reduced compared to the male public. When revisiting the history of technology, it's noticeable that women were responsible for several significant advances in the area of computing and science, which raises the question of why this number of women has reduced over time. In this work, based on qualitative research, using the Case Study, with the support of interviews, we seek to understand, interviewing graduated students, those in training and those who dropped out of the degree in Computer Science course at the Instituto Federal Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, what were the barriers and difficulties encountered by these women in the path they followed, as well as understanding the thoughts they have about their place as a woman in technology. Finally, we hope that this research brings reflections on the place of women and the importance of female representation in the computing area in their professional acting to cooperate with the increased interest of women in technology.

Keywords: Women in technology; female inclusion; representativeness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O PAPEL CRUCIAL DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA COMPUTAÇÃO.....	11
2.1. APAGADAS DA HISTÓRIA: O PAPEL CRUCIAL E NEGLIGENCIADO DAS MULHERES NA COMPUTAÇÃO.....	12
2.2. DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS: A EVOLUÇÃO DA PRESENÇA FEMININA NA TECNOLOGIA.....	14
3. DESAFIOS E BARREIRAS SISTÊMICAS: A REALIDADE DA DOMINAÇÃO MASCULINA NO MERCADO DE TECNOLOGIA.....	16
3.1. NO ÂMBITO PROFISSIONAL.....	18
3.2. A POSIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE.....	19
4. ESTADO DA ARTE E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
5. METODOLOGIA.....	26
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	32
7. CAMINHO TRILHADO: OLHAR, ESCUTAR, SENTIR E VIVENCIAR.....	90
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia, antes mesmo da invenção das máquinas até a sua inserção no mercado de trabalho, trouxe um avanço para diversas áreas. Por ser uma ciência que tende a crescer com o passar dos anos, tal avanço tecnológico ganhou destaque na sua utilização em fábricas e empresas de influência no mundo, assim como renomados cientistas com suas invenções que revolucionaram o mercado e a vida das pessoas.

Ao destacar o mercado de trabalho, o maior exemplo que temos da mudança causada pela tecnologia é a questão das produções em massa. O que antes necessitava de muitas pessoas para a execução de uma tarefa específica, com a inserção da tecnologia, reduziu-se drasticamente essa quantidade, além de aumentar a produção e diminuir o tempo necessário. E essa agilidade, apesar de ser mais considerada na produção de mercadorias, também existe com relação a cálculos matemáticos, sendo possível destacar os cálculos feitos para levar o homem à lua, por exemplo.

Quando falamos sobre ciência, buscamos caracterizar sua influência no desenvolvimento de uma sociedade e, nessa perspectiva, vivemos um avanço social relacionado às tecnologias, eminentemente oriundas das áreas de exatas. No entanto, um olhar mais direto quanto ao aspecto humano atuante nesse cenário, nos faz reconhecer a predominância do gênero masculino.

Historicamente, “até 1984 o número de mulheres nos cursos de computação era relativamente proporcional ao de homens” (Folloni, 2020), mas, no decorrer dos anos, esse número foi decaindo. De acordo com o artigo “As Mulheres na Ciência da Computação”, apesar das mulheres terem mais acesso ao ensino superior, elas são minoria em cursos de tecnologia e engenharia, pois “a concentração de homens chega a 79,9%, ou seja, entre os que estão na Ciência da Computação, apenas 20,1% são mulheres” (Lima, 2013, p. 794). Esse declínio na participação feminina na computação após a década de 1980 pode ser atribuído a uma série de fatores históricos, culturais e sociais.

Na década de 1980, a computação era uma área emergente, com oportunidades iguais para homens e mulheres. As mulheres desempenhavam papéis fundamentais no desenvolvimento de *software* e no uso de computadores em várias indústrias. No entanto, conforme a indústria de computadores pessoais começou a se expandir, a narrativa em torno da computação começou a mudar. Estereótipos de gênero se solidificaram, retratando a computação como um campo predominantemente masculino. Filmes, programas de televisão e a publicidade frequentemente mostravam programadores e entusiastas de tecnologia como

homens, criando uma imagem de que essas áreas não eram adequadas para mulheres, como afirma Camelo (2019), desenvolvedora da Blip Blog.

É perceptível a diferença quantitativa dos públicos presentes nas “áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (chamadas de STEM - Science, Technology, Engineering and Mathematics)” (Lobo, 2022), se considerarmos homens e mulheres. O público feminino, em sua maioria, tende a escolher seguir carreira em cursos nas áreas humanas, pois “as escolhas femininas recaem sobre áreas muito específicas, como Saúde e Bem Estar (77%) e é bem menor nas áreas de STEM (30%)” (Lobo, 2022). Tal situação acaba refletindo no número reduzido de mulheres interessadas em tecnologias.

De acordo com Posser e Teixeira (2016), o número de mulheres nas salas e no mercado de trabalho voltado para a área de Tecnologia da Informação (TI) é reduzida, considerando características como incentivos em casa desde a infância ou até o problema dos estereótipos, pois é a partir “das brincadeiras ditas ‘de meninas’ que seus interesses e habilidades são moldados, reforçando estereótipos de gênero que dizem que mulheres pertencem ao lar e homens ao mundo” (Capitani, 2023). Estas são ideias pré-concebidas do lugar da mulher, pois a antiga atribuição do feminino em trabalhos exclusivamente domésticos “se alterou em razão das constantes lutas e resistências das mulheres” (Gustmann *et al.*, 2022, p. 3), mas, apesar das conquistas femininas terem permitido o pertencimento do feminino nesses espaços. Tais ideias são disseminadas e incorporadas pela sociedade, o que pode influenciar nas escolhas femininas ao optar pela área.

Considerando a tendência computacional, a situação voltada para o destaque do interesse feminino pela área tem se modificado, pois a presença feminina em subáreas da computação, como a programação, cresceu consideravelmente, visto que “Nos últimos cinco anos, a participação feminina na área de TI cresceu 60% – passando de 27,9 mil mulheres para 44,5 mil em 2019” (Ela, 2021), mas, apesar desse crescimento, “elas representam apenas 20% dos profissionais de tecnologia do país” (Ela, 2021). A partir desses dados, é perceptível que a atuação feminina nas áreas da computação ainda necessita de uma equidade para possibilitar a maior inserção das mulheres como atuantes profissionais, para que assim seja possível aumentar as buscas das mulheres por essas subáreas da computação.

Ao voltar para a base histórica do TI e da computação, no geral, se encontra a participação ativa, bem como as mudanças das áreas da TI e da computação significativas que as mulheres conquistaram, tendo nomes de destaque como Ada Lovelace, sendo esta reconhecida como a criadora dos algoritmos, Grace Hopper, que “criou a linguagem FLOW-MATIC, a primeira linguagem de programação a usar palavras como comando”

(Meira, 2023), que foi utilizada “como base para o COBOL (acrônimo de common business-oriented)” (Meira, 2023), Radia Perlman, que “criou o protocolo Spanning Tree” (Ribeiro, 2022), mais conhecido como STP, tendo este o objetivo de controlar ligações redundantes para garantir o desempenho de uma rede, e que, posteriormente “a cientista, objetivando corrigir algumas deficiências do protocolo Spanning Tree, criou o protocolo TRILL” (Ribeiro, 2022), entre outras grandes mulheres que fizeram a diferença na área da computação.

Apesar de tantas referências femininas, que tiveram feitos históricos e que mudaram a área da computação nos anos que se seguiram, por que, atualmente, a presença feminina é tão reduzida? A falta de destaque dessas mulheres pode ter acarretado nessa redução do interesse pela computação? A partir do que preconiza Souza *et al.* (2016), é necessário entender como a representatividade é um fator importante para que a área de exatas, voltadas para a programação, torne-se uma opção viável para elas. Pois, ao destacar as mulheres que fizeram e fazem diferença na área, possibilita que as profissionais, que optaram pela escolha da TI como sua área de formação e carreira profissional, também tenham suas contribuições valorizadas e reconhecidas.

O trabalho voltado para a área da tecnologia, seja em pequenas ou grandes empresas, sempre teve o seu grau de importância. E hoje, na era da tecnologia, essa profissão ganha um imenso destaque, pois a necessidade de especializações na área da programação e afins tem o seu espaço bem mais valorizado, assim como os cursos superiores voltados para a área de TI no geral. Mas e quanto à presença feminina nesses meios? As mulheres também têm o seu espaço ou enfrentam problemas?

Para que as mulheres possam escolher uma profissão para o futuro e, conseqüentemente, uma faculdade, é necessário ter, ao menos, o mínimo contato com os diversos tipos de profissões existentes. E quando se trata de computação, a motivação acaba sendo pouca ou nula, o que afeta bastante a possível escolha dessa área como uma profissão, pois assim como Sass *et al.* (2018, p. 666) cita:

[...] é preciso, além de promover o ensino do pensamento computacional nas escolas, levar a pauta da necessidade de mulheres na tecnologia. Dessa forma, as meninas podem perceber que essa é uma carreira possível e que a participação delas nessa área pode contribuir de forma muito positiva para a sociedade, visto que equipes heterogêneas produzem melhores resultados e são mais criativas.

Dessa maneira, observamos que a presença feminina nesses cursos muitas vezes é escassa por falta de acesso a esse meio, por falta de conhecimento de que é possível exercer uma profissão na área de computação. E, ainda assim, há um grande interesse por parte de algumas delas em ingressar nesses meios, mas geralmente sem sucesso.

Logo, a partir do que foi delineado, e tomando como referências mulheres incluídas nesse contexto, foi realizado um Estudo de Caso com mulheres pertencentes ao curso de Licenciatura em Ciências da Computação do Instituto Federal Baiano *Campus* Senhor do Bonfim. Foi investigado como elas compreendem sua participação no meio tecnológico, tendo foco nas ciências da computação, e qual o lugar do feminino nas tecnologias, pois o objetivo deste trabalho é compreender a razão da pouca inserção feminina na tecnologia, com foco na área de Ciências da Computação, englobando a presença da mulher nas salas de graduações e no mercado de trabalho, para entender os motivos os quais influenciam a decisão de ingressar em uma graduação voltada para a computação, quais as razões para elas optarem por exercer a função na área, as razões que ocasionam o abandono da área, e também buscar opções do que é possível ser feito para despertar a motivação ou o interesse em atuar na área de TI no público feminino que está na etapa de decisão da sua carreira profissional.

A estrutura do trabalho é composta, por sua extensão, em seis seções, além da introdução e considerações finais. As fontes utilizadas são diversas e partem de um material focado na compreensão da mulher na área da tecnologia, tanto inserida em sala, quanto na sua presença no campo de trabalho. A primeira seção intitulada “O papel crucial das mulheres na história da computação” aborda os feitos históricos que as mulheres, apagadas pelo tempo, realizaram na área da tecnologia e ciência, abordando alguns desses apagamentos, como também enfatizando o papel do estereótipo no decorrer da evolução feminina nesse campo. Na segunda seção intitulada “Desafios e barreiras sistêmicas: A realidade da dominação masculina no mercado de tecnologia” traz algumas características sobre como a dominação masculina influenciou na percepção social da mulher atuando em áreas de tecnologia, mencionando as barreiras no âmbito profissional e a percepção da mulher na sociedade. Na terceira seção, “Estado da arte e fundamentação teórica”, traz alguns trabalhos que nortearam esta pesquisa, com ênfase em trabalhos femininos. Na quarta seção, “Metodologia”, temos o caminho que este trabalho seguiu para desenvolver a quinta seção, “Análise dos dados”, na qual foi feita a análise das entrevistas, compreendendo as barreiras e dificuldades encontradas na trajetória de formação dessas mulheres. Na sexta seção, “Caminho trilhado: Olhar, escutar, sentir e vivenciar”, a autora deste trabalho pede licença para relatar sua vivência, por também ser parte direta do público o qual este pesquisa teve foco em investigar.

2. O PAPEL CRUCIAL DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA COMPUTAÇÃO

A história da computação é marcada por uma narrativa que muitas vezes apaga o papel fundamental das mulheres nesse campo. Desde os primórdios da computação, mulheres têm desempenhado papéis cruciais, porém, frequentemente negligenciados. Ada Lovelace, por exemplo, é reconhecida como a primeira programadora, desenvolvendo algoritmos para a máquina analítica de Charles Babbage no século XIX. Lovelace não apenas entendeu o potencial da computação além de cálculos numéricos, mas também previu a capacidade das máquinas de gerar música e arte, qualquer tipo de conteúdo baseado em símbolos, visões muito além de sua época.

Mulheres como Grace Hopper contribuíram significativamente para o desenvolvimento de linguagens de programação. Hopper, uma pioneira em seu próprio direito, desenvolveu o primeiro compilador, uma ferramenta que traduz código de programação em linguagem de máquina. Sua criação, o COBOL (*Common Business-Oriented Language*), ainda influencia sistemas de *software* modernos.

No entanto, essas contribuições foram muitas vezes obscurecidas por uma narrativa dominada por figuras masculinas. O papel da mulher na computação é mais do que apenas uma nota de rodapé na história; é uma parte integral e vibrante que tem moldado o desenvolvimento tecnológico em todas as suas fases. Mulheres como Hedy Lamarr, cujas invenções em comunicação de espectro espalhado foram precursoras da tecnologia Wi-Fi e Bluetooth, e como a afro-americana Marian Croak, “uma das principais mentes por trás de uma das tecnologias mais onipresentes do mundo moderno, o Voice over Internet Protocol (VoIP), que converte voz em um sinal digital que pode ser transmitido pela internet” (Harrison, 2020, tradução nossa), tecnologia esta que foi responsável pela posterior criação de chamadas de vídeo e plataformas como o *Google Meet*, *Zoom*, entre tantas outras que utilizam o VoIP para a comunicação através da internet.

Porém, a contribuição feminina também se estende às áreas da ciência no geral, pois temos invenções como a da matemática Gladys West, uma mulher negra, sendo ela “responsável pela criação do sistema de posicionamento global” (Reis, 2024). Foi West quem “programou o computador que calculava o geóide da Terra (a forma do planeta) com precisões capazes de permitir a existência do GPS” (Reis, 2024), o que contribuiu que, no futuro, essa criação pudesse ser utilizada por toda a população em carros e até mesmo em dispositivos móveis.

Também temos exemplos como as matemáticas afro-americanas da NASA retratadas no filme *Estrelas Além do Tempo* (2017), sendo elas Katherine Johnson, que a partir das “[...] pressões pelo lançamento do satélite soviético Sputnik, a Força Tarefa Espacial solicita reforços [...]” (Galoá, 2017), o que fez surgir a necessidade de “revisar os cálculos dos computadores eletrônicos que permitiriam a volta de John Glenn, que orbitou ao redor da Terra” (Galoá, 2017), e ela também “contribuiu para o sucesso da chegada do homem à Lua” (Galoá, 2017), Dorothy Vaughan, sendo ela “quem se especializou e implementou na NASA o sistema de linguagem Fortran” (Galoá, 2017), como também “contribuiu no projeto do foguete Scout (Solid Controlled Orbital Utility Test), que lançaria pequenos satélites na órbita” (Galoá, 2017) e Mary Jackson, que “Após vencer a segregação nos tribunais e ganhar o direito ao estudo, em 1958 [...] se torna a primeira engenheira negra da NASA” (Galoá, 2017), o que permitiu que mulheres negras pudessem ter a oportunidade de estudar e ocupar cargos de engenharia, assim como os homens da época. Esses são alguns dos tantos exemplos de como o talento e a perseverança feminina têm sido cruciais, mesmo quando pouco reconhecidos.

Hoje, vemos um movimento crescente para reconhecer e celebrar a presença feminina na computação. Iniciativas destinadas a promover a inclusão de mulheres nas ciências da computação e tecnologia estão ganhando força, visando corrigir a desigualdade de gênero e garantir que as vozes femininas sejam ouvidas e valorizadas nesse campo vital. Essas iniciativas não apenas proporcionam treinamento técnico e oportunidades de carreira, mas também promovem um ambiente de suporte e inclusão que é essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres na tecnologia.

À medida que avançamos, é essencial lembrar e honrar as mulheres que moldaram a computação e continuar a promover uma comunidade diversificada e inclusiva, na qual o talento feminino seja reconhecido e celebrado. Somente através do reconhecimento das contribuições passadas e do suporte contínuo ao desenvolvimento das futuras gerações é que se pode construir um campo da computação que verdadeiramente reflete a diversidade e a inovação de todos os seus participantes.

2.1. APAGADAS DA HISTÓRIA: O PAPEL CRUCIAL E NEGLIGENCIADO DAS MULHERES NA COMPUTAÇÃO

Desde os primeiros dias da computação, com o surgimento do primeiro algoritmo, a história tem frequentemente negligenciado as contribuições cruciais das mulheres. Pioneiras como Ada Lovelace, reconhecida como a primeira programadora, e Grace Hopper, inventora

do primeiro compilador, desempenharam papéis fundamentais no desenvolvimento de tecnologias que moldaram o mundo moderno. Suas realizações, junto com as de muitas outras mulheres que atuaram como matemáticas e "computadores humanos," raramente são lembradas nas narrativas tradicionais. Essas mulheres fizeram parte do que, hoje, podemos identificar como avanços imprescindíveis, tanto para a ida do homem à lua, como para conhecermos a programação da forma em que ela é hoje.

Entretanto, em contraste com os nomes masculinos frequentemente exaltados, as histórias dessas mulheres permanecem em grande parte invisíveis nos currículos escolares e na memória coletiva. Ao abordarmos a história da computação nas salas de aula, será que teremos o registro dos feitos dessas mulheres? Elas são lembradas e mencionadas nesse processo de aprendizagem? É comum conhecermos nomes como Alan Turing, Charles Babbage e diversos nomes masculinos que revolucionaram a computação com suas invenções, mas muitas das participações femininas nesses avanços não são retratadas ou amplamente divulgadas no aprendizado da história do que, hoje, faz parte da vida de tantas pessoas. A recuperação dessas histórias é vital para uma compreensão completa e justa da evolução da computação.

Ao recapitular a história, a partir da leitura do livro *A História Desconhecida das Mulheres que Criaram a Internet* (2022) da Claire L. Evans, é possível perceber que a presença feminina no meio computacional era massiva, pois “Só em 1944, pelo menos cinquenta mulheres trabalhavam no ENIAC em diferentes funções, como desenhistas, montadoras, secretárias e técnicas” (Evans, 2022, p. 48), tendo elas as responsabilidades de lidar com os vastos cálculos e aprender como lidar com a inserção das máquinas, como foi o caso do ENIAC. A presença feminina esteve nessas evoluções, mas em qual ponto essa cooperação das mulheres foi apagada na história?

Neste livro, a autora menciona o apagamento das “Seis do ENIAC”, sendo elas: Kathleen McNulty, Betty Jean Jennings, Elizabeth Snyder, Marlyn Wescoff, Frances Bilas e Ruth Lichterman. Estas mulheres foram responsáveis por aprender a utilizar a máquina ENIAC e a programá-la, sem nenhum tipo de instrução prévia. Máquina esta que, nesse ponto da história, de acordo com Evans (2022), iniciou a construção em 1944 e foi revelada ao público em 1946.

Porém, para que eles pudessem provar a capacidade do ENIAC, era necessário exibir ao público mais importante (cientistas, alto escalão do exército, etc) a máquina em funcionamento, o que coube a Betty Jean e Elizabeth Snyder “criar um cálculo de balística no ENIAC a tempo da apresentação da máquina para a comunidade científica” (Evans, 2022, p.

57), o que foi feito com sucesso. Mas a imprensa e a manchete dos jornais retrataram o evento de uma forma diferente, intitulando o ENIAC como “‘gigantesco cérebro’ e uma ‘máquina de pensar’” (Evans, 2022, p. 59) e, apesar delas terem sido fotografadas “ao lado dos colegas homens [...] as fotos publicadas nos jornais só mostraram homens de terno e condecorações militares posando com a famosa máquina” (Evans, 2022, p. 59), o que levanta o questionamento do porque esse lugar de destaque, que era merecido e que dependeu de grande esforço, não foi dado a essas mulheres na apresentação deste feito, em um momento em que elas apresentaram tal conquista?

A revisão da história da computação revela um panorama onde as contribuições das mulheres foram sistematicamente obscurecidas, apesar de seu papel fundamental em diversos avanços tecnológicos. Reconhecer e ensinar essas histórias é essencial não apenas para fazer justiça às pioneiras como Ada Lovelace, Grace Hopper e as "Seis do ENIAC" e muitas outras, mas também para inspirar e empoderar futuras gerações de mulheres na tecnologia. É imperativo que o currículo educacional inclua essas narrativas, promovendo uma visão mais inclusiva e precisa da história da computação. Ao celebrar e divulgar essas contribuições, construímos uma base mais equitativa e rica para o progresso contínuo no campo da tecnologia, garantindo que o talento e a inovação não sejam limitados por barreiras de gênero.

2.2. DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS: A EVOLUÇÃO DA PRESENÇA FEMININA NA TECNOLOGIA

Quanto à presença feminina no campo da tecnologia, de acordo com o artigo de Silveira (2018) para a BBC, ele diz que “Pode parecer surpreendente hoje em dia, mas de fato existiu uma época em que as mulheres eram maioria nesse setor.”. E essa maioria das mulheres na época se dava pela finalidade dos computadores nos primórdios de suas invenções, onde a natureza do trabalho e das ferramentas favoreciam a participação das mulheres. No entanto, ao longo das décadas, houve uma mudança perceptível nesse cenário.

Por mais que as mulheres “formavam entre trinta e cinquenta por cento da força de trabalho nos anos 1960” (Evans, 2022, p. 88), elas não tinham o mesmo direcionamento que os colegas homens em suas funções, pois “em vez de seguir para posições de liderança e avançar, elas estavam começando a se aglomerar ‘nos cargos mais baixos da hierarquia’” (p. 88) e as mudanças que se seguiram, relatadas pela autora, de “exclusão simbólica, adicionada a fatores mais concretos [...] indicou às mulheres que deveriam evitar a computação, justo quando o campo sofria com uma escassez de talentos” (p. 90). A resposta a esse movimento foi a ocupação majoritária dos espaços por homens e, desde então, os números de mulheres

presentes decaíram.

Quanto às conclusões do curso, Silveira (2018) cita, a partir de um “levantamento do total de formandos no curso de bacharelado em Ciências de Computação do ICMC”, que “O menor número de mulheres que concluíram o curso foi registrado em 2016: apenas duas (3%) ante 52 (97%) homens. Em 2017, elas chegaram a 12 (17%) dos 70 formandos”. Já quando analisamos o artigo de Folloni (2020), ela cita que “Em 2018 a ONU Mulheres apontou que apenas 17% dos programadores no mundo eram do sexo feminino” (Silveira, 2018). Esses números não apenas revelam uma falta de representação feminina na formação acadêmica, mas também na atuação profissional, sugerindo barreiras sistêmicas para as mulheres no campo da tecnologia.

Folloni (2020) também nos traz a problemática dessa falta da presença feminina em startups de tecnologia, pois, apesar dessa atribuição da profissão em tecnologia ser masculina não parecer um problema, ela retorna certas desvantagens para o público feminino, pois “As decisões no momento de recrutar e contratar profissionais acabam sendo enviesadas e projetos de tecnologia criados por mulheres batalham mais para receberem investimento”.

A posição feminina na sociedade e na computação está em constante evolução, impulsionada pelo poder da determinação, da solidariedade e da busca por justiça. À medida que avançamos para um futuro mais igualitário, é crucial reconhecer e celebrar as contribuições das mulheres em todos os aspectos da vida, capacitando-as a alcançar seu pleno potencial e transformar o mundo para melhor. Promover a visibilidade das mulheres que alcançaram sucesso em tecnologia é crucial. Prêmios, conferências e cobertura na mídia ajudam a destacar essas profissionais, criando modelos inspiradores para a próxima geração. A visibilidade dessas mulheres não apenas inspira jovens a seguir carreiras em tecnologia, mas também desafia os estereótipos de gênero persistentes na indústria.

A diversidade de perspectivas e experiências é fundamental para impulsionar a inovação e resolver os desafios complexos que enfrentamos como sociedade. Ao capacitar as mulheres na computação, não apenas estamos construindo um campo mais inclusivo e equitativo, mas também garantindo que nossa tecnologia seja desenvolvida de maneira mais responsável e ética, com o potencial de transformar positivamente o mundo ao nosso redor.

3. DESAFIOS E BARREIRAS SISTÊMICAS: A REALIDADE DA DOMINAÇÃO MASCULINA NO MERCADO DE TECNOLOGIA

A dominação masculina no mercado da tecnologia é uma realidade amplamente reconhecida e documentada, refletida na composição desproporcional das equipes e nas hierarquias corporativas. Em muitas empresas de tecnologia, os homens ocupam a maioria das posições de liderança e são a face dominante em equipes de desenvolvimento e engenharia. Infelizmente, o ambiente corporativo, muitas vezes, se tornou menos acolhedor para mulheres, com uma cultura dominada por homens que pode ser hostil ou, no mínimo, não encorajadora. Essa falta de um ambiente inclusivo desestimulou muitas jovens a seguir carreiras em computação e tecnologia, contribuindo para uma disparidade de gênero preocupante e injusta na indústria.

Essa disparidade de gênero reflete não apenas a falta de representatividade das mulheres, mas também as barreiras sistêmicas que impedem seu avanço na indústria. Desde o recrutamento até as oportunidades de promoção, as mulheres enfrentam obstáculos significativos em sua jornada profissional. A falta de modelos a seguir e de mentoria adequada, aliada à percepção arraigada de que certos campos são "apenas para homens", contribui para a manutenção desse status quo prejudicial.

Além disso, a falta de diversidade de gênero na tecnologia resulta em produtos e serviços que muitas vezes não atendem às necessidades e perspectivas das mulheres, perpetuando ainda mais o ciclo de exclusão e desigualdade. A ausência de vozes femininas na concepção e desenvolvimento de tecnologias pode levar a produtos com vieses de gênero e até mesmo prejudiciais para as mulheres. Ao considerar a pesquisa de Gonçalves e Ferreira (2022), no qual faz uma análise do viés de gênero relacionado a Inteligência Artificial na correlação entre pronomes e profissões pelo algoritmo BERT, os pesquisadores perceberam “[...] uma tendência geral de privilegiar o pronome masculino *he* em relação ao pronome feminino *she*” (p. 2) e que, nesse padrão, “[...] a única exceção para essa tendência de privilegiar o masculino foi em relação à profissão enfermagem (*nurse*), o que indica a reprodução de uma relação bastante estereotipada entre gênero e profissão” (p. 2). E nesse exemplo, é perceptível o enviesamento dos resultados do algoritmo, pois ao incluir profissões como Doutor, Engenheiro e CEO, o algoritmo retornou uma porcentagem menor para o pronome *she*, abaixo de 25%, e uma alta porcentagem ao pronome *he*, acima de 60%.

Assim como Pinheiro (2021, p. 61) cita, “Ao homem se dá o status de ser superior, e à mulher de inferior, um ser que precisa ter seus pensamentos e atos conduzidos”, permitindo

assim que seja enraizado um estereótipo de que há papéis definidos e que há um nível de dominação do masculino sob o feminino, sendo este “fortificado por esse patriarcado, que define qual é o papel da mulher, assim, a autoridade masculina determina a função feminina” (Pinheiro, 2021, p. 61). E essa definição traz desvantagens para a livre ocupação dos espaços pelo público feminino, pois com essa segregação de papéis e funções, permite-se que haja imposições comportamentais, tornando o ser masculino “um ser poderoso dominador a quem ela exalta e enaltece em todos os momentos [...]” (Pinheiro, 2021, p. 61) e, à mulher, resta ocupar a posição de ser “uma mulher exemplar para a sociedade, e caso isso não aconteça, essa mulher será tida como indesejável” (Pinheiro, 2021, p. 61), o que reduz a mulher à posição de servir, tanto em questão social, quanto no ramo trabalhista, podendo, assim, limitar as escolhas femininas quanto à carreira ou à sua posição na sociedade.

A Engenheira de *Software* Luana Gomes ao escrever na plataforma Mid by Falconi reflete sobre todos esses aspectos:

Mas você já parou para se questionar sobre quais os motivos dessa presença menor das mulheres na tecnologia? Por que temos menos mulheres na tecnologia, principalmente na área de TI do que homens?

Então, vamos pensar de forma rápida. Qual era o seu brinquedo favorito na infância? Caso você seja uma mulher, é provável que a resposta envolve panelinhas ou bonecas. Caso você seja um homem, a resposta é bem diferente. Videogames, carrinhos e computadores certamente estarão na resposta.

A divisão de brinquedos pode ser considerada natural por muitos. Porém ela reflete estereótipos de gênero que foram historicamente construídos. Neles são delegados às meninas, desde muito cedo, tarefas e interesses específicos. Geralmente voltados somente às esferas de cuidado, proteção e ao âmbito privado.

Apesar de já desbancada pela ciência, persiste ainda a ideia de que são as razões biológicas que determinam os caminhos de homens e mulheres. Ou seja, de que a mulher possui uma habilidade “natural” para as tarefas que demandam afeto e atenção. Enquanto isso, a racionalidade seria um atributo masculino (2024).

No livro *Unlocking the Clubhouse: Women in Computing* (2003), os autores Margolis e Fisher citam que “[...] desde a infância até a faculdade, a computação é ativamente reivindicada como ‘coisa de homem’ por meninos e homens” (p. 4, tradução nossa), e tendo essa percepção desde muito cedo, as mulheres desenvolveram um olhar diferente para a utilização de computadores no dia a dia, pois, como cita Evans (2022, p. 256), “enquanto meninas tendiam a ver computadores como meios de completar uma tarefa, [...] os meninos tinham uma probabilidade maior de ‘brincar com jogos, praticar programação’” e o que possibilita a familiaridade com a tecnologia é o uso constante e a visão de que tal ferramenta também é divertida de utilizar e aprender, afinal “Quanto mais diversidade há na mesa, mais o resultado na tela é interessante” (Evans, 2022, p. 272), e, atualmente, se percebe que a

participação da mulher, em uma área que já foi dominada por elas, carece dessa presença e representatividade.

Para enfrentar essa dominação masculina no mercado da tecnologia, é necessário um esforço consciente para promover a igualdade de oportunidades e criar um ambiente inclusivo onde todas as pessoas, independentemente do gênero, se sintam valorizadas e capacitadas a contribuir plenamente. Isso inclui a implementação de políticas de recrutamento e promoção que favoreçam a diversidade de gênero, o estabelecimento de programas de mentoria e apoio para mulheres em tecnologia e o combate ativo aos preconceitos e estereótipos de gênero dentro das empresas.

3.1. NO ÂMBITO PROFISSIONAL

Nas estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero em diferentes esferas da sociedade, especialmente em setores como a tecnologia, é possível observar como as relações sociais moldam as disparidades entre homens e mulheres. Em muitos campos, incluindo a tecnologia, a presença masculina é dominante, refletindo não apenas a falta de representatividade das mulheres, mas também as hierarquias de gênero arraigadas que favorecem os homens. Bourdieu em seu livro *A Dominação Masculina* (2022) argumenta que essas estruturas de dominação masculina são sustentadas por sistemas de valores, normas e práticas que privilegiam os atributos historicamente associados à masculinidade, como a assertividade, a competitividade e a racionalidade.

O mercado de trabalho, seja ele voltado para a tecnologia ou outras áreas de atuação, tem as suas exigências e padrões intrínsecos. E quando tratamos de equidade de gênero ou inclusão, esses padrões se mostram mais presentes. Essa percepção se faz aparente desde os primórdios, pois “A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’ [...] a ponto de ser inevitável” (Bourdieu, 2022, p. 22), tendo como exemplo os períodos em que a tarefa primordial de uma mulher era ser cuidadora do lar, não tendo a oportunidade de construir sua carreira profissional, enquanto o homem tinha a liberdade de ter sua vida profissional.

Mas, para além do espaço que a mulher ocupa no mercado, ter a sua posição e competência valorizada é uma situação a parte que ainda precisa ser conquistada, pois em diversos contextos da vivência feminina, se encontram relatos nos quais elas necessitam impor sua voz, sua presença e, até mesmo, a sua honra.

Em um contexto de debates ou reuniões, “têm que lutar permanentemente para ter acesso à palavra e para manter a atenção [...] cortam-lhes a palavra, orientam [...] a um homem a resposta a uma pergunta inteligente que elas acabam de fazer” (Bourdieu, 2022, p.

100), não sendo possível criar a oportunidade de expressar seus ideais e até mesmo aplicar os conhecimentos adquiridos em suas carreiras por si próprias, afinal elas são intrinsecamente influenciadas “a acreditar que ela só adquire algum valor por intermédio dos homens” (Hooks, 2019, p. 79), dependendo sempre de um terceiro, do sexo masculino, para obter posição ou ser valorizada em seu ramo de trabalho.

Já no contexto de equidade salarial, ao resgatar a situação histórica das mulheres no período em que a tecnologia era atribuída às computadoras, Evans (2022) nos relembra que as mulheres as quais eram delegadas essas funções “literalmente mapearam o cosmos, mas seu pagamento era equivalente ao de trabalhadores sem qualificação” (p. 32) e que mesmo que elas conseguissem vagas de trabalho “como computadoras [...], seus títulos oficiais não eram acompanhados do status ou do pagamento que mereciam” (p. 31), refletindo uma época em que o trabalho com as tecnologias eram delegados ao público feminino por ser considerado uma função básica, pois “as mulheres acabaram no lado do software não porque o trabalho [...] fosse mais indicado para elas, mas porque o software ainda não era uma categoria valorizada” (p. 61), refletindo exatamente essa questão do pouco valor nas funções em que exerciam, afinal, elas “são educadas pela ideologia sexista a desvalorizar a contribuição de sua força de trabalho” (Hooks, 2019, p. 156), o que faz com que a percepção feminina da sua atuação profissional não seja encarada com a devida importância a qual é merecida.

Para enfrentar efetivamente a dominação masculina no mercado de trabalho, é necessário não apenas promover a igualdade de oportunidades, mas também questionar e desafiar as normas e estruturas de poder que perpetuam as desigualdades de gênero. Isso requer a implementação de políticas e práticas que valorizem a diversidade, promovam a inclusão, o estabelecimento de programas de mentoria e desenvolvimento de liderança para mulheres, e a criação de uma cultura corporativa que valorize e celebre a contribuição de todas as pessoas, independentemente do gênero. É crucial que desafiem os estereótipos de gênero arraigados que limitam o potencial das mulheres no local de trabalho.

3.2. A POSIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE

O mundo social interpreta o corpo humano como uma questão sexual, baseando-se nesse fator para distinções de percepção mundana e divisões na sociedade (Bourdieu, 2022), afinal, a diferença física existente entre o corpo feminino e o masculino “pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (p. 26). Tendo tais diferenciações genéticas um peso tão significativo na sociedade, há o argumento de que “se à mulher foi atribuída [...] uma função biológica diferente da do homem, a ela

também devem ser atribuídas diferentes tarefas sociais” (Lerner, 2019, p. 43), o que reforça a separação entre os sexos em diversas posições.

Historicamente, as mulheres foram relegadas a papéis secundários na sociedade, frequentemente subjugadas pela cultura machista que permeia todas as estruturas. Na computação, não foi diferente. Por décadas, o campo foi dominado por homens, com poucas oportunidades para as mulheres se destacarem. O machismo arraigado na cultura da computação muitas vezes se manifesta de maneiras sutis, como a falta de incentivo e reconhecimento às contribuições femininas ou a perpetuação de estereótipos de gênero que desencorajam as mulheres a seguirem carreiras nessa área. No entanto, as mulheres persistiram, desafiando as expectativas e demonstrando sua competência e habilidade na programação, na engenharia de software e em outros campos relacionados.

Hooks (2019), nos traz uma reflexão sobre a percepção da mulher e a maneira em que elas se identificam, considerando as opiniões da sociedade, o qual a autora diz:

As mulheres precisam saber que podem rejeitar as definições sobre a realidade em que vivem oferecidas pelos poderosos, que podem fazê-lo mesmo sendo pobres, exploradas ou vivendo em circunstâncias opressivas. Precisam saber que o exercício desse poder pessoal básico é um ato de resistência e de força. Muitas mulheres pobres e exploradas, sobretudo as de cor, não teriam sido capazes de desenvolver conceitos positivos sobre si mesmas se não tivessem exercido o poder de rejeitar as definições sobre a sua realidade oferecidas pelos poderosos. (p. 141)

Afinal, a perspectiva social e a visão dos homens de poder em atribuir realidades com base na sua posição, seja ela com base no financeiro ou no gênero, tem a capacidade de segregar as mulheres a ocuparem os locais que os ditos poderosos consideram como pertencentes a elas. E esse exercício de resistência em negar essa atribuição de onde a mulher deve estar ou não também faz parte de conhecermos o lugar do feminino perante a sociedade.

O feminismo emergiu como uma força poderosa, reivindicando direitos iguais e oportunidades justas para mulheres em todas as áreas da vida. Na computação, movimentos feministas e iniciativas de apoio às mulheres começaram a ganhar força, criando espaços seguros e promovendo a inclusão de gênero. À medida que a conscientização sobre a importância da diversidade de gênero cresce, as organizações e instituições começam a reconhecer os benefícios de ter uma força de trabalho mais equilibrada.

As mulheres estão cada vez mais ocupando posições de liderança na indústria da tecnologia, trazendo perspectivas únicas e impulsionando a inovação. Como cita no site Startse (2024), “elas ocupam 33,5% dos cargos de liderança sênior em empresas de médio

porte no mundo – um avanço de 14,1% nos últimos 20 anos e de apenas 1,1% em relação ao ano passado”, o que também traz uma grande vantagem para as empresas, pois “a consultoria McKinsey divulgou que empresas diversas em termos de gênero têm uma tendência financeira 25% melhor do que seus pares” (Tilia, 2024), então a presença feminina no mercado tecnológico, principalmente em posições de liderança, contribui diretamente com o crescimento das empresas, possibilitando um maior ganho financeiro, como também abre espaço para que outras mulheres se sintam capazes de assumir lideranças em cargos vistos pela sociedade como majoritariamente masculinos.

No entanto, os desafios persistem. O machismo ainda é uma realidade em muitos ambientes de trabalho, e as mulheres continuam enfrentando barreiras no avanço de suas carreiras, pois, no mundo corporativo, “a ascensão de mulheres a cargos de liderança ainda é envolta em estigmas” (Perez, 2023) e o que possibilita que elas alcancem esse patamar dentro da empresa, é o contato direto com líderes, porém “as mulheres têm menos acesso a redes de relacionamento e disponibilidade de tempo fora do escritório”, e essa realidade, por muitas vezes, as forçam a priorizar outros fatores acima da carreira no mercado.

É fundamental que todos os setores da sociedade se unam na luta pela igualdade de gênero, criando políticas e práticas que promovam um ambiente inclusivo e acolhedor para todos. A jornalista Bauer (2021) cita que em uma pesquisa realizada pelo site “Catho em parceria com a UPWIT (Unlocking the Power of Women for Innovation) mostrou que mais da metade das mulheres que trabalham em tecnologia já sofreram discriminação no setor” e além disso, “segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), 34% das mulheres que atuam no setor de TI ganham menos do que os homens, mesmo apresentando maior expertise no assunto”, o que traz uma perspectiva para as mulheres de que trabalhar nas áreas de tecnologia não traria o retorno esperado, pois essa dedicação não se reflete na valorização do trabalho delas no salário, muito menos no reconhecimento dentro das empresas.

A luta das mulheres para entrar nas profissões da computação e informática não é apenas uma questão de igualdade de oportunidades, mas também uma questão de justiça social e econômica. A exclusão das mulheres dessas áreas resultou em uma perda significativa de talentos e perspectivas, limitando o potencial de inovação e progresso tecnológico. Muitas mulheres com talento e paixão pela computação foram desencorajadas ou impedidas de seguir suas ambições profissionais devido a barreiras estruturais e culturais. Isso não apenas prejudicou as próprias mulheres, privando-as de oportunidades de carreira e desenvolvimento pessoal, mas também limitou o potencial de crescimento e inovação da indústria como um todo.

À medida que a conscientização sobre a importância da diversidade de gênero cresce, têm surgido iniciativas e movimentos que buscam promover a inclusão das mulheres na computação. Programas de mentoria, como o programa realizado pela WoMakersCode focado em mulheres, o evento Summit realizado pela PrograMaria que também fornece mentorias e o Mothers In Science, que tem um foco em oferecer mentorias para mães que são dos setores de STEMM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Matemática e Medicina), grupos de apoio, projetos voltados para o público feminino e campanhas de conscientização têm ajudado a criar espaços mais acolhedores e acessíveis para as mulheres que desejam seguir carreiras nesse campo.

Apesar disso, ainda há uma disparidade significativa entre os gêneros em termos de representação e remuneração na computação e informática. O machismo e os preconceitos de gênero continuam a ser uma realidade em muitos ambientes de trabalho, dificultando o avanço profissional das mulheres. Segundo as autoras Ferreira e Bueno (2022, p. 7):

A falta da diversidade de gênero na área da Tecnologia da Informação é uma das fortes questões que impedem a mulher de ocupar cadeiras e títulos importantes na Ciência. A predominância masculina no círculo acadêmico e no mercado de trabalho assusta e afasta as mulheres, fazendo com que elas não se sintam confortáveis nestes ambientes. A chamada cultura “brogrammer” evidencia o estereótipo do programador homem, branco, cis e a crença das pessoas, incluindo o público feminino, de que a área de Tecnologia de Informação não é o lugar de mulheres, e é uma consequência da desigualdade de sexo e gênero nesses universos.

Para superar esses desafios, é necessário um esforço conjunto da sociedade como um todo. As empresas e instituições precisam adotar políticas de igualdade de gênero e promover uma cultura organizacional inclusiva. Além disso, é fundamental que a educação e a conscientização sobre questões de gênero sejam integradas desde cedo, incentivando meninas e mulheres a explorarem seus interesses na computação e informática.

À medida que trabalhamos juntos para criar um ambiente mais igualitário e inclusivo, as mulheres continuarão a desempenhar um papel fundamental no avanço da tecnologia e na transformação do mundo digital. Sua contribuição é não apenas necessária, mas essencial para garantir um futuro mais justo e equitativo para todos.

4. ESTADO DA ARTE E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A computação, desde os primórdios da sua criação e utilização em corporações e universidades, teve um grande destaque pelo público masculino, ou essa é a visão que acabamos tendo no decorrer do nosso aprendizado em escolas e na própria sociedade em geral. Apesar de grandes mulheres terem feito a diferença na área tecnológica e da programação, como Ada Lovelace, que foi uma das mulheres com grau de importância para as ciências da computação, o maior destaque é do público masculino, o que acaba ofuscando grandes feitos realizados por mulheres.

Neste trabalho, baseei-me em estudos que buscam compreender a razão para o apagamento do feminino na área da tecnologia. Por tratarmos de uma questão a qual o público em foco é a mulher, é importante priorizar trabalhos escritos por mulheres para embasar esta pesquisa. A partir de buscas no *Google Acadêmico*, utilizando as palavras-chave “Mulheres na computação”, “Mulheres na tecnologia”, “Mulheres na TI” e “Gênero na computação”, foram encontrados em torno de 25 resultados de artigos que condizem diretamente com o tema deste trabalho. Porém, como o objetivo foi, além de tratar sobre a inclusão feminina, compreender questões sociais que poderiam ser fatores impeditivos da permanência e preferência das mulheres pela área da computação, reduzimos esses resultados a 6 artigos e incluímos 4 livros que corroboram com a discussão do feminino na sociedade.

No artigo de Sass (2018), que aborda a estratégia de ensino da lógica de programação para mulheres, ela traz a razão pela qual há a necessidade de trazer em pauta a discussão para a motivação desse público em específico, objetivando que as mulheres possam ser inseridas nesse meio em maior quantidade.

Afinal, a presença feminina em uma área considerada masculina apenas se faz possível quando se é apresentada a possibilidade a elas desde o início, mas apenas essa ação não se faz suficiente, pois o incentivo ao ingressar é o que as motivam a prosseguir. E a partir do momento que elas se deparam com “o imaginário estabelecido socialmente de que a mulher não é capaz, não pode ser aluna ou profissional da área da computação” (Souza *et al.*, 2016, p. 1182), é o momento o qual necessitamos entender o porquê que essa “teoria” existe e o que pode ser feito para que ideias dessa magnitude não impeçam o público feminino de adquirirem o conhecimento computacional e se destacarem em suas respectivas áreas do campo tecnológico.

Quando tratamos sobre inclusão relacionada a gênero em campos da ciência e tecnologia, é possível compreender a necessidade de se discutir a discrepância de públicos

nessas áreas. A partir das pesquisas realizadas, utilizando o *Google Acadêmico*, para melhor compreender a proporção da necessidade de entender a respeito da pouca inserção de mulheres na tecnologia, encontrei artigos os quais trouxeram metodologias inclusivas, levando em consideração mulheres de todas as idades, e seguindo uma linha colaborativa.

O artigo *Relato Tech Ladies: Redes de Colaboração Entre Mulheres na Tecnologia*, da autora Souza *et al.* (2016) traz a fala relacionada a escassez de mulheres na tecnologia no progresso tecnológico e apresenta a rede *Tech Ladies*, que tem como objetivo incentivar várias mulheres através de palestras, eventos, oficinas, entre outras programações como meio de incluí-las na área computacional e incentivar o empoderamento feminino nesse espaço que, geralmente, é considerado masculino.

Já no artigo *Mulheres que Aprendem Informática: Um Estudo de Gênero na Área de TI* dos autores Posser e Teixeira (2016), além de trazer a mesma indagação sobre a extrema diferença entre o número de homens e mulheres nos cursos de Tecnologia da Informação. Neste trabalho, os autores optaram como metodologia a aplicação de questionário em páginas da internet que tem o público feminino com interesse em tecnologia como alvo e entrevistas com alunas e profissionais da Universidade de Passo Fundo, com o objetivo de compreender a discrepância da participação feminina nas áreas de tecnologia.

Também me baseei nos livros *A história desconhecida das mulheres que criaram a internet* (2022), de Claire L. Evans, com objetivo de trazer a história das mulheres que contribuíram para diversas invenções e tiveram seus nomes apagados na história, *Teoria Feminista: Da margem ao centro* (2019), de Bell Hooks, para entender a questão social da influência do feminismo na conquista da mulher pelos espaços na sociedade, *A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens* (2019), de Gerda Lerner, para compreender o quão o patriarcado colocou as mulheres nesse lugar de ser oprimido, e o livro *A Dominação Masculina* (2022), de Pierre Bourdieu, para embasar a situação da mulher na esfera social e o quanto a dominação do homem tem construído a visão dos sexos na realidade social.

Com base no tema geral desta pesquisa, abordando sobre a discrepância do público feminino nos espaços, utilizou-se como base de pesquisa os artigos *Análise e Reflexões Sobre a Diferença de Gênero na Computação: Podemos Fazer Mais?*, de Lopes *et al.* (2023), que traz dados da presença feminina e inclui iniciativas para maior incentivo atrativo de mulheres para a área da computação, o artigo *Redes Sociais e Mulheres na Computação: Iniciativas Divulgadas no Meio Digital*, de Menezes (2021), que aborda mais especificamente sobre essas iniciativas virtuais, analisando perfis que tem como foco esse incentivo a participação

feminina na computação e o artigo *Cultura da Computação Para Além da Normatividade: Participações e Produções*, de Oliveira *et al.* (2021), que traz a discussão sobre as mudanças culturais que permeiam a área da computação.

Considerando estes materiais de pesquisa, busquei entender os desafios e percalços que as mulheres, as quais direcionei essa pesquisa, enfrentaram na sua jornada de formação e o quanto o social influenciou na carreira e nas decisões atuais que elas tomaram.

5. METODOLOGIA

A análise dos gêneros em ambientes universitários e áreas profissionais voltados para a tecnologia é uma pauta importante, considerando que, na computação, é perceptível a diferença do público feminino e masculino. Mesmo que haja mulheres que contribuíram fortemente para a área tecnológica, desde a programação, e do algoritmo criado a partir da matemática, até a criação das máquinas e o termo “computadoras” para grupos de mulheres que faziam a função de calculadoras humanas, a realidade atual e das salas em cursos superiores de tecnologia se mostram inversas e a presença feminina se mostra quase nula, considerando a grande presença das mulheres nos primórdios da computação.

Tal contexto pode e deve ser objeto de investigação, uma vez que o fazer ciência contribui para o avanço social, portanto, nossa compreensão acerca da Pesquisa é de ser “[...] um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 155). Portanto, questões de cunho epistemológico podem não só responder, como contribuir para uma mudança do cenário existente.

Considerando essa perspectiva, para responder à questão de pesquisa “Como as mulheres entendem sua participação no meio tecnológico, com destaque para a ciências da computação? E qual o lugar do feminino nas tecnologias?”, entendemos que o método qualitativo se apresentou ideal, uma vez que “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 49), o que nos faz compreender a necessidade de analisar numa perspectiva indutiva, a partir dos elementos encontrados no processo.

Essa pesquisa justifica-se ainda, na generalização da interpretação dos resultados encontrados, no que consideramos como uma pesquisa de estudo de caso, pois esse método “permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (Yin, 2001, p. 21), essa abordagem envolve a investigação detalhada e profunda de um único caso ou de um número limitado de casos dentro de seu contexto real, com o objetivo principal de obter um entendimento profundo e contextualizado do fenômeno em questão, e o estudo das situações as quais essas mulheres vivem é uma das necessidades para compreender como elas chegaram onde chegaram e fizeram as suas decisões, considerando as possíveis barreiras que tiveram.

Como um meio de compreensão do tema e as razões pelas quais vivenciamos essa realidade, foi definido como estratégia de coleta de dados a entrevista, objetivando entender

as razões da pouca inserção feminina na área da tecnologia e para que fosse possível investigar e identificar os diversos tipos de opiniões e razões pelas quais as mulheres evitam cursar ou exercer profissão nas áreas tecnológicas.

- **Primeira Etapa**

Para o primeiro momento deste trabalho, foram buscadas mulheres as quais se encaixavam no objetivo de estudo, sendo elas alunas do curso Licenciatura em Ciências da Computação do Instituto Federal Baiano *Campus* Senhor do Bonfim. Nessa etapa, buscou-se os dados na Secretaria Escolar do campus, foi solicitado o nome e o contato das discentes do curso de Licenciatura em Ciências da Computação, porém devido a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) nº 13.709/2018, que dispõe em seu art. 1ª sobre o tratamento de dados pessoais, "inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural" (Brasil, 2018), não houve como conseguir o contato das alunas, apenas os dados públicos, as listas com os nomes dos aprovados nos vestibulares do ano 2010 a 2023. Devido a esta dificuldade, o foco foi contatar alunos e professores do curso que tinham o contato das discentes que já concluíram o curso, as que evadiram e as que estão cursando que tivessem interesse em participar desta pesquisa.

Pela dificuldade em encontrar as formadas das turmas mais antigas, foi necessário contatar e pedir ajuda dos professores da Instituição para ter esses dados e ajudar nesse primeiro contato, como também houve a necessidade de contatar o Colegiado do curso de Licenciatura em Ciências da Computação do Instituto Federal Baiano *Campus* Senhor do Bonfim para solicitar a disponibilização de um documento contendo os nomes de todos os discentes, para que assim tivesse um norte de quais pessoas contatar.

Nesta etapa, foram contatadas 20 mulheres para participar da pesquisa. Dessas 20, conseguimos o retorno de 17, que toparam participar das entrevistas.

O segundo momento dessa etapa foi o agendamento das entrevistas. Nesse momento, o contato se fez exclusivamente pelo aplicativo de mensagens *Whatsapp*, com o objetivo de esclarecer sobre o que se tratava a pesquisa, se havia disponibilidade e interesse delas em participar. Para melhor organizar, foi criada uma planilha no *Google Sheets* para definir os horários, como também para anotar os nomes das mulheres que aceitaram contribuir com suas experiências de vida.

E no terceiro momento dessa etapa, foi planejado o roteiro de perguntas com base nos perfis que buscava entrevistar. Utilizando a ferramenta *Google Docs*, foi considerada para a elaboração das perguntas uma abrangência de fatores, como dificuldades no dia a dia e possíveis barreiras de compreensão dos temas, com a intenção de permitir que as entrevistadas tivessem a oportunidade de adicionar informações da sua trajetória que elas considerassem relevante para contribuir com a pesquisa.

Por ser uma amostra consideravelmente grande, foi necessária a divisão em três grupos/perfis, sendo eles: As mulheres Em Formação, que são as que já estão na faculdade de tecnologia, as Evasões, que são as que cursaram o curso por um período, mas não prosseguiram, e as Formadas, que são as mulheres que seguem a carreira (ou não) em alguma área da tecnologia. As perguntas desenvolvidas, considerando a divisão dos grupos, foram as seguintes:

- Perguntas em comum:

Qual a sua motivação por ter escolhido o curso de Licenciatura em Ciência da Computação no IF Baiano Campus Senhor do Bonfim? Você tinha interesse prévio em seguir a área de computação? Houve motivações no seu círculo social ou familiar? Ou mesmo outro tipo de fator que tenha despertado algum interesse?

Quando você entrou no curso de Licenciatura em Ciências da Computação no IF Baiano Campus Senhor do Bonfim, observou se havia uma quantidade considerável de mulheres no ambiente de sala de aula na graduação? Que sensação/sentimento gerou em você?

Nota-se que existe um número ainda destoante/discrepante entre homens e mulheres no ramo das tecnologias e no caso em questão na área da computação. Você acredita que há algum impeditivo para essas mulheres ingressarem nessa área?

Durante a sua permanência no curso de Computação, você percebeu, em algum momento, algum tratamento diferente que não ocorria com colegas do sexo masculino, por parte dos próprios colegas ou mesmo professores, que tenha gerado alguma sensação discriminatória, como se você tivesse menos capacidade que o seu colega homem? Ou mesmo, se você sofreu algum preconceito ou se deparou com estereótipos relacionados ao gênero no decorrer dos seus estudos em tecnologia?

Houve algum apoio (social, psicológico) ou recurso financeiro (bolsas, auxílios) da Instituição que te ajudou nos desafios que precisou enfrentar na sua formação? Além disso, você acredita que falta nas instituições, e no IF Baiano no curso de Licenciatura em Ciências da Computação um incentivo ou discussões sobre a permanência de mulheres no curso?

Você que vivenciou a área da computação com o curso de Licenciatura em Ciências da Computação e como mulher, conhece algum ou alguns projetos voltados especificamente para mulheres na área de tecnologia, mulheres na área de computação? Acredita que iniciativas, como projetos voltados para mulheres, cooperam com a motivação de permanência na área?

Acredita que há espaço para mulheres na área da computação? Por quê?
--

○ Perguntas específicas:

■ Formadas

Você já foi desencorajada, por colegas ou público externo, de continuar seus estudos na área?

Ao se deparar como graduada em Licenciatura em Ciência da Computação, você conseguiu se inserir no mercado de trabalho na área em questão, após concluir o curso?

(Caso a resposta anterior seja sim) A partir da sua vivência no mercado, considera que há inclusão do feminino no meio profissional na área de computação? Você enfrentou algum desafio ou preconceito específico de gênero ao procurar emprego ou iniciar sua carreira em tecnologia?
--

(Caso a resposta seja não) Por qual motivo você não se inseriu ou não conseguiu se inserir no mercado de trabalho na área em que se formou?

■ Em Formação

Você já foi desencorajada, por colegas ou público externo, de continuar seus estudos na área? E isso tenha gerado em você um receio que o gênero seja um impeditivo para trabalhar na área?

Você sente dificuldade em acompanhar os temas das aulas? Acha que a maneira a qual o ritmo de ensino é planejado te motiva ou desmotiva? E você poderia dar alguma sugestão para melhorar?
--

Como você acha que será a indústria de tecnologia em termos de diversidade e inclusão de gênero na próxima década? e que mudanças você espera ver?
--

■ Evasão

O que a desmotivou, a fez não seguir na área, abandonar o curso? Você migrou para algum outro curso, ou seguiu outro ramo de trabalho?
--

Você sentiu dificuldades em acompanhar os temas das aulas? Acha que a maneira a qual o ritmo de ensino foi planejado te desmotivou?

As perguntas em comum foram as perguntas realizadas para todas as entrevistadas, considerando o grupo o qual foi designado nesta pesquisa. Já as perguntas específicas foram realizadas apenas para as pessoas dos respectivos grupos, para que assim fosse possível compreender as diversas dificuldades de acordo com a divisão realizada para melhor análise das respostas obtidas.

Considerando essa divisão de grupos das entrevistadas, foi percebido alguns padrões relacionados a cada uma dessas mulheres, a partir do vínculo e situação a qual elas estavam com relação ao curso de Licenciatura em Ciências da Computação. Ao contatá-las, tivemos acesso a alguns dados pessoais que contribuíram para as análises das entrevistas.

Quando tratamos sobre as informações de egresso no curso, com base nos grupos mencionados anteriormente, temos a seguinte estruturação das participantes:

Formadas Do total de 6 mulheres:	Em Formação Do total de 6 mulheres:	Evasão Do total de 5 mulheres:
2 foram da turma de 2010	1 é da turma de 2018	3 foram da turma de 2016
2 foram da turma de 2013	1 é da turma de 2019	1 foi da turma de 2017
1 foi da turma de 2014	4 são da turma de 2021	1 foi da turma de 2018
1 foi da turma de 2015	-	-

Ao tratarmos da faixa etária de cada grupo, o que nos direcionou a compreender melhor a situação atual de cada entrevistada, temos os seguintes dados:

Formadas Do total de 6 mulheres:	Em Formação Do total de 6 mulheres:	Evasão Do total de 5 mulheres:
1 tem 27 anos	2 têm 21 anos	1 tem 29 anos
2 têm 29 anos	1 tem 22 anos	1 tem 30 anos
1 tem 32 anos	2 têm 24 anos	1 tem 33 anos
1 tem 36 anos	1 tem 27 anos	1 tem 35 anos
1 tem 33 anos	-	1 tem 36 anos

Com esses dados, a análise dos dados da entrevista possuiu uma maior riqueza de interpretações, pois a partir da idade e da longevidade do egresso dessas mulheres, foi possível compreender os impactos das barreiras encontradas por elas nessa trajetória.

● Segunda Etapa

Para a segunda etapa dessa investigação, foram entrevistadas as mulheres que estão cursando o superior em computação, especificamente as alunas do curso de Licenciatura em Ciências da Computação, as alunas que já concluíram e as que evadiram do curso.

Todas estas entrevistas foram realizadas por meios virtuais, através da plataforma *Google Meet*, para facilitar o acesso a todas as entrevistadas, pois as mulheres do grupo de

Formadas atualmente não residem na cidade de Senhor do Bonfim. Após solicitar autorização para registro das entrevistas para posterior análise, foram feitas perguntas objetivas, considerando a divisão do grupo, com o objetivo de abrir uma discussão a respeito do tema e a realidade que elas viveram e vivem. O objetivo desse método foi compreender, a partir dos relatos e da análise das respostas das entrevistadas, o que as motivou a optarem pelo curso, tomarem o mesmo como uma carreira ou evadirem.

- **Terceira Etapa**

Já para a terceira etapa, foram analisados os dados internos do curso de Licenciatura em Ciências da Computação do IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, do período de 2010 até 2023, para analisar o quantitativo de mulheres que ingressaram no curso, considerando a divisão das entrevistas para entender quantas mulheres se formaram, quantas estão cursando e quantas evadiram, com o objetivo de analisar esses números em conjunto com as respostas adquiridas nas entrevistas.

Seguindo as etapas da coleta de dados e analisando qualitativamente a resposta dessas mulheres, como também quantitativamente os dados adquiridos pelo documento cedido pela Instituição, foi possível compreender as dúvidas levantadas nesta pesquisa e, a partir de tais resultados, entender a real motivação para que o público feminino esteja em número reduzido nas salas e atuando na computação, considerando a área docente e a área específica de atuação, e o que é necessário se modificar para que possamos mudar essa realidade no futuro e as mulheres obterem o seu espaço no vasto campo da tecnologia.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor compreender as problemáticas em volta da falta do feminino nos espaços de trabalho e nas salas em cursos voltados para a tecnologia, a partir da presença feminina no curso de Licenciatura em Ciências da Computação do IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, buscamos conversar com o público que é diretamente atingido: as mulheres que buscam ingressar nesta área. Com isso, para este trabalho, a maneira ideal para entender as frustrações e dificuldades que melhor corroboram com a pesquisa foi entrevistar cada uma, individualmente.

Dessa forma, as informações coletadas através da pesquisa seguem o padrão de divisão entre perguntas em comum e perguntas específicas para melhor compreensão das dúvidas levantadas no decorrer deste trabalho, como também para entender as opiniões e vivências das entrevistadas como mulheres em uma área predominantemente masculina.

Para uma melhor identificação das entrevistadas, utilizamos o padrão de numerar a entrevistada e, posterior ao número, uma ou duas letras de identificação do grupo o qual aquela participante foi designada neste trabalho. Sendo assim, as Formadas são identificadas como “Entrevistada 1F”, as Em Formação são identificadas como “Entrevistada 1EF” e as Evasões são identificadas como “Entrevistada 1E” e assim sucessivamente.

Por se tratar de entrevistas de caráter extensivo, no qual as entrevistadas puderam responder as perguntas incluindo informações que elas consideravam importantes para a pesquisa, foi necessário reduzir algumas respostas, considerando a pergunta que foi realizada para cada uma das entrevistadas, para evitar estender o trabalho além do que era estritamente necessário para compreender as opiniões e respostas das entrevistadas.

No primeiro questionamento, buscamos entender as motivações pela escolha do curso e se houveram incentivos externos que as fizeram decidir cursar Ciências da Computação.

Qual a sua motivação por ter escolhido o curso de Licenciatura em Ciência da Computação no IF Baiano Campus Senhor do Bonfim? Você tinha interesse prévio em seguir a área de computação? Houve motivações no seu círculo social ou familiar? Ou mesmo outro tipo de fator que tenha despertado algum interesse?

As respostas das entrevistadas que estão no grupo das Formadas, foram:

Entrevistada 1F: Eu sempre me interessei muito pela área de tecnologias, mas a princípio o curso era TIC, então eu sempre me interessei muito, tive muita curiosidade, e aí foi por isso que eu decidi fazer esse curso. Durante o ensino médio, eu não pensava em fazer nada voltado a tecnologia, eu tinha em mente outras áreas, mas com o tempo eu fui percebendo que não era aquilo que eu queria, e aí passei a me interessar mais pela área de tecnologia,

mas não era um curso que eu sempre pensei em fazer.

Entrevistada 2F: Eu sempre gostei muito de tecnologia, desde quando estudava no ensino fundamental, ensino médio, e aí meu pai trabalhava na prefeitura, fiscal de obras, e aí às vezes ele ia para feira no dia de sábado né, como eu não tinha aula ele me colocou num curso de informática, e foi aí que abriu mais o interesse pela área tecnológica. E confesso que quando eu me inscrevi no curso foi mais por questão de localidade, porque a família de mãe morava aí, então eu preferi mais estar perto de alguém conhecido do que ir para alguma cidade muito longe, e foi o que deu certo.

Entrevistada 3F: O curso de Licenciatura em Ciências da Computação, é, [...] poderíamos dizer que é mais masculino né, mas é uma área que possibilita diversas áreas de profissionalismo, tanto como professor e outras áreas e era esse o meu interesse né, porque eu sempre fui aquela pessoa que eu não sei o dia de amanhã, então hoje eu posso lecionar, amanhã eu posso trabalhar em outra área, como eu tô trabalhando atualmente, entendeu? Então, o curso de computação, ele me possibilita essa dinâmica aí no mundo profissional, então foi isso que mais me chamou atenção no curso.

Entrevistada 4F: O interesse pela área veio a partir da afinidade com informática no geral. Desde cedo, realizava atividades no computador e tinha facilidade de pesquisar e aprender por conta própria a resolver os problemas que surgiam no dia a dia com a ferramenta.

Entrevistada 5F: Eu sempre gostei muito de tecnologia, muito mesmo, mas eu sempre gostei muito mais de educação [...]. Aí eu pensei né, enfim, vou fazer alguma licenciatura, porque eu quero ser professora, era algo que eu tinha muito forte dentro de mim, queria muito ser professora. [...] A motivação realmente foi por conta do interesse pela área da tecnologia e pela educação. Depois que eu fiz o ENEM também, [...] eu fui procurar pelas cidades próximas, e em Senhor do Bonfim tinha "Licenciatura em Ciências da Computação". Eu não conhecia o curso, não fazia ideia de que existia um curso de Licenciatura em Ciências da Computação, então o que realmente pesou na minha escolha foi o fato de ser uma licenciatura, que era algo que eu já tinha me decidido que faria, e de ter relação com tecnologia, que era algo que eu tinha muito interesse.

Entrevistada 6F: Só tinha interesse em ser professora. Na minha turma, na época, nem era Ciências da Computação, era TIC, depois mudou o nome porque viu que nem seria tão interessante pro mercado ter esse curso, aí mudou para Ciências da Computação, mas eu comecei no curso por ser licenciatura, eu tinha interesse em ser professora apenas. Não era computação né, parecia ser uma coisa mais genérica, mas depois eu até que gostei do curso, me adaptei bem.

Considerando essas respostas, a maioria das entrevistadas do grupo de Formadas demonstrou ter escolhido o curso, inicialmente, pelo interesse na área de tecnologia e computação em geral. Em segundo, a escolha ficou como sendo pelo interesse na licenciatura, pela vontade em atuar como professora e pela vontade de poder atuar profissionalmente com flexibilidade na área.

Esse primeiro questionamento está em um âmbito mais pessoal, nele buscamos entender as motivações pela escolha do curso de Licenciatura em Ciência da Computação no

IF Baiano Campus Senhor do Bonfim e se houve incentivos externos que influenciaram essa decisão.

A Entrevistada 1F relatou um interesse inicial pela área de tecnologias, embora durante o ensino médio não tivesse pensado em seguir esse caminho. Com o tempo, ela percebeu que a tecnologia era a sua verdadeira paixão. A Entrevistada 2F destacou seu interesse precoce por tecnologia, potencializado por um curso de informática incentivado por seu pai. A proximidade da família também influenciou sua decisão. A Entrevistada 3F valorizou a versatilidade profissional oferecida pelo curso de Licenciatura em Ciências da Computação, que lhe permite atuar como professora ou em outras áreas. Essa flexibilidade foi um fator decisivo em sua escolha. A Entrevistada 4F mencionou uma afinidade natural com a informática desde cedo, demonstrando habilidade autodidata em resolver problemas. A Entrevistada 5F sempre teve uma paixão por tecnologia e educação, e seu desejo de ser professora a levou a escolher uma licenciatura. Após fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ela optou pelo curso devido à proximidade e pela oportunidade de combinar seus interesses. Por fim, a Entrevistada 6F inicialmente escolheu o curso pela licenciatura e interesse em lecionar, adaptando-se bem ao curso de computação com o tempo.

Podemos notar que a maioria das entrevistadas escolheu o curso por aptidão, por realmente querer a área da tecnologia, da computação. Apenas uma (3F) citou que era uma área mais masculina, o que destaca que se essa diferença entre ser de menino e de menina é algo imposto, existem estereótipos atribuídos à figura feminina, que conforme Bourdieu (2022), estão enraizados e naturalizados na sociedade, o autor argumenta que as escolhas educacionais e profissionais são moldadas por um conjunto de influências sociais e pessoais acumuladas ao longo do tempo, refletindo a interação entre predisposições individuais e contextos sociais específicos. Além de ressaltar a visão androcêntrica do mundo em que estamos inseridos, visão que está presente em nosso inconsciente construído historicamente. Essas mulheres ao optarem por uma área de tecnologia, especificamente computação, por gostarem, quebram vários estereótipos que lhes foram impostos.

No grupo das entrevistadas Em Formação, as respostas foram:

Entrevistada 1EF: Então, eu nem sabia que tinha esse curso. Inicialmente, minha primeira opção de curso seria fora de Bonfim, e aí eu soube que tinha e foi por sugestão da minha mãe, ela falou "você gosta tanto de ficar no computador o dia inteiro", eu falei "ah, legal", aí começou a surgir o interesse a partir daí, aí eu entrei com um interesse já por porque eu comecei a pensar nisso, "realmente eu fico o dia todo no computador, talvez seja legal, talvez eu tenha facilidade".

Entrevistada 2EF: As oportunidades e os cursos disponibilizados na região, era o único

curso que eu me interessava em fazer. Eu tinha vontade de fazer outro, mas a parte financeira também, e eu vi que o curso era algo que o mercado de trabalho tava crescendo bastante, e eu sempre gostei muito de tecnologia, e aí eu entrei por causa disso.

Entrevistada 3EF: Na verdade, eu iniciei letras e aí foi à distância, e aí foi que me deu um estalo quando eu terminei de escrever o TCC de letras, me deu uma sacada, [...] que eu fui pro mercado de trabalho, falei "não, preciso estudar mais, aqui não tá tão confortável assim", e aí foi quando eu decidi, falei "não, eu vou fazer, eu quero entrar numa universidade pública", e aí a minha ideia de fato era entrar numa universidade pública. Quando eu terminei, eu comentei com uma pessoa próxima a mim e eu falei assim "eu quero fazer algo que me dê um leque de oportunidades pra poder escolher que área eu quero trabalhar", [...] e aí foi quando eu fiz o ENEM e aí, só aí, que eu descobri o IF e descobri Ciências da Computação. Aí uma pessoa próxima a mim, meu pai, que é bastante influente nessa parte, "olha, eu acho que você vai se dar bem em Ciências da Computação", e aí tem toda aquela mistificação né, "não, você se dá bem com o computador, você manja, você mexe", aí eu falei "é", aí me inscrevi.

Entrevistada 4EF: Eu sempre gostei de computador, mas não era nada que eu quisesse assim pra minha vida, mas eu sempre fui muito malina, mexia, tinha conhecimento de alguma coisa, mas eram básicos assim, aí eu vi o curso de informática, falei "é, vou lá aprender a formatar" era o meu pensamento, aí eu fui, fiz o técnico de informática, aí a partir do técnico de informática, eu fui conhecendo a área e tendo interesse, aí eu descobri que dentro da computação, eu poderia também trabalhar a parte que eu gosto, de sociologia, ciências sociais, atrelado a tecnologia, aí eu embarquei, é tanto que meus trabalhos até hoje é sempre voltado pra essa área.

Entrevistada 5EF: Então, eu saí do ensino médio assim bem ainda sem saber que rumo eu tomaria, então eu comecei a pesquisar assim, cursos baseados nos meus interesses, e aí eu sempre gostei muito de, tive muita afinidade com o computador, gostava ali mais da área de exatas e tudo mais, e aí dentre as opções de curso que eu também saberia que eu teria condições de levar a frente, apareceu a opção de Licenciatura em Ciências da Computação aqui no IF, aí eu fui pesquisar um pouco mais sobre a área, que inclusive eu não conhecia, e aí eu vi que eu me identificava bastante, principalmente na questão técnica de computador e tudo mais.

Entrevistada 6EF: Eu acho que, assim como qualquer outra pessoa que está ali, foi totalmente diferente do que a gente imaginava, tipo, você pensa que era uma coisa e era outra. Eu imaginava que realmente era outra coisa e, na época, eu trabalhava numa loja de celular, então eu achei que ia ter tudo a ver, só que quando eu cheguei lá, falei "opa, é totalmente diferente", mas mesmo assim eu achei interessante a forma como o curso é visto, então eu resolvi continuar, dar continuidade e eu tenho pretensão em terminar.

No grupo das entrevistadas em formação, observamos uma diversidade de motivações e influências externas que direcionaram as escolhas pelo curso de Licenciatura em Ciência da Computação no IF Baiano Campus Senhor do Bonfim. Com elas, foi perceptível que a relevância para a escolha do curso teve tanto a questão do gostar de computador, como também por convenção ou recomendação de familiares, pois algumas delas nem mesmo sabiam da existência do curso na região.

A Entrevistada 1EF, por exemplo, inicialmente não sabia da existência do curso, mas foi influenciada pela sugestão da mãe, que a fez considerar a possibilidade de que essa área pudesse ser adequada para ela. A Entrevistada 2EF escolheu o curso por ser a única opção disponível na região que lhe interessava, também identificou o crescimento do mercado de trabalho na área de tecnologia, o que reforçou sua decisão. Já a Entrevistada 3EF teve um percurso diferente, fez outra graduação anteriormente e se sentiu insatisfeita com as oportunidades no mercado de trabalho, o que a fez decidir buscar algo que oferecesse mais possibilidades que, assim como no caso da Entrevistada 1EF, houve uma breve influência do pai para que ela escolhesse o curso de computação.

A Entrevistada 4EF começou a se interessar pela área de computação após fazer um curso técnico de informática. Ela descobriu que poderia integrar seu interesse por Sociologia e Ciências Sociais com a tecnologia, o que a motivou a continuar na área. A Entrevistada 5EF estava indecisa após o ensino médio e começou a pesquisar cursos baseados em seus interesses, como a afinidade com computadores e a área de exatas. Por fim, a Entrevistada 6EF tinha uma expectativa inicial diferente sobre o curso, imaginando que seria mais relacionado ao seu trabalho em uma loja de celulares. Apesar das surpresas, ela se interessou pelo conteúdo do curso e decidiu continuar, com a intenção de concluí-lo.

As decisões dessas estudantes foram moldadas por suas próprias vontades e sugestões familiares, acessibilidade financeira, oportunidades percebidas no mercado de trabalho, e a descoberta de afinidades pessoais ao longo do tempo. Aqui também podemos associar e pensar no que nos traz Bourdieu (2022), pois as escolhas dessas estudantes não entraram em conceito de gênero, mesmo que a sociedade perpetue essa desigualdade de gênero através de práticas e expectativas culturais internalizadas. Ao entrar em um campo dominado por homens, essas mulheres desafiam as normas e estruturas de dominação masculina, tentando redefinir seu papel e identidade dentro de um contexto acadêmico e profissional que tradicionalmente não lhes é favorável, e esses fatores contribuem para a formação das disposições e práticas dos indivíduos, moldando suas trajetórias educacionais e profissionais.

Já as entrevistadas do grupo de Evasão, responderam o seguinte:

Entrevistada 1E: Inicialmente, foi falta de opção mesmo né, porque eu não podia sair pra fora pra fazer meu curso fora da cidade e, dentro da cidade, as opções que tinha, essa era a melhor opção assim. Não conhecia muito do curso e aí procurei e disse "vou entrar pra ver se vou gostar né, se vou me identificar". Inicialmente, foi esse o motivo.

Entrevistada 2E: Assim, como eu já trabalho em uma escola e tal utilizando computador e eu acho que eu senti a necessidade de aprender um pouco mais em relação ao mundo da tecnologia e por eu estar já numa escola, aí eu fiquei um pouco interessada em relação a

esse mundo, por isso que eu optei por Licenciatura em Ciências da Computação e não Ciências Agrárias.

Entrevistada 3E: Quando eu escolhi Ciências da Computação, na verdade, foi um interesse por falta de profissional na área e por achar que era uma profissão em crescimento. Eu acreditava que era uma profissão em crescimento, que tinha poucas pessoas, pelo menos na nossa região, tinham poucas pessoas que eram formadas na área, até porque o curso não é fácil, então, poucas pessoas terminam o curso. Eu achei que por ser uma área em crescimento seria melhor para emprego né, questão financeira mesmo.

Entrevistada 4E: Então, na verdade, quando eu escolhi o curso, eu imaginei uma coisa totalmente diferente. Quando falava Ciências da Computação, eu sempre imaginei a questão somente da parte de aplicativos, não imaginei essa parte da programação, e aí como meu esposo [...] já tinha concluído, na verdade, o curso de Ciência da Computação, foi um dos motivos pelo qual eu escolhi, [...] eu estudo lá, então vou fazer, achando que era o mesmo sentido né, mas foi totalmente diferente.

Entrevistada 5E: O principal interesse foi trabalhar em casa com a programação, sem muito contato com pessoas, trabalhar com máquina, melhor do que trabalhar com pessoas diretamente, foi o principal motivo de ter escolhido o curso.

Nesse grupo de entrevistadas, o motivo da escolha pelo curso tomou rumos diferentes do anterior, tendo como razão principal a possível empregabilidade e ascensão da área no mercado de trabalho, como também buscando melhorar seus conhecimentos e até mesmo por ser uma opção mais viável no momento.

No grupo das entrevistadas que evadiram do curso, as respostas revelam uma série de motivações iniciais e expectativas que, por diferentes razões, não foram atendidas, levando à desistência. A Entrevistada 1E mencionou que sua escolha foi limitada pela falta de opções na cidade. Matriculou-se no curso como a melhor opção disponível, sem um conhecimento aprofundado do que o curso envolvia, na esperança de que pudesse gostar e se identificar. A Entrevistada 2E foi motivada pela necessidade de aprimorar suas habilidades tecnológicas para seu trabalho em uma escola. Ela já usava computadores e sentia que o curso poderia ampliar seus conhecimentos, influenciando sua escolha.

A Entrevistada 3E escolheu Ciências da Computação por perceber uma carência de profissionais na área e acreditar que era uma profissão em crescimento com melhores oportunidades de emprego e segurança financeira, pensamento esse que se consolida, pois “a receita bruta da categoria “Tecnologia da Informação” cresce constantemente desde 2007; o número de pessoas ocupadas no setor desenha, igualmente, uma linha ascendente” (Maia, 2016, p. 229). A Entrevistada 4E revelou que tinha uma concepção equivocada sobre o curso, imaginando que seria mais focado em aplicativos do que em programação, mas a diferença entre suas expectativas e a realidade do curso levou à desistência. A Entrevistada 5E escolheu

o curso pelo desejo de trabalhar em casa com programação, evitando o contato direto com pessoas. Ela preferia o trabalho com máquinas, o que inicialmente parecia ser um bom motivo para a escolha do curso.

Essas narrativas podem ser analisadas à luz da teoria de Pierre Bourdieu sobre o que seria a dominação masculina (2022) e o termo *Habitus* (1994). As escolhas das entrevistadas refletem tanto as limitações impostas pelas suas circunstâncias sociais e econômicas quanto as influências de expectativas e experiências pessoais. Bourdieu argumenta que as decisões individuais são moldadas por um conjunto de disposições internalizadas, que pode ser compreendido como um conjunto de valores, costumes, esquemas de pensamentos incorporados pelo indivíduo que lhe possibilitam perceber, interpretar o mundo social e, assim, orientar e regular suas práticas sociais, isso ele chama de *Habitus*, o que também podemos atrelar as entrevistadas anteriores. Além das estruturas de poder e dominação que permeiam a sociedade, incluindo a dominação masculina.

No contexto dessas entrevistadas, muitas vezes as expectativas sociais e familiares desempenharam um papel significativo nas suas escolhas iniciais, mas a falta de alinhamento entre essas expectativas e a realidade do curso levou à evasão. As percepções iniciais equivocadas sobre o curso, a necessidade de permanecer na cidade, e a influência de terceiros ilustram como o *Habitus* e as dinâmicas de dominação influenciam suas trajetórias educacionais. A dificuldade em romper com essas estruturas e a falta de suporte adequado podem explicar as altas taxas de evasão entre essas estudantes.

O segundo questionamento buscava compreender a percepção das entrevistadas com a quantidade de mulheres presentes na sala de aula e quais tipos de sensação elas sentiram ao perceber o quantitativo.

Quando você entrou no curso de Licenciatura em Ciências da Computação no IF Baiano Campus Senhor do Bonfim, observou se havia uma quantidade considerável de mulheres no ambiente de sala de aula na graduação? Que sensação/sentimento gerou em você?

As entrevistadas do grupo de Formadas relataram o seguinte:

Entrevistada 1F: Na minha turma, em específico, sim, tinham muitas mulheres. Hoje em dia a gente consegue perceber uma frequência melhor de mulheres, mas na minha turma, em específico, tinham muitas mulheres, o que eu acho que é muito difícil. Eu me senti muito segura, porque tinha muitas mulheres, então não me sentia em um ambiente estranho. Talvez, se tivesse poucas mulheres na minha turma, eu me sentiria mais acuada, estranha, insegura, mas com minha turma em específico não. E eram muitas mulheres, talvez umas 10. Minha turma, eu digo que foi uma exceção, porque na turma seguinte a minha, já não

tinha a mesma quantidade de mulheres, então acho que foi uma exceção.

Entrevistada 2F: Tinha mais homens né, bem mais homens, pouquíssimas continuaram. Acho que só 3 finalizaram da minha turma, então foi assim. A maioria dos homens também desistiram, por questões de trabalho, por não se afeiçoar com o curso, alguma coisa do tipo. Eu não sei os motivos deles, mas eu acredito que seja isso. Não (*gerou nenhum sentimento*), porque a gente era mais desenrolada às vezes do que outros lá, e aí a gente se apoiava muito assim sabe, ajudando a fazer as atividades, eu já tentei desistir várias vezes do curso, mas uma colega nunca deixava, sempre estimulava, ajudava com as dificuldades, então sempre teve essa parceria entre a gente.

Entrevistada 3F: Eram muitos homens, eram poucas mulheres. Tinham bastante homens. Aquela sensação meio, tipo, uau, entendeu? Chocante. Falei assim "Meu Deus", entendeu? mas vamos lá né, tô aqui, passei, então vamos ver. Sim, muito, bastante (*sentimento de desconforto*), porque logo no [...] primeiro semestre, você sai do ensino médio totalmente diferente. Quando você entra num curso, você já sente aquele baque né, aí a maioria dos homens dominando e você ficando assim "meu Deus". Porque a maioria da minha turma já trabalhava na área né, então por isso que me deu aquele sentimento, sabe, que já trabalhava na área, já conhecia um pouco do ramo, então quando eles entraram, acho que não foi nenhuma surpresa pra eles.

Entrevistada 4F: Não conhecia turmas anteriores, mas quando entrei havia por volta de 7 alunas matriculadas na minha turma. Depois soube que era um número até alto comparado às outras. Já havia feito um curso na área, no qual eu era a única mulher. Então, já imaginava que haveria poucas alunas.

Entrevistada 5F: De uma certa forma, quando a turma começou, era bem equilibrado né, porque acredito eu por se tratar de uma Licenciatura, não lembro agora quantas meninas tinham na minha turma inicialmente, mas era uma quantidade bem equilibrada. Tinha mais rapazes sim, mas era uma quantidade equilibrada, o que eu lembro agora, eu acho que foram 40, se não me engano, e aí desses, acredito que 40% da turma era formado por mulheres, 30, 40%, [...] porém quando a turma começou, havia sim uma quantidade bem equilibrada de homens e mulheres. Não sei o resultado no final, mas enfim, no início não foi uma diferença muito grande, e nas turmas anteriores, considerando o curso todo né, minha turma [...] ainda havia uma presença feminina muito forte das outras turmas, então de uma certa forma não foi um fator que causou alguma estranheza, era bem equilibrado.

Entrevistada 6F: Era o maior número de meninas, inclusive só meninas se formaram na primeira turma. [...] 5 meninas, mais ou menos, não lembro exatamente. Não (*gerou sentimentos*), foi algo tão natural a forma que tudo aconteceu que não foi um, por ser um curso de tecnologia, embora não tenha começado tão assim pro lado de exatas, a gente tinha uma percepção do que era por ser um curso novo de TIC, como era chamado, mas foi algo tão natural e foi acontecendo aos poucos também, a gente foi se adaptando bem.

Então, com isso, foi perceptível o balanceamento da presença feminina nesse grupo, no qual três das entrevistadas relataram um quantitativo equilibrado de mulheres, apesar da maioria presente ainda ser o público masculino, enquanto as outras três relataram a pouca presença feminina em sala.

Quanto ao desconforto questionado, a maioria delas não consideraram que o quantitativo baixo de mulheres causou algum desconforto, pois tinham uma presença considerável de mulheres ou já sabiam da pouca presença feminina, mas ainda assim, em uma das entrevistadas, esse desconforto esteve presente.

No grupo das entrevistadas Em Formação, as respostas foram:

Entrevistada 1EF: Quando eu entrei, só tinha eu e mais três mulheres. E aí foi uma coisa que, inclusive, foi pontuada pelos professores "pouca mulher e tal" e eu percebi também "quanto homem". Não (*gerou desconforto*), eu já imaginava pelo ambiente, que é muito masculino, e a gente percebe né. Eu não esperava que ia ter.

Entrevistada 2EF: Na minha turma, achei muito interessante isso, porque é uma das turmas que mais tem mulheres e a que mais permaneceu mulheres, percebe que nas outras turmas tem bem pouco, que é algo que é até um tanto complicado né, que às vezes eu pego matéria com outra turma, e eu percebo que, eu já peguei matéria que era só eu de mulher na turma, eu acho isso muito diferente porque você entra achando que poderia ter a mesma quantidade né, só que sempre é menos, a minha turma mesmo tendo muita mulher, sempre teve muito menos que homem, no início que eu acho que tinha 12, numa turma de 30, eu acho, e é mais, acho que na verdade eram 10, desistiram uns 3 e as outras continuaram pelo menos até agora. (*Algum desconforto?*) Foi um certo espanto e, querendo ou não, deu um certo medo por causa que a sua validação não é tão real, eu digo isso no curso, a gente entrou nessa discussão na sala por causa que nem tudo que você fala é validado simplesmente porque você é mulher, eu já percebi isso, [...] às vezes eu falava alguma coisa e era descredibilizada, só porque eu era mulher na história, sendo que eu já tinha pagado a matéria, tava pagando novamente e aí eu conhecia algumas coisas, lembrava de algumas coisas, tinha sido muito recente, tinha sido aluna do mesmo professor e aí já me conhecia, às vezes ele perguntava as coisas pra mim e os meninos da turma acabavam olhando meio esquisito, duvidando das coisas que eu falava.

Entrevistada 3EF: Quando eu entrei, tava na pandemia, então as primeiras aulas foram remotas. Até aí, eu não tinha [...] prestado atenção nessa situação assim, e aí eu observei que tinha poucas mulheres, mas na hora eu nem notei. Tanto que até comento às vezes, hoje eu conheço os colegas, mas eu lembro até que houve uma certa pressão né. Aí quando eu vi [...] a quantidade, eu falei "não, realmente 80% do curso é um curso masculino", e aí que eu, e olha que eu saco bastante dessas coisas, mas foi lá dentro que eu me liguei assim no presencial, que eu vi a quantidade, e a minha sala ainda tinha mais, acho que era a que tinha mais mulheres, acho que, chuto dizer que foram umas 6, 7, e assim, algumas ainda continuam, mas o momento que eu percebi mesmo foi quando eu fui pro presencial, dentro da sala de aula, foi aí que eu percebi. (*Algum desconforto?*) Aí, quando eu tive essa percepção, eu tive outra percepção em outras atitudes, no começo do semestre. Eu senti como se, principalmente eu ali que tava nova no assunto, eu senti que parecia que as pessoas meio que excluía a mim, vou falar a mim, mas depois eu conversei com uma outra mulher também que é do curso e ela disse "exatamente", como se os meninos soubessem mais as explicações e eles trocavam ali umas figurinhas e tal. No começo eu senti bastante que o papo dos professores, às vezes, era só com os meninos, [...] poderia ser inconsciente, vou dizer, e foi, [...] principalmente porque ali, sabe, já tinham algum contato de programar e a gente entra ali meio pisando em ovos, ah o que eu tô fazendo ainda.

Entrevistada 4EF: Quando eu entrei, a minha turma de LCC [...] tinham 4 meninas, numa turma que acho que entra com 30 alunos, não me recordo bem, mas tinham 4, dessas 4 só continuou eu e outra da nossa turma original, só tem eu e a outra menina, o restante desistiu e os demais eram meninos. Em questão de ficar desconfortável, não, mas eu sinto que as mulheres ainda não veem essa área pra elas. Eu senti isso, que é uma área que as mulheres ainda não veem, apesar de que se a gente for parar pra ver na história, no início, tinha muitas mulheres envolvidas, mas hoje em dia nem tanto, virou uma área mais masculina.

Entrevistada 5EF: Sim. Quando eu me inscrevi, um dos meus medos era inclusive esse, de quase não ter mulheres na minha turma. Eu tive a sorte de ter, digamos que, bastante mulheres na turma que eu entrei, quando eu abri a lista de chamada, me veio um certo alívio quando eu vi que não seria a única, mas, mesmo assim, comparado com a quantidade total, nossa, o número de mulheres ainda é bem pequeno na minha turma, acho que questão de umas 7 mulheres, por aí, fora as que não desistiram com o passar dos semestres. (*Algum desconforto?*) Realmente foi uma mistura de alívio, por saber que eu não tava sozinha ali, mas de, poxa, poderia ter mais mulheres aqui e tudo mais, e aquele medo antes de, comecei na pandemia, então quando fosse pro presencial, como seria a relação também dos meninos com a gente, porque né, nem sempre homem respeita tanto mulher nessas áreas e tudo mais, então era uma mistura de alívio por não tá só, mas aquele receio.

Entrevistada 6EF: Eu tinha pesquisado, assim, uma semana antes de começar, eu tinha pesquisado sobre o curso e logo de cara eu já vi que era minoria. Quando eu cheguei na minha sala, [...] quando começou a ter, não dava pra ver quem é quem, então tinha muita gente, mas quando foi presencial, que já foi no segundo semestre, os professores, [...] achou isso impressionante, "ah, vocês são o curso que mais tem mulheres aqui", então através dessa fala dele, eu parei pra perceber. E hoje, naquela época né, tinha entrado, se eu não me engano, umas 11 meninas, hoje acho que tem 6. Eu como já trabalhava, assim, em área tecnológica né, que era de manutenção em aparelho de celular, eu já sabia que eu era minoria, porque tanto em Bonfim, eu era a única mulher que fazia consertos de celular. Passou 6 meses que eu já tava nessa área, apareceu outras, e aí ainda continuei sendo única a mexer em placa, então meio que eu já tava acostumada com isso, mas dependendo do assunto, você se sente bem incomodada ali sendo minoria.

Nesse grupo, quatro relataram que a presença de mulheres na turma era maior do que elas imaginavam. Inicialmente, haviam 10 alunas na turma da Entrevistada 2EF, 6 ou 7 alunas na turma da Entrevistada 3EF, 7 alunas na turma da Entrevistada 5EF e 11 na turma da Entrevistada 6EF. Mas na turma da Entrevistada 1EF e 4EF, elas relataram ter 4 alunas do sexo feminino, um quantitativo bem abaixo em comparação com a turma das outras entrevistadas.

Ao tratar de desconforto, três das entrevistadas relataram não sentirem desconforto com isso e até já esperavam esse quantitativo baixo de mulheres por já estarem inseridas no mercado/terem buscado informações a respeito. Já as outras três, relataram sentir espanto, um grau de exclusão no decorrer das aulas, como também o desapontamento de ter tão pouca presença feminina em seu entorno na sala.

No grupo das entrevistadas de Evasão, elas responderam:

Entrevistada 1E: Sim, a maioria dos alunos sempre é homem né no curso, até nos demais semestres, era visivelmente a maioria sempre era homens, mas até que na minha sala tinha bastante mulheres, não era tão discrepante assim a diferença não. A maioria era homem, mas tinha bastante mulheres também. (*Algum desconforto?*) Não, nunca tive nenhum problema assim não. Mas até na questão das desistências, a maioria que desistia primeiro eram mulheres mesmo, ficava sempre a maioria homem mesmo.

Entrevistada 2E: Na verdade, não, porque assim, a minha turma foi mista, então assim, eu não parei pra observar nesse sentido não, pra mim isso foi tranquilo, tanto a quantidade de mulheres, quanto a de homens. Eu não tive essa distinção entre homem e mulher, mais homens do que mulheres, tinha muita mulher na minha turma, apesar de a maioria ter desistido, assim, houve uma desistência muito grande das mulheres, mas com relação a isso não.

Entrevistada 3E: Só três mulheres. Só eram três mulheres. No início, eram 4 né, [...] aí depois só restou você. (*Chamou atenção?*) Chamou, ainda mais por ser um curso de Licenciatura né, você imagina que por ser de Licenciatura, ia ter uma maior quantidade de mulher, mas como o curso não é um curso tranquilo, não é, na verdade é um curso de Licenciatura, mas não é tão voltado para a parte de Licenciatura, ele tem muita programação. [...] Tem, claro que tem as que se destacam, no caso é seu caso né, tem as que se destacam, mas em sua maioria não curte muito programação não, é uma profissão mais masculina né. (*Algum desconforto?*) Não, eu achei que seria um curso onde haveria uma exclusão, só que não foi o que aconteceu, não sei se foi a turma, não sei se foi os professores, eles tinham interesse em manter as mulheres lá, eles tinham um certo interesse que você ficasse no curso, então não foi um curso que lhe excluiu, na verdade eles tentaram acolher ao máximo pra você ficar né, eles queriam que você ficasse. Acho que, justamente por perceberem que a maioria eram do sexo masculino e não, as mulheres não tinham tanto interesse na área.

Entrevistada 4E: Quando eu cheguei no curso, a sala era dividida, era uma quantidade maior de homens, porém não tanto, eram mulheres e homens assim, bem acirrado, bem equilibrado. (*Chamou atenção?*) Então, eu encarei normalmente né, como todo mundo falava que era um curso muito concorrido, que todo mundo queria fazer, eu disse "nossa, então eu fui uma das escolhidas, que massa que eu tô aqui" então foi só o pensamento que eu tive no momento.

Entrevistada 5E: Tinham poucas, poucas mulheres, em relação a quantidade. Foi, também foi um dos motivos de ter escolhido o curso, [...] , escolhi essa área pra, porque eu tinha visto antes de escolher o curso algumas reportagens, algumas notícias sobre mulheres na programação, chamou a atenção e aí foi onde eu escolhi o curso também, e quando eu cheguei na minha sala, tinham pouquíssimas mulheres, eu acho que tinha uma faixa de 40 alunos e umas 10 mulheres, se tivesse muito, e elas foram as primeiras a sair. (*Qual sentimento gerou?*) De tristeza, por que assim, já tinham poucas e elas foram as primeiras a sair, aí eu me senti um pouco solitária no grupo, na minha turma da minha cidade tinha 4 homens e eu de mulher, já me sentia solitária já saindo da cidade no ônibus.

Nesse grupo, três das entrevistadas relataram que a sala era mista, tendo um quantitativo quase que igualitário de alunos do sexo feminino e masculino, enquanto as outras

duas relataram que o quantitativo de mulheres presentes era bem reduzido, por volta de 4 alunas na turma da Entrevistada 3E e 10 alunas na turma da Entrevistada 5E.

E ao tratar de desconforto, todas relataram não se sentirem desconfortáveis, pois a maior parte delas faziam parte de turmas mistas, o que não gerou nenhum nível de desconforto. No caso da Entrevistada 3E, apesar do baixo quantitativo de mulheres, a mesma relatou não ter tido desconfortos, pois a turma teve um caráter mais acolhedor, o que pode ter sido um fato que cooperou para que não houvesse receios por estar em uma quantidade menor em comparação com os colegas do sexo masculino. Quanto a Entrevistada 5E, ela expressou apenas um sentimento de tristeza pela baixa presença feminina, pois mencionou sentir-se solitária em sala.

Três das entrevistadas, nesse questionamento, também relataram sobre a desistência do público feminino do curso, mencionando que as mulheres acabam sendo as primeiras a desistir do curso, o que ocorre com baixa frequência ao se tratar do público masculino.

A próxima das perguntas em comum que foi realizada teve foco em entender o que as entrevistadas pensam com relação ao número discrepante de mulheres na área e se elas acreditam que exista algum fator que impeça a ingresso de mulheres na computação.

Nota-se que existe um número ainda destoante/discrepante entre homens e mulheres no ramo das tecnologias e no caso em questão na área da computação. Você acredita que há algum impeditivo para essas mulheres ingressarem nessa área?

O grupo das Formandas respondeu:

Entrevistada 1F: Não, eu acho que a gente pode fazer o que a gente quer fazer, não tem algo que impeça. Acho que se você tem um sonho, você tem que persistir naquilo que você acredita. Você tá aí, eu acredito que deve ser um sonho ou vontade sua de estar aí, então eu acredito nisso, acho que a gente pode fazer aquilo que a gente quer fazer, independente de qualquer coisa. Por mais que tenha muitos preconceitos, eu acho que a gente tem que seguir aquilo que a gente tem vontade de fazer, seguir os nosso sonhos. O que importa é isso.

Entrevistada 2F: Profissionalmente, eu vejo que, enquanto professora de tecnologia, é como se os alunos não botam muita fé, sabe? Mas acho que isso depende muito do jeito que você ensina, do jeito que você cativa o aluno e por aí vai. Depende da situação. Tem lugares que sim, mas eu mesma nunca fui de abaixar minha cabeça para questões assim não, de diferença de gênero. Sempre lutei, sempre me impus, então eu mesma nunca tive problema. Já tive questões assim de não ser vista como eu queria ser vista, mas na questão da valorização do meu trabalho, para divulgar meu trabalho, algo do tipo.

Entrevistada 3F: Amiga, eu acho que teria uma desigualdade, tipo hoje na visão, sabe? Eu não faria licenciatura em ciências da computação, apesar que é uma profissão ampla, mas o machismo é muito grande, é muito grande, quando você pensa em um técnico de TI ou uma licenciatura em ciências da computação, não vem à sua cabeça uma mulher, entendeu? É

muita barreira que você vai enfrentar, então acredito que, principalmente as pessoas que tão querendo entrar, eu acho que seria importante elas pesquisarem direitinho, apesar que é uma profissão muito boa, mas se tivesse pelo menos a igualdade né.

Entrevistada 4F: A presença feminina sempre foi minoria nessa área. Não havia muito incentivo para que ingressassem, era mais comum tê-las em áreas como enfermagem ou pedagogia, alimentando o estereótipo de que a mulher deve assumir posições de ensino, cuidado e assistência. Desde cedo, as meninas não são incentivadas a explorar a imaginação e o raciocínio lógico, como acontece com os meninos e suas brincadeiras no dia a dia. [...] Mas acredito que isso esteja mudando, hoje em dia já é possível perceber um número maior de mulheres na área, ocupando espaços que antes eram predominantemente masculinos.

Entrevistada 5F: Eu acredito que sim, talvez do que eu percebi, melhor dizendo. Uma coisa que, no contexto do curso Licenciatura em Ciências da Computação, uma das coisas que eu acredito que acaba favorecendo, [...] , é que se espera que haja uma identificação com as disciplinas pedagógicas para o público feminino e que haja uma aversão, era essa a impressão que eu tinha, uma aversão das disciplinas por parte dos rapazes, que eles não se identifiquem tanto assim com as disciplinas pedagógicas, mas olhando o contexto realmente dessa questão do que pode dificultar, tanto o ingresso quanto a permanência das mulheres nos cursos, eu diria que a sensação de que [...] ela não está no lugar que ela deveria estar, não como se ela não tivesse direito a estar lá, mas como se ela talvez pudesse ter ido para outro curso que não tivesse algo relacionado a tecnologia, [...] é até um reflexo no corpo docente, a maioria dos professores eram homens, então de uma certa forma não tem diretamente um referencial nas disciplinas específicas feminino, [...] era interessante ver que, sim, era mais do que possível ser professora na área de computação, porque de fato é o que o curso se propõe a formar professores de computação, [...] mas eu acredito que o que pode contribuir para que não haja uma presença maior das mulheres é ainda essa expectativa [...] de que tecnologia não necessariamente é algo que as mulheres dominem ou possam aprender para dominar né, de adquirir o conhecimento, de se apropriar daquele conhecimento, de desenvolver, enfim, e de lecionar, mas de uma forma que não seja tão específica, o que é muito curioso, essa é a impressão que foi chegando até mim né.

Entrevistada 6F: Eu não senti essa diferença. [...] Assim que eu me formei, eu participei de dois concursos no IF aqui de Jacobina, porque é a minha cidade e eu queria voltar para aqui. E aí quando eu fui fazer, a primeira vez que eu fui fazer um concurso, só tinha eu de menina, mas eu passei em primeiro lugar, porém [...] no concurso exigia pós graduação e eu não tinha concluído, então eu só passei, mas não pude assumir a vaga. E da segunda vez já tinha eu e mais duas meninas e eu passei de novo, foi minha primeira experiência na área, mas eu não cheguei a sentir diferença não, talvez de quantidade. (*Houve impeditivo?*) Olha, não. Nunca tive nenhum impeditivo na formação, nem a participar de concurso, nem no trabalho em si, nunca. E nem percebi também com outras pessoas, inclusive no primeiro ano quando comecei a trabalhar no IF daqui, só tinha um professor homem, então era eu que era substituta e mais duas professoras mulheres também de computação.

Nesse grupo, duas entrevistadas relataram não sentir diferença ou não se incomodarem com possíveis impeditivos enfrentados no decorrer das suas experiências. Já as outras quatro, percebem um certo grau de desigualdade e possíveis impeditivos, citando falta de representação, fala essa dita pela Entrevistada 5F e a Entrevistada 3F; e a percepção de falta

de crença por parte dos alunos em ter uma professora em sala ensinando sobre computação, citado pela Entrevistada 2F.

Essa diversidade de experiências e percepções revela que, embora algumas mulheres não percebam impedimentos diretos, há barreiras culturais, sociais e institucionais que podem dificultar a entrada e permanência das mulheres na área de computação. A literatura corrobora essas observações, como podem ser vistos nas seções anteriores, com estudo de Evans (2022), Bourdieu (2022) e Souza (2016), indicando que os estereótipos de gênero e a falta de modelos femininos são fatores significativos que influenciam a participação das mulheres nas áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática).

Já o grupo das entrevistadas Em Formação responderam:

Entrevistada 1EF: Eu não diria que impeça, mas eu acredito que tem algo que prevalece, tipo assim, impulsiona mais os homens a entrarem nesse ramo. Eu acho que, até nas contratações. Eu já perdi oportunidade de emprego para um primo que era muito mais novo que eu, tinha muito menos experiência, e ele tava na mesma entrevista que eu e a galera preferiu ele, sabe? Inclusive, isso foi um ponto que foi pontuado pela minha vó depois da entrevista, minha vó falou "é porque você é mulher, eles preferem contratar homem". Isso é uma coisa que é observada sempre né. Eu acho que isso também, isso ajuda os homens na carreira a entrar também na área e as mulheres ficarem mais na delas.

Entrevistada 2EF: É porque, nos passados, o lugar da mulher era na área de saúde, você sai do ensino médio pensando que você tem que fazer enfermagem, psicologia ou medicina, digo isso por experiência própria, minha turma de ensino médio, a maior parte das meninas, elas fazem ou enfermagem, tem algumas que fazem medicina, aí tem uma que faz engenharia, que é totalmente diferente, eles também acham muito diferente isso, sempre porque sempre tem essa ideia, e também a área de TI não é tão divulgada no meio, no geral, [...] acho que tá sendo muito mais divulgado agora, [...] eu vim saber que existia linguagem de programação já quando foi pra entrar no curso, que eu dei uma pesquisada pra ver como é que era, e é algo que não é tão bem divulgado, por isso eu acho que o curso não tem uma adesão tão alta por causa também da divulgação do curso em si.

Entrevistada 3EF: Acredito, por ser um ambiente muito masculino, eu acho que a gente sempre tem que tá provando nosso valor, que a gente sabe, que a gente pode, e isso acaba sendo muito cansativo pra a gente, então a gente às vezes tem que estudar o dobro. [...] Eu estava trabalhando numa empresa de tecnologia, agora, de programação, para mexer com arduino e dar aula pra criança, e aí tinha um colega lá, [...] e aí essa pessoa era o responsável por lá, e era um menino e era meu colega, e as duas donas eram mulheres, [...] só que assim, às vezes eu acho que o machismo ele também está nas mulheres, porque [...] ela implementou um curso de férias pras crianças, e aí eu fiz uma apresentação e falei "olha, por um olhar pedagógico, isso aqui não tá certo, a gente tem que direcionar, focar, começar do básico, [...] porque são crianças, tá iniciando e tal", "não, com certeza, adorei sua ideia", só que na hora de eu implementar de fato, ela não deixou. Aí eu "tudo bem", [...] mas o meu colega, que era homem, conseguiu implementar tudo que ele queria, mas eu não consegui. [...] A gente ela descredibilizava, e os meninos quando resolvia problemas, palmas né. Eu acho que às vezes você ser comandado por uma mulher incomoda, entende?

Elas eram mulheres também em tecnologia, e aí a pessoa que ela contratou era um homem e ele simplesmente não aceitava o fato, [...] era tudo do jeito que ele queria e aí eu comecei a observar os comportamentos. [...] Eu não vou afirmar, porque eu não trabalhei ainda em empresa grande, mas as pessoas que eu tive contato que trabalham na área de programação, assim, elas não ouvem o que você quer dizer, talvez porque eu seja mulher, não ouvem o que você quer dizer, quando você fala que alguma coisa está errada, não está errada, [...] aí vem um colega que é homem e fala assim "tá errada", aí ele vai e arruma, e você acabou de falar, entende? A gente tenta não levar pro coração né, às vezes fala "não, não é", mas é.

Entrevistada 4EF: Eu acho que pode ser receio, talvez o preconceito, de se sentir, como eu posso dizer, inferiorizada. Não na minha turma, os meninos não são assim, lá eu acho bem tranquilo, mas em outros ambientes, no meio social fora do IF, quando eu falo que faço Ciências da Computação, que eu explico que eu sei, eu sei de tecnologia, eu sei mexer no computador, eu sei fazer uma formatação, eu sei programar, o povo me olha estranho assim, desacreditado, como se eu não soubesse fazer aquilo, e é pelo fato de eu ser mulher, porque se fosse um homem falando, o pessoal estaria aceitando, mas eu sinto que as pessoas tem assim uma certa estranheza, "será que tu sabe mesmo isso aí?".

Entrevistada 5EF: Sim, com certeza, a questão do preconceito e também a falta de referência, porque existem, e nessas pesquisas né, acabei descobrindo que existem muitas mulheres no ramo que foram muito importantes e você não vê o nome delas serem citados em nenhum lugar enquanto tem caras que praticamente nem são da área da computação realmente, mas por tá ali a frente de uma empresa, consegue mais visibilidade que elas, participaram da história que foi um marco assim para o desenvolvimento.

Entrevistada 6EF: Ah, acredito sim, primeiro por ser minoria né, quando tem, pela nossa sociedade né, já andamos com medo, então por ser um curso noturno e saber que só tem homens, então acredito que isso meio que assusta um pouco. Segundo que mulher não é só trabalhar e estudar, tem tarefas domésticas, tem roupas, tem, e aí por diante. Terceiro, porque vem dos nossos tempos antigos também que era um descaso uma mulher tá estudando, então acredito que vem muito daí.

Nesse grupo, todas entraram em consenso de que, sim, há questões que impedem as mulheres de ingressarem na área de computação, pois a falta de representatividade, citado pela Entrevistada 5EF; o receio por ser minoria, mencionado pela Entrevistada 6EF; a sensação de não pertencimento, citado pela Entrevistada 2EF; como também a falta de valorização, tanto do conhecimento sobre a área, como cita a Entrevistada 3EF em sua experiência no trabalho, quanto das habilidades, como nos informou a Entrevistada 1EF em sua experiência de não ser escolhida em uma vaga de emprego mesmo tendo mais competência, e a Entrevistada 4EF, que percebeu a descrença das pessoas ao citar que sabia exercer funções técnicas, são fatores que pesam na escolha de investir na área.

Afinal, esses desafios que as entrevistadas passaram no decorrer da sua vivência antes mesmo de finalizarem a formação, trazem um receio do que elas deveriam esperar encontrar ao ingressarem no mercado de trabalho, seja ele voltado para a área técnica ou docência, pois

tantos percalços e dúvidas da capacidade de aprendizado, como também a falta de um referencial feminino no campo profissional são problemáticas que dão margem para que essas futuras profissionais decidam migrar para outras áreas em que elas encontrem mais representações, menos receios de julgamento e mais certeza do público externo quanto às habilidades que elas aprenderam e vão aprender ao exercer suas funções.

E o grupo de Evasão responderam:

Entrevistada 1E: Não, acho que não, acredito que não. Eu acho que é questão de afinidade mesmo assim, normalmente os homens se identificam mais com a área, mas eu acredito assim que se alguma mulher se identificar e quiser ir a fundo, eu acredito que dá certo também para mulheres.

Entrevistada 2E: Hoje em dia não, assim sabe, antes, antigamente a gente via isso, era um leque assim, não só na computação, mas em outros fatores também, [...] era tido como um preconceito né, mas assim hoje em dia acho bem natural isso, as mulheres conseguem entrar com muita facilidade. Lógico que não é um número alto ainda, gostaria que fosse, mas a gente tem uma abertura muito grande, apesar de muitas mulheres não se interessarem, eu acho que isso é falta um pouco de interesse por parte das mulheres ingressarem nessas áreas.

Entrevistada 3E: Não, não acredito não, acho que mulher inclusive, eu acho que mulher tem maior sensibilidade, vamos dizer assim, mulher consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo, eu até acho que seria uma profissão onde as mulheres se saíam muito bem, porém tem as mulheres que [...] não consegue pegar a disciplina em si, que foi o meu caso, [...] aí quando você percebe que uma disciplina depende da outra, que por mais que você se esforce, [...] vai chegar um momento que você não vai conseguir terminar, porque é programação pura, as disciplinas, por mais que seja Licenciatura, você até se sai bem nas outras disciplinas, mas aí os professores começam a [...] juntar uma disciplina com a outra, [...] e aí você acaba percebendo que aquela área não é sua, foi o que eu percebi entendeu? que aquilo não era pra mim, que eu não ia ficar esquentando a cabeça pra aprender uma coisa que eu não ia ter interesse em trabalhar depois, que era muito estressante, e aí você começa a perceber que se você continuar, você vai perder tempo, que seriam anos de um curso, que no final das contas você não vai usar pra nada, porque você não se fascinou pelo curso e você não tem interesse em trabalhar com aquilo, entendeu? Eu pensei dessa forma.

Entrevistada 4E: Para ingressar, eu não sei te informar o certo, agora assim, depois que a gente ingressa no curso, a gente percebe a exclusão né, na questão do ajudar, na questão do apoiar, a gente fica meio que, as pessoas meio que tem um preconceito, então, é como se mulher não servisse para a Ciência da Computação, como se a programação fosse coisa de homem, como se a inteligência fosse somente coisa de homem, então no momento em que eu ingressei, eu percebi isso, agora antes de ingressar, eu não tive muito essa visão.

Entrevistada 5E: Pela minha experiência, eu acho que um dos fatores é a rotina, a rotina da mulher é um pouco diferente da dos homens. Além de trabalhar e estudar, ainda tem a rotina de casa, eu acho que um dos principais motivos é a rotina que é diferente da dos homens. Os homens trabalham fora e estudam, não tem um terceiro turno ou quarto turno trabalhando em casa.

Nesse grupo, a maior parte das entrevistadas concordaram que não, não há impeditivo e que essa baixa frequência de mulheres na área se dá pelo pouco interesse na área, como citado pela Entrevistada 1E e 2E. A Entrevistada 3E citou, também, que sente não existir impeditivo e que as mulheres “tem maior sensibilidade”, mas que a própria não seguiu, pois esperava que a experiência focado na docência fosse mais recorrente do que a experiência em programação, que foi o que dificultou para ela.

A Entrevistada 4E citou que sentiu exclusão ao entrar no curso, considerando fatores como preconceito e “como se mulher não servisse para a Ciência da Computação” e a Entrevistada 5E considerou que um dos motivos é a rotina feminina que difere da masculina, pois as mulheres “dedicam aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas quase o dobro do tempo gasto pelos homens” (Moura, 2023) e quando há um trabalho externo, além do cuidado da casa, “a diferença de horas dedicadas ao serviço doméstico é de 6,8 horas por semana a mais que os homens” (Moura, 2023), o que confirma a declaração da entrevistada.

A próxima pergunta busca entender se, na trajetória das entrevistadas, houve alguma situação discriminatória ou de caráter estereotipado no decorrer do período de estudos, por parte dos professores ou dos colegas de sala.

Durante a sua permanência no curso de Computação, você percebeu, em algum momento, algum tratamento diferente que não ocorria com colegas do sexo masculino, por parte dos próprios colegas ou mesmo professores, que tenha gerado alguma sensação discriminatória, como se você tivesse menos capacidade que o seu colega homem? Ou mesmo, se você sofreu algum preconceito ou se deparou com estereótipos relacionados ao gênero no decorrer dos seus estudos em tecnologia?

A resposta do grupo de Formadas foi a seguinte:

Entrevistada 1F: Não tenho nenhuma lembrança, não sei se isso ocorreu, porque eu sempre fui muito comunicativa, sempre conversei com todo mundo, então não sei se isso aconteceu e eu não dei a mínima, porque não tenho nenhuma lembrança forte que tenha acontecido algo relacionado a isso não, porque minha turma, as mulheres da turma, sempre foram fortes. Nós tínhamos professoras mulheres também, então acho que isso também fez com que a gente se sentisse à vontade. De professor não, de colegas também não. Por ser a primeira turma, nós tivemos muitos problemas, então talvez esses problemas tenham abafado esse tipo de situação, porque como era a primeira turma, o laboratório era minúsculo, biblioteca precária, então eu acho que isso fez com que a gente se unisse, ao invés de tentar criar situações ou até mesmo pensar em alguma coisa relacionada as meninas. Não sei se outras colegas da minha turma tenham passado por esse tipo de situação, mas comigo não.

Entrevistada 2F: Tem alguns casos que os professores, por serem homens, tem aquele diálogo assim mais “e aí brother”, mais homem para homem né, tinha uma forma diferente

de se comunicar com a gente, mas nunca me senti lesionada com relação a isso não, sempre foi muito tranquilo. Eles sempre apoiaram, incentivaram, ajudaram a gente a desenvolver, criar artigos, projetos, tudo, então foi bem bacana a experiência que eu tive aí.

Entrevistada 3F: Tinha, assim, eu senti né. [...] Antes eu sentia muito, eu tinha que provar que eu era boa [...]. Vamos supor, “ah eu tô no 4º, 5º semestre”, não tinha tanta credibilidade quanto um homem que estava. Eu sentia isso, tinha que provar 24h que eu era boa, que eu podia fazer aquilo, tá entendendo? e também até por partes de certos professores, [...] é tanto que as exigências às vezes dos trabalhos, pro meu lado, às vezes não pegavam tão pesado quanto era para certos homens. Eu sentia. Já ouvi dizer que “a mulher deveria fazer agrárias”, “o que cê tá fazendo aqui em computação”, “é mais pra homem programação”, quando você fala computação só vem a sua mente programação, desenvolvimento de *softwares*, então a mulher ficava meio “ah, a parte do front end”, “a parte da estética”, a mulher entende de cores, mas não entendem que tem certas mulheres que dominam programação também, e certas pessoas não veem tanta credibilidade num código feminino, sempre tem que passar por um homem pra conferir.

Entrevistada 4F: Não sofri nenhum tipo de preconceito explícito ou situação desconfortável. Mas já presenciei algumas falas de professores e colegas sobre temas da área sendo direcionados apenas a outros colegas do sexo masculino, como se as alunas não tivessem compreensão do assunto.

Entrevistada 5F: É curioso porque a situação em que aconteceu, que eu diria que foi uma das únicas situações em que eu presenciei assim e disse “meu deus, se fosse um homem isso não teria acontecido”. Não era um docente do curso, era um docente de outro curso, mas que, [...] no espaço ali da cantina, estava fazendo piadas assim de um teor muito duvidoso, para dizer o mínimo, e aí isso foi gerando incômodo né, porque não era um espaço em que a pessoa estava sozinha e, de uma certa forma, aquilo foi ganhando uma proporção maior porque havia uma predominância feminina, tinha um rapaz ali no canto, outro em outro, aí meio que a pessoa ela se sentiu no direito de continuar tecendo aqueles comentários porque talvez não houvesse ninguém ou pra concordar ou pra discordar, porque ficou todo mundo tão constrangido que ninguém disse nada, mas assim, [...] que eu recorde, melhor dizendo, das experiências que eu fui tendo pessoalmente, por fazer um curso de licenciatura em computação, estar nesse contexto, eu pessoalmente, [...] não sofri preconceito ou algum outro tipo de tratamento diferenciado, eu diria que uma das coisas que me incentivava muito era também que os docentes do curso eles incentivavam, que as meninas elas se dedicassem, [...] era uma coisa que eu percebia, que havia um incentivo docente né, dos professores, das professoras, para que toda a turma, ela realmente se dedicasse aos estudos, então assim, eu acredito que a situação mais pontual mesmo foi essa, fora do contexto de sala de aula, onde o teor da conversa meio que ele foi se tornando constrangedor e intimidador, porque havia uma predominância da presença feminina e não masculina [...]. Não houve, não se repetiu, talvez a pessoa ela tenha se conscientizado de que foi algo tolo, algo tosco, mas eu acredito que, [...] no contexto que eu vivenciei, pessoalmente não, nem comigo, nem com as pessoas que me cercaram, eu particularmente não presenciei na época em que eu estava, graças a Deus.

Entrevistada 6F: Não, também não. Na época, inclusive, a gente só estudava, as meninas. Os meninos que estavam no curso, eram meninos que já tinham suas famílias, já trabalhavam, então na verdade as meninas ajudavam mais os meninos do que o contrário nesse sentido, porque apoiavam mais, tinham como participar mais, então de certa forma o

nosso tratamento era diferente positivamente, tanto que só as meninas se formaram na primeira turma, porque eram quem não faltavam à aula, entregava todos os trabalhos, não perdia disciplina, eram mais aplicadas, então tinha um destaque nesse sentido.

Nesse grupo, a maioria das entrevistadas relataram não sentir nenhum tratamento diferente ou situação de preconceito, com exceção da Entrevistada 3F, que relatou sentir uma sensação discriminatória dos colegas e até mesmo dos professores, no contexto de reduzir a exigência nas atividades. A Entrevistada 4F relata, também, já ter presenciado discussões em sala de colegas e professores a respeito da área, mas tais falas sendo direcionadas apenas aos colegas do sexo masculino “como se as alunas não tivessem compreensão do assunto”, o que pode trazer insegurança sobre o nível de conhecimento que as alunas possuem sobre o tema.

No grupo Em Formação, as respostas foram:

Entrevistada 1EF: Não, nunca consegui perceber isso por parte dos outros, colegas e professores.

Entrevistada 2EF: Sim, já percebi com os professores, que [...] eles têm um respeito muito grande, pelo menos eu percebo isso, é algo que as pessoas diziam muito, só que eu acho que os professores, comigo, eles me respeitam bastante, sempre validaram minha fala. [...] Eu tava falando acho que era sobre ponteiro, e aí expliquei sobre a teoria do ponteiro como o professor falou e fui a única lá que tinha entendido o que era ponteiro, eu expliquei lá e aí o professor queria dar oportunidade, puxando o mesmo gancho do que eu tinha falado, aí os meninos foram e botaram assunto totalmente diferente, que não tinha nada a ver com ponteiro, só pra, acho que talvez mudar de assunto, não sei bem o que aconteceu naquela ocasião. Já me ocorreu uma vez de tá fazendo uma atividade na turma, e aí eu querer dar minha opinião, e às vezes ser calada, falarem muito e deixar as meninas falarem por último, [...] e aí os professores às vezes tentam ver se os meninos chegam mais perto pra ver se as meninas dão opinião, às vezes as meninas ficam mais quietas por causa disso, tem um certo medo de falar o que não é correto, de ser julgada na questão do conhecimento, principalmente na área técnica, por causa disso [...]. Eu mesma entrei no curso sem saber muita coisa. [...] Às vezes os meninos não gostam das dúvidas porque pra eles já vem desde criança mexendo nisso, [...], às vezes você tem uma pergunta, pra eles é boba mas pra você não é, que você nunca teve contato com aquilo e isso é um tanto complicado.

Entrevistada 3EF: Parte de alguns colegas, bastante, muito. Os professores, eu digo que é inconsciente. Digo que é inconsciente porque, vou dar um exemplo meu, às vezes eu não sei algo e, por eu não saber, não consigo me aprofundar e talvez não consiga nem tirar aquela minha dúvida [...], só que quando um homem vem perguntar, eu acho que também já está na área ou também estudando um pouquinho mais, já entende, [...] às vezes eu sano essa dúvida ouvindo ele explicar pra outra pessoa que normalmente é homem, não fala "e aí, estão com dúvida meninas?" não, às vezes olha pra outro lado, ou a conversa também é um pouco direcionada [...]. Não sei se eu tivesse na área a conversa também seria direcionada pra mim, mas eu vejo mais pros meninos. Agora, em relação aos colegas, alguns colegas sim, outros não. Depende muito aí, mas alguns colegas. Eu acho que [...], às vezes a pessoa que tá muito no mercado, eu acho que ela acaba adotando um ar de

superioridade, acha que você não vai conseguir, [...] às vezes eu tenho essa sensação de que [...] é um pouco de competição, talvez desqualificação de alguns temas relacionados ao que até mulheres estão apresentando, o olhar, a falta de interesse, [...] às vezes eu percebo isso e eu ganho isso no olhar. E a gente que é mulher, a gente acaba criando essa casca, então assim, pra a gente é impossível não ficar perceptível, porque a gente sabe quando é e quando não é.

Entrevistada 4EF: Não, lá é bem tranquilo em relação a isso. A minha turma original ela já se desfez bastante, quando a gente chegou no oitavo semestre, acredito que vocês tenham percebido também, a turma se desfez bastante, aí eu tô mais na turma [...] do quinto semestre. Lá tem mais meninas que a minha original, então eu acho de boa por esse motivo eu acho de boa. Dentro do IF, como eu mencionei anteriormente, é super tranquilo, eu nunca me senti inferiorizada, nunca vi nenhum tipo de preconceito, lá dentro do IF, mas fora eu vejo muito.

Entrevistada 5EF: Olha, até que não, eu [...] me considero bem sortuda, tanto na questão da quantidade de mulheres na minha turma, porque vendo os outros semestres chegando agora, eu percebo que o número é bem menor. Minha turma realmente foi a que teve mais mulheres e ainda tem, e por professores, eu nunca notei, pode ser até que já tenha acontecido, mas você tá tão habituado ali que nem notou, e também por parte deles, [...] nunca presenciei nada do tipo. Mas, é, só uma coisa, é na questão dos projetos de extensão, porque eu vejo assim os professores geralmente chamam mais os meninos e tudo mais, assim, nunca teve, “ah, primeira opção”, ser uma menina, entendeu? Geralmente eles vão pegando ali os meninos, aí “ah, não deu certo”, aí acaba fazendo o convite.

Entrevistada 6EF: Nunca tinha me ocorrido, esses 5 semestres, até o 5º semestre. Como a maioria, a maioria não, todas as mulheres da sala tem alguma outra coisa pra fazer, não tá sempre ali no IF, então os meninos que, vou chamar assim, desocupados, tão sempre lá no IF, então viram uma panelinha, eles tão sempre lá. Até então, como eu disse, não tinha acontecido nada até que eu percebi um dia que eu tava indo pro IF e começaram a soltar piadinhas assim, meio, não piadinha em relação ao curso, mas você dava pra entender que tinha segundas intenções ali naquelas falas, era falas duplas, então eu meio que me afastei desse grupinho também por causa dessas piadinhas, e eu tinha percebido naquele dia, mas eu parei pra analisar que não tinha sido só naquele dia, foi o semestre inteiro nisso.

Nesse grupo, três das entrevistadas relataram não sentir nenhum grau de preconceito ou discriminação por parte dos colegas e dos professores. Porém, a Entrevistada 5EF mencionou sobre a escolha de alunos para os projetos de extensão, que a mesma percebeu os meninos serem chamados para participar e apenas quando algo dava errado que os convites chegavam até as meninas.

As outras três entrevistadas relataram que, sim, perceberam um certo nível de preconceito, sendo mencionado pela Entrevistada 3EF que a mesma acredita que esse tratamento diferente vindo dos professores ocorre de forma inconsciente, e dos colegas, ela sente um certo grau de competitividade e percepção de indiferença pelos temas que as mulheres apresentavam em sala. A Entrevistada 2EF citou que os professores demonstram

uma postura mais motivadora, abrindo espaço na aula para que ela falasse, mas os colegas tentavam mudar de assunto, mesmo sendo sobre um assunto que ela dominava, como também situações de “às vezes ser calada, falarem muito e deixar as meninas falarem por último”. E a Entrevistada 6EF mencionou que, pelas meninas não terem maior tempo disponível para estar no *campus*, percebeu a união dos meninos e certas piadas que tinham um teor discriminatório.

Já no grupo de Evasão, elas responderam:

Entrevistada 1E: Não, nenhuma, nenhum tipo, não, nenhum, nem de professor, nem de aluno.

Entrevistada 2E: Não, foi tudo tranquilo, eu não tive nenhum problema com relação a isso não. Apesar das duas paradas que a gente teve, as greves, me desestimulou muito, aí veio a pandemia, aí acabou que eu desisti do curso, uma coisa assim.

Entrevistada 3E: Não, não, por parte dos professores e colegas, não. Até porque eu tive um amigo, ainda tenho, que eu levei pra vida [...], que foi o nosso colega, que, pra mim, foi a pessoa que mais me ajudava, eu tava como dificuldade em uma disciplina, ele pegava o tempo dele, ele marcava aula na casa dele, ele vinha pra minha casa, ele tinha interesse em me ajudar, entendeu? eu acho que, não vi se teve algum preconceito, não percebi, às vezes a gente não percebe, não percebi. Sempre tem os alunos que se destacam né, e eu não tava dentre essas pessoas, não tava, mas eu percebi interesse dos meninos em ajudar, [...] eles tinham interesse em me ajudar, perguntavam o que era que eu tava com dificuldade, então não percebi nenhum preconceito não, acho até que por ser poucas mulheres, os meninos faziam questão de nos ajudar, acho que querendo manter a gente no curso.

Entrevistada 4E: Por parte dos professores, sim, (*Algum tratamento diferente dos colegas?*) deles também, mas assim, deles a gente até releva, a gente tá ali como se fosse uma competição do melhor, dos melhores, eles acham dessa forma, nós mulheres não, mas os professores, eles têm esse preconceito, eles ajudam mais os meninos, eles tem mais o cuidado de tá sempre explicando várias e várias vezes aos meninos, formando grupinhos de estudo com os meninos, a gente vê, percebe essa situação.

Entrevistada 5E: Não, não, não percebi. Foi pouco tempo também.

Nesse grupo, a maioria respondeu que não, não sentiram nenhum tipo de preconceito ou discriminação. A Entrevistada 3E não percebeu preconceito por parte de professores e colegas, destacando inclusive o apoio significativo que recebeu de um colega, o que facilitou sua experiência no curso. Já a Entrevistada 5E relatou não ter percebido preconceito, mas ressaltou que seu tempo no curso foi curto, o que pode ter limitado suas observações. Porém, a Entrevistada 4E relata ter sentido um nível de preconceito por parte dos professores na questão de suporte nos estudos, de dar mais atenção aos meninos e formar grupos de estudos com os meninos, sendo isso algo que ela percebeu no período em que permaneceu no curso, o

que ela interpretou como uma forma de discriminação. Além disso, mencionou uma atmosfera de competição entre colegas que, segundo ela, afeta mais negativamente as mulheres.

Quando tratamos dos preconceitos sofridos por todas as entrevistadas nessa trajetória formativa, é inegável a percepção do quanto esse grau de dificuldade as atinge de uma maneira que as desencorajam e as desassocia do ambiente em que se inseriram, em alguns casos, por vontade pessoal ou sonho. Bourdieu (2022) ressalta experiências escolares de meninas adolescentes as quais, em sua grande maioria observam:

(...) como os professores das disciplinas científicas solicitam e estimulam menos as moças que os rapazes, e como os pais, tais como os professores ou os orientadores, as desviam, "para seu bem", de determinadas carreiras consideradas masculinas ("Quando seu pai lhe diz: 'você nunca vai se dar bem nesta profissão', isto é estupidamente vexaminoso"), ainda mais porque eles encorajam seus irmãos a segui-las (p.155).

E com base nessa reflexão que Bourdieu nos traz e a partir das conversas com as entrevistadas, é possível ver que essa falta de estímulo dos professores em motivar as mulheres da turma em aprender os temas de maior dificuldade, em ofertar suporte da mesma forma que concede aos homens da turma, está ocorrendo no dia a dia em um ambiente no qual o aprendizado deve ser focado em formar futuros professores, mas que parte desses profissionais em desenvolvimento não tem a mesma oportunidade de aprender, uma situação que foi relatada pelas Entrevistadas 3F, 3EF, 5EF e 4E, mesmo que tais comportamentos sejam inconscientemente perpetuados por estereótipos de gênero que influenciam a forma como os professores interagem com essas alunas.

Na próxima pergunta, buscamos entender o apoio que elas receberam da instituição, seja ele financeiro ou social, como também compreender a opinião das entrevistadas sobre a falta de incentivo e discussões sobre a permanência do público feminino no curso de Licenciatura em Ciências da Computação.

Houve algum apoio (social, psicológico) ou recurso financeiro (bolsas, auxílios) da Instituição que te ajudou nos desafios que precisou enfrentar na sua formação? Além disso, você acredita que falta nas instituições, e no IF Baiano no curso de Licenciatura em Ciências da Computação um incentivo ou discussões sobre a permanência de mulheres no curso?

O grupo das Formadas disseram:

Entrevistada 1F: Mais ou menos. No início não, no início a gente teve que brigar mesmo e

abrir a boca e falar assim é “o curso não tá legal”. No início a gente não tinha apoio, não tinha projetos, resumindo não tinha nada, a gente tava na cara e coragem mesmo. Mas depois a situação melhorou, depois a gente conseguiu os auxílios que tem, moradia, alimentação, e também os projetos de pesquisa e extensão. Mas bem depois, no início do semestre não. *(E sobre as discussões da permanência de mulheres no curso?)* Sempre teve, eu acho que tem que ter, até nos eventos que a gente participava, os eventos fora, tinham muitas essas discussões sobre as mulheres estarem presentes na TI, mas sempre teve. Acho que depois de um tempo a gente começou a perceber a importância da gente lá e nos eventos também, participando.

Entrevistada 2F: Mulher, eu tive muita ajuda do PAISE viu? Eu sempre conseguia, então me ajudou bastante porque foi um período que só meu pai trabalhava, minha mãe não trabalhava, eles moravam na roça, e eu morava só aí em Bonfim, tem que arcar com aluguel e alimentação e toda aquela coisa. O único problema dele era [...] você faz a inscrição, recebe a bolada toda de vez. O propósito, eu creio que seria pra receber mensalmente né, mas de qualquer forma ajudava né, a gente conseguia se manter. O PIBID também ajudou muito. Eu consegui depois de um tempo ser bolsista do IEL, então juntava o IEL com o PIBID. Foi melhorando, depois de um ano [...] foi que eu fui melhorando, mas até conseguir foi um pouquinho sofrido. Psicológico, eu não busquei, por questões de ser longe, eu já ia a noite pro curso, eu fiz um tempo ainda a academia, era muito cansativo, então eu evitava ao máximo. Então se eles tivessem um pólo de apoio na sede, na cidade, eu acho que seria mais interessante do que sendo aí no campus, entendeu? *(E sobre as discussões da permanência de mulheres no curso?)* Há sim algumas discussões, porém, acredito que faltam mais incentivos. [...] A falta de professoras e profissionais mulheres em posições de destaque no curso pode desencorajar as alunas. Muitas vezes, o ambiente acadêmico da área tecnológica pode ser pouco acolhedor ao público feminino, ocorrendo em alguns momentos casos de discriminação ou micro agressões verbais e ainda comportamentos machistas que desmotivam as alunas. Possivelmente a criação de programas de mentoria específicos para mulheres, poderiam ajudar a criar uma rede de apoio, promovendo a confiança e a resiliência necessárias para continuar no curso. Também a criação de grupos de estudo, workshops e eventos focados em mulheres na tecnologia poderiam estimular o interesse e a permanência na área. O IF Baiano, pode investir em tais iniciativas fortalecendo e promovendo discussões sobre o gênero, criar políticas inclusivas, apoiar grupos e projetos voltados para mulheres.

Entrevistada 3F: Olha, quando eu entrei, eu tinha, era muito humilde, [...] a maioria dos professores sabiam que a gente era de zona rural, então tinha aquela dificuldade ainda mais pesada né, mas no IF eles sempre me deram suporte, não foi, vamos dizer assim "passou por lá e não teve auxílio, não teve nenhum suporte", eu tive sim, graças a Deus eu tive, senão eu não tinha me formado, essa parte aí eu não posso falar nada, e tem alguns certos professores que eu amo de paixão, sou apaixonada por eles até hoje, que eram meus psicólogos sem entender. *(Deveria ter discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Precisa sim, eu acredito que seria legal, logo no começo, nos primeiros semestres, nas semanas de integração deveriam ter.

Entrevistada 4F: Sim, fui contemplada com o Programa de Assistência e Inclusão Social do Estudante do IF Baiano (PAISE), um auxílio financeiro fornecido pela Instituição, que me ajudou com as despesas pessoais, principalmente quando eu não estava empregada. Além de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que oportuniza o contato com a prática docente nas escolas públicas. Sobre o incentivo à

presença feminina no curso, acredito que poderiam surgir projetos, atividades ou mesmo grupos de estudo que incentivassem a permanência das alunas, formando, inclusive, uma rede de apoio emocional para auxiliar na jornada.

Entrevistada 5F: Sim. Do primeiro pro segundo semestre, se não me engano, eu ainda consegui um auxílio e ajudou a custear, se não me engano era o auxílio moradia, era um valor que ajudava a custear o aluguel, porque a minha família não é de Senhor do Bonfim e na época em que eu me mudei pra lá pra estudar, então eu precisei pagar aluguel e por conta da renda familiar, fui contemplada né. Aí, posteriormente, eu consegui também participar da seleção do PIBID e o valor da bolsa era de grande ajuda para além do custeio com material e outras coisas, foi realmente algo que ajudou bastante na permanência do curso, eu acredito que tanto no momento inicial, quanto depois né, foi algo que, de uma certa forma, gerou uma redução nos custos né, meus pais [...] tinham que sozinhos arcar com tudo, e [...] isso ajudou bastante sim. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Eu acredito que sim, acho que seria muito pertinente algo que buscasse dentre outras coisas, desde o início da graduação, discutir também uma perspectiva de atuação profissional, porque o que eu eu percebi, [...] na época, a cidade não oferecia um campo de atuação, era aquela inquietação "meu Deus, eu vou me formar professor de informática para dar aula onde?" porque na rede municipal, na rede privada, não tinha disciplina de informática e aí, de uma certa forma, havia esse impasse, então eu acredito que uma das coisas que poderia ajudar sim na perspectiva da profissionalização de uma forma bem concreta, [...] a pessoa ela, reconhecer de fato seu papel na sociedade, [...] e para além disso, essa questão [...] de haver ainda essa visão de que a área das tecnologias, não é um campo diretamente voltado para as mulheres e tudo, discussões que pudessem trazer isso mais a tona, pra realmente investigar né quais são essas coisas né, seja por momentos não só teóricos né, mas práticos, como levar isso para a cidade [...]. Eu acredito que a partir do contexto, olhando pra realidade, procurar realmente pensar em iniciativas que aproximem as mulheres das tecnologias, retire a visão de que elas não conseguem, porque talvez haja também isso, [...] porque, da parte da minha família não faltou incentivo, [...] dos professores também não, mas [...] quanto ação da instituição, seria muito interessante. Alargar esse olhar para um contexto profissional, para que isso gerasse já interiormente na pessoa aquele sentido de pertencer ao curso, [...] acredito que isso, dentre outras coisas, quebraria muitos obstáculos, porque a partir dali, a pessoa ia de fato se perceber. Eu, enquanto mulher, enquanto profissional, seja aquelas que já são casadas, que já tem filhos, seja as que não tem, com isso, na prática, no meu dia a dia, pode ser útil né, acho que é muito nesse sentido.

Entrevistada 6F: Sim, a gente tinha apoio estudantil, que eu lembro que era 150 reais, que era do aluguel, e tinha o PIBID, não sei se tem ainda tem hoje, na época era 400 reais, então para época, 550 reais era quase o salário mínimo. Dava para viver bem, viver bem não, mas para um estudante dava para sobreviver tranquilamente. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Acredito que não, pois as oportunidades são para todos os alunos. Eu mesma fui muito beneficiada com o auxílio estudantil e o PIBID. Esses programas deram oportunidades para todos os alunos que tivessem qualificações, meninos ou meninas.

Nesse grupo, todas as entrevistadas relataram ter tido acesso aos auxílios disponibilizados pela instituição no período de estudos, que o apoio financeiro e social fornecido pela Instituição desempenhou um papel crucial nas jornadas acadêmicas das

entrevistadas, com destaque para o PAISE (Programa de Assistência e Inclusão Social do Estudante) e o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). A Entrevistada 1F relatou que, inicialmente, não haviam esses auxílios, mas após um período, ela conseguiu usufruir desse recurso. Todas citaram a importância desses auxílios no decorrer da jornada delas no curso, o que nos traz uma visão do quanto esses recursos permitiram que essas alunas chegassem à etapa de formação.

Já sobre a falta de discussões quanto à permanência de mulheres no curso, elas citaram que, sim, precisam existir esses diálogos, para que possa gerar até mesmo “uma rede de apoio emocional para auxiliar na jornada”, citado pela Entrevistada 4F. A Entrevistada 1F citou que, na vivência dela, presenciou muitas discussões a respeito que fez perceber a importância dela nesses espaços, e a Entrevistada 5F frisou a necessidade de, além de falar sobre as mulheres na área, também existir um direcionamento profissional desses alunos, pois sente que algumas desistências se dão pelo fato dessas pessoas não enxergarem uma oportunidade de emprego na região na área a qual estão se formando. Ela também cita sobre a instituição “pensar em iniciativas que aproximem as mulheres das tecnologias, retire a visão de que elas não conseguem”, pois isso cooperaria com a permanência das mulheres. A Entrevistada 2F cita sobre o quão a falta de incentivos e referenciais femininos podem desencorajar as alunas, como também as situações de discriminação que ocorrem nas salas, e sugere investimento do Instituto Federal Baiano em *workshops*, eventos focados nas mulheres, grupos de estudo, para que seja possível criar uma rede de apoio que auxilie essas alunas no decorrer da formação.

No caso da Entrevistada 6F, ela acredita que não falta, pois cita que a disponibilização dos auxílios oportunizam que as dificuldades financeiras que impedem a permanência no curso, tanto de mulheres quanto de homens, sejam supridas e permitam maior tranquilidade na trajetória da formação dos alunos num geral.

A análise das respostas revela que, embora o apoio financeiro e social tenha sido crucial para a permanência das alunas no curso de Licenciatura em Ciências da Computação, há uma clara demanda por uma maior ênfase em discussões e projetos que promovam a inclusão e a permanência das mulheres. A percepção varia entre as entrevistadas, com algumas sentindo que as iniciativas existentes são adequadas, enquanto outras veem espaço para melhorias, especialmente em termos de apoio emocional, orientação profissional e a criação de uma rede de apoio específica para as mulheres. A continuidade dessas discussões e o desenvolvimento de novas estratégias são fundamentais para garantir um ambiente mais inclusivo e equitativo para todas as estudantes.

O grupo das Em Formação responderam:

Entrevistada 1EF: Eu recebi a bolsa do IF, fui eu que procurei, e só. A única coisa foi essa, mas não por eu ser mulher. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Com certeza, porque é muito pouco. Você vê que em todas as turmas o número de mulheres é muito menor, não tem nada voltado para isso sabe, até porque as referências que a gente tem quando vai crescendo não são muitas, geralmente a gente tem menos facilidade, quem entra assim, quem entra no curso de paraquedas, sabe? Não tem muita experiência, eu acho que acaba sendo prejudicado. Devia ter apoio maior.

Entrevistada 2EF: Já tive o auxílio do PAISE, acho que da alimentação, foi bem útil e agora eu participo do PIBID, que foi o melhor, porque o PAISE é triste, que eu acho um valor muito baixo, [...] valor que eles pagavam pros alunos de 2014 [...], imagine a inflação que já deu aí e continua o mesmo valor, meio complicado né. Mas eu já recebi já, e agora só do PIBID mesmo. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Com certeza, porque [...] você não vê o incentivo na metodologia, tinham mais meninas, desistiram, a galera não é muito de correr atrás pra ver o que o aluno, com dificuldade, que terminou o ensino médio a mais tempo, ou não teve contato com a tecnologia mais massiva, não tem o contato em casa ou algo do tipo e eles não dão esse valor, não buscam um meio para ajudar aquele aluno ali pra ver se ele permanece no curso e acaba formando, isso eu percebo no geral, o IF não tem uma estrutura boa para formar os alunos, [...] existe um desincentivo dos próprios alunos e tem professor que entra e tem falas desmotivacionais que vai desmotivar o aluno, ele faz é desmotivar, invés de dizer "não não, o mercado de trabalho está em crescimento, você pode atuar nisso e nisso", não, não diz nada, você forma e é nós, e se você conseguir né.

Entrevistada 3EF: Olha, bastante. Eu, apesar de eu morar numa área quilombola né, ainda consegui uma bolsa por morar lá, e assim [...], foi quando eu consegui pegar a bolsa do quilombola que, na época, era um valor até alto, um salário né, e assim, foi muito bom pra mim, porque eu sempre fiz as minhas coisas por fora. [...] E quando eu consegui a bolsa, a primeira coisa que eu investi foi num equipamento eletrônico, que foi meu computador que tô aqui nele agora, foi numa impressora, [...] e também me ajudou em outras coisas, por exemplo, às vezes você precisa de um tênis, uma mochila e você não tem, infelizmente você não tem, entendeu? [...] e em relação ao IF, me manter lá, a bolsa me ajuda muito, não vou mentir, até porque eu não trabalho, não tenho um emprego fixo, e assim, essa relação financeira é muito difícil pra mim porque [...] você ainda é muito cobrado. [...] Aí agora eu tô no PIBID né, e aí as pessoas já relevam, tipo assim "ah, cê trabalha?" Aí você fala "ah, eu trabalho", porque se você falar, explicar o PIBID, as pessoas não entendem. [...] Mas assim, em relação a força mesmo, o que me fez ficar mesmo e manter no IF foi as bolsas, também né, além de muita força de vontade e estudo. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Sim, com certeza, muito. Às vezes, para a gente já é difícil, e chegar lá e entender a finalidade desse curso, já pega daí. [...] E às vezes a mulher também não tem nem noção de que ali, tem um vale creche, que eu não sabia, descobri pelo PAISE uma vez lendo o edital, entendeu? que ela pode pagar alguém pra ficar com o filho, então eu acho que assim, na hora da inscrição, do primeiro contato com o IF, poderia sim ter palestras, falando sobre a mulher no mercado da tecnologia, poderia. Poderia ter também, abrir os olhos de alguns colegas mesmo, amigo nosso que tá ali, pra eles entenderem a nossa presença ali e o quanto é importante e o que a gente enfrenta pra tá lá, entende? [...] então assim, às vezes um pouco dessa força, desse cuidado pra poder fazer com que a gente se mantenha lá, eu acho que seria bacana, e eu acho que a gente só consegue alcançar isso realmente através da educação.

Entrevistada 4EF: No início, eu recebi o PAISE, mas é tanta burocracia pra conseguir o PAISE que eu acabei que desistindo, aí eu trabalho fora e eu recebo também o PRP que me ajuda também, a bolsa do PRP, mas é só isso, o PAISE eu desisti, é muita burocracia. Eu procurei (*a parte psicológica*), mas a psicóloga, ela tá de licença, já tem bem uns 2 anos, [...] e era bem complicado na época que eu procurei porque ela me relatou que ela tinha que atender todos os alunos do médio e o tempo dela ficava escasso para a gente de LCC, como sempre né, a gente sobra, mas enfim, e aí ela me deu o encaminhamento para ir para psicóloga do SUS, e aí eu entrei na fila do SUS pelo município e fiz o atendimento no município, mas lá no IF não tem muito apoio, porque ela era só uma e tava super sobrecarregada. (*Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?*) Com certeza, falta muito e eu acho que esse é um dos motivos de mais evasão, porque apesar de eu não sentir um preconceito lá, mas a gente não vê uma representatividade. Os professores, eles são formados todos por homens praticamente, da área técnica, só tem a Elane que é professora de computação, mas ela é totalmente voltada pros estágios, então a gente não vê muita representatividade dentro das disciplinas técnicas, [...] são todos homens, a gente não vê essa representatividade. Sempre que tem um evento, alguma coisa, eu nunca presenciei uma mulher vindo palestrar para a gente, são sempre homens. Quando os professores, eles passam algum trabalho, eles, durante as aulas deles, trazem citações, indicam livros para a gente ler, todos de homem, nunca foi citado um livro de uma mulher, [...] então eu acredito que isso influencia na evasão das meninas. Já entram muito poucas meninas e pelo fato de não se verem na área, como é que eu vou continuar em um curso se eu não vejo mulheres desempenhando aquele papel profissionalmente, eu não vejo mulheres que tiveram sucesso desempenhando essa profissão, então elas acabam desmotivando.

Entrevistada 5EF: Não, não pra exatamente nessa questão né, acho que só o PAISE, você conhece né, então, só participei do PAISE e é isso. (*Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?*) Já vi palestras acontecerem no IF em relação a isso, mas eu acho que toda forma de incentivo é sempre muito bem vinda, de divulgação, trabalhar mais na divulgação, principalmente do curso de forma geral, e batendo nessa tecla também das mulheres, seria algo bem importante. Porque assim, tem, mas é bem pouca, geralmente em datas, como no dia das mulheres ou algo do tipo. Só é lembrado nessas datas né, de forma geral, então tá faltando aí.

Entrevistada 6EF: Não, até fui atrás da psicóloga, [...] mas a instituição em si tá sem psicólogo, ninguém fala nada sobre isso e se você for falar sobre financeiro, piorou, então não. (*Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?*) Falta os dois. Falta ter mais visibilidade ali das mulheres, tipo Lilian, nem todas ali, principalmente o primeiro semestre, sabe que ela é da formação, a Elane, nem todo mundo conhece ela e sabe que ela foi a primeira mulher dali, então acho que deveria ter mais visibilidade dessas professoras que já estão ali e chamar mais.

Nesse grupo, a maioria das entrevistadas relataram ter recebido auxílio financeiro da instituição e que esse suporte financeiro as ajudou bastante, mas as entrevistadas que procuraram o auxílio psicológico, não obtiveram esse apoio pela falta de psicólogo disponível no campus, como mencionado pelas Entrevistadas 4EF e 6EF.

A Entrevistada 1EF recebeu uma bolsa do IF, mas notou que não havia nada específico para mulheres. Ela percebe uma falta de incentivo e acredita que a ausência de referências

femininas na área dificulta a permanência das alunas. A Entrevistada 4EF menciona, também, sobre a falta de apoio da instituição em disponibilizar mais psicólogos, pois existia apenas uma e a mesma tinha a função de atender todos os alunos, desde o Ensino Médio até a Graduação, o que acaba por sobrecarregar a profissional. A Entrevistada 2EF citou ter insatisfação com o valor do auxílio e mencionou ser um valor desatualizado, que não compete com o aumento da inflação com o passar dos anos.

Já se tratando sobre a discussão da permanência de mulheres no curso, todas as entrevistadas concordaram faltar diálogos internos a respeito do tema no curso de Licenciatura em Ciências da Computação. A Entrevistada 5EF mencionou já ter visto palestras a respeito, mas reduzidas a datas comemorativas, como o dia da mulher, o que é considerado pouco pela entrevistada. Além disso, as entrevistadas citaram sobre a dificuldade de algumas alunas, citado pelas Entrevistadas 1EF e 2EF; a falta de conhecimento sobre os auxílios, citado pela Entrevistada 3EF; e a falta de representatividade e visibilidade entre professores e palestrantes, citado pelas Entrevistadas 4EF e 6EF.

As entrevistadas sentem que a falta de representatividade feminina, a ausência de incentivos específicos e o apoio insuficiente são desafios significativos. A instituição poderia melhorar essas áreas ao aumentar a visibilidade de mulheres bem-sucedidas na área, oferecer mais apoio psicológico acessível e implementar iniciativas contínuas para incentivar e reter alunas no curso.

E o grupo de Evasão respondeu:

Entrevistada 1E: No início, eu tive o alimentação, do [...] PAISE, eu fiquei alguns, uns dois semestres eu acho, eu recebi, mas assim, a dificuldade para receber é muito grande né, [...] é uma burocracia danada pra você conseguir, é tanto que eu dava entrada no início do semestre, vinha receber já tudo de uma vez no final do semestre, pra receber é muita dificuldade né, mas ainda cheguei a receber. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Eu acredito que deveria ter, não só de mulheres, como dos alunos todos em geral, porque realmente eu mesma me desestimulei e pedi pra sair, mas assim, não teve nenhuma tentativa de que eu ficasse sabe, foi "ah, tá bom, beleza, vou..". Eu solicitei e não teve nenhum, nada assim que pedisse assim para que eu permanecesse, nem nada, e aí realmente seria uma sugestão bem interessante de que houvesse algo assim pra cativar mais os alunos, para que os alunos queiram dar continuidade.

Entrevistada 2E: Não, eu não utilizei nada. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Pronto, sim, [...] eu vejo um pouco de preconceito por esse lado sim, eu vejo um pouco de preconceito em relação às mulheres. O apoio em relação a mulher [...] na Licenciatura da Computação, é como eu vejo, mas acho que isso é uma coisa particular minha, é tipo igual mulher no volante, as pessoas tem isso. E eu via, tipo, por alguns colegas terem destaque e tal, você vê que os professores eles se interessam mais por aqueles que se destacam. Eles sempre favorecem aqueles que se destacam melhor, isso é fato.

Entrevistada 3E: Não, não tive nada disso não, até porque eu não conseguia me inscrever nas bolsas, porque eu trabalhava na época né, então nem chegava a me inscrever, acho que eu ainda fiz uma inscrição no tempo que eu fiquei desempregada, mas nem consegui, aí também deixei pra lá, depois logo logo arrumei emprego, então não precisei. Apoio psicológico, eu sei que a faculdade oferece, mas não oferecia no turno da noite, então eu não ia lá de tarde só pra ir atrás de um psicólogo, não. Não tive, mas eu sei que o IF oferece [...]. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Com certeza, inclusive poderia começar pelo próprio IF em contratar mulheres na área de programação, só tem professores homens, então já começa daí, eu acho que se tivesse uma mulher como professora nessa área, já quando a pessoa entrasse, já ia se sentir acolhido logo de cara né, já ia perceber que tinha alguém que tava lá que representa, a gente se sente representado [...]. Eu acho que é isso, teria que começar por lá né, a partir do momento que você entra em um ambiente e que você percebe que existe uma mulher numa posição de liderança, você já se sente acolhido e representado. Existe aquela questão de você querer chegar lá, você perceber que ela chegou e quer chegar lá também, então eu acho que sim, tá faltando incentivo sim, em todos os setores, [...] e o IF em si, ele é um espaço deserto, principalmente a noite. É muito amplo e deserto, inclusive tem até assaltos na porta de vez em quando, então eu acho que até por questão de segurança acho que algumas mulheres acabam não querendo cursar.

Entrevistada 4E: Não, recurso não, recurso financeiro eu não tive nenhum, foi tudo por minha conta mesmo. Mas social, psicológico, social, eu não tive, assim, posso dizer que eu tive um apoio de um único professor [...], mas aos demais, não. Nunca consegui nenhum auxílio. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Eu acredito que sim, porque é tudo muito solto, muito aleatório, então fica parecendo que homens e mulheres é aquela coisa, direitos iguais, mas não é bem assim, as mulheres elas precisam de um apoio a mais, tanto psicológico, quanto a questão mesmo moral, a questão da permanência, enfim, a gente precisa e eu acredito que o IF Baiano, nos 8 semestres que eu permaneci lá, não teve esse apoio, e não tem, eu acredito que até hoje não tem.

Entrevistada 5E: Não, não tive apoio, nenhum. *(Falta discussões sobre a permanência de mulheres no curso?)* Sim, porque um dos motivos da minha desistência era a quantidade de trabalho excessivo e dar conta de fazer esses trabalhos e entregar, e quanto ao recurso, eu ainda tentei algumas vezes, só que os prazos pra você solicitar e entregar documentação, eu achei curto, porque não deu tanto tempo assim pra recolher todos os documentos que eu precisava, e aí eu não consegui, quando eu consegui a documentação toda pra entregar, já tinha passado o prazo, aí eu perdi e seria bom, porque assim, eu não dependeria tanto do meu trabalho, se eu tivesse conseguido alguma bolsa.

Nesse grupo, apenas uma das entrevistadas teve acesso ao auxílio disponibilizado pela instituição. Todas as outras entrevistadas relataram não ter tido nenhum apoio ou recurso financeiro e as Entrevistadas 1E e 6E citaram sobre a burocracia em inscrever-se para conseguir obter os auxílios.

Ao perguntar sobre a falta de discussões de permanência feminina no curso, todas as entrevistadas concordaram que há esse déficit e elas consideram algo importante para cativar os alunos, como citado pela Entrevistada 1E, pois existem preconceitos e estereótipos sobre mulheres, percebidos pela Entrevistada 2E, a falta de representatividade, citado pela

Entrevistada 3E, a necessidade de um apoio direcionado, como mencionado pela Entrevistada 4E, e o excesso de trabalhos que os professores costumam passar, sendo este o fator determinante para a desistência da Entrevistada 5E, pois esse fluxo pode dificultar o acompanhamento do curso por alunas que já tem uma colocação no mercado de trabalho.

As entrevistadas identificam uma série de lacunas no apoio oferecido pela instituição, tanto em termos de recursos financeiros quanto de suporte psicológico e social. Há um consenso sobre a necessidade de mais discussões e iniciativas para incentivar a permanência das mulheres no curso de Licenciatura em Ciências da Computação. A falta de representatividade feminina entre os professores e a burocracia para acessar auxílios financeiros são apontadas como barreiras significativas. Além disso, a segurança no campus e a necessidade de um apoio mais estruturado e contínuo são questões destacadas que precisam ser abordadas para melhorar a experiência e a permanência das alunas no curso.

Na pergunta seguinte, o foco foi compreender se as entrevistadas, no decorrer da vivência na área da computação a partir do curso de Licenciatura em Ciências da Computação, conheceram algum projeto direcionado ao público feminino e se elas acreditavam que essas iniciativas contribuíram com a motivação das mulheres para permanecerem nessa carreira.

Você que vivenciou a área da computação com o curso de Licenciatura em Ciências da Computação e como mulher, conhece algum ou alguns projetos voltados especificamente para mulheres na área de tecnologia, mulheres na área de computação? Acredita que iniciativas, como projetos voltados para mulheres, cooperam com a motivação de permanência na área?

O grupo das Formadas disseram:

Entrevistada 1F: Não, assim, eu sei que existem projetos, mas próximo a mim atualmente não. Inclusive Daiane, ela também dá aula de informática e ela tem um projeto. Ah, então eu conheço né? Tava pensando bem próximo assim do trabalho, mas tem Daiane, ela tem um projeto voltado para mulheres na TI mesmo. Não sei se ela deu continuidade ainda, mas até um tempo ela tinha, eu acho bem interessante. Tem, conheço vários. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Eu acredito que sim, mas não é o suficiente. Eu acho que precisa incluir mais projetos dentro da própria instituição, [...] precisa fazer projetos voltados para as meninas para que essas meninas permaneçam no curso. Acho que só uma palestra não é o suficiente, é só uma pontinha do que ela pode fazer no curso e mais a frente do curso, mas ainda não é o suficiente não. Eu acho que é preciso incluir em projetos e fazer pesquisas, eu acho que isso ajuda bastante também, pesquisa e extensão. Incluir mais nos espaços e projetos.

Entrevistada 2F: Mulher, eu desconheço, não vou mentir, eu desconheço. Eu já vi algumas publicações relacionadas, porém eu não sei te dizer nomes, lembrar agora, sabe? Mas eu já

vi algumas publicações no instagram, divulgação, algo assim. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Com certeza, eu já até comecei a pensar em alguma coisa para botar no município, não vou mentir. Tem uma mostra aqui em Petrolina de foguetes que tem lançamentos, competição, todos os alunos da região são convidados [...]. Eu sempre faço, junto com eles eu sempre faço a seleção interna da escola, faço competição interna para selecionar os melhores foguetes para inscrever em Petrolina e eu já tô pensando nessa proposta pro ano que vem, fazer uma parte separada só para as meninas.

Entrevistada 3F: Não, até o momento não. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Contribui bastante, [...] porque é uma visão ampla né. Às vezes você tá com aquele mundinho fechado, mas vem outra pessoa com um leque de conhecimento, que pode te dar essa motivação, contribui bastante. Já tira aquela realidade que só você pensa que "computação não é pra mulher", aquele pontinho do mundo machista, [...] você já tá com aquela mente meio, e aí quando vem essas palestras, esses projetos, incentiva bastante, contribui bastante para incentivar as mulher no mundo tecnológico.

Entrevistada 4F: Sim, existem projetos como InfoPreta, PrograMaria, ElasProgramam, PyLadies e vários outros que incentivam a participação das mulheres na área *tech*, disponibilizados por instituições ou plataformas de ensino digital. (*Esses projetos incentivam?*) Sim, pois é essencial que haja esse tipo de incentivo, não apenas pela necessidade de mão de obra tecnológica, mas, principalmente, pela pouca participação feminina na área.

Entrevistada 5F: Deixa eu ver se eu lembro... Eu lembro que teve um evento que eu participei, [...] em que houve uma mesa de discussão sobre mulheres na computação, isso [...] foi um grande incentivador né, porque a fala das engenheiras de *software*, das professoras também, falavam sobre a experiência e aquilo foi, gerou dentro de mim uma esperança, "ah, é possível", [...] mas depois em outros momentos específicos para o público feminino, não que eu recorde. Ah, lembro do que eu participei né, mas aí eu já tinha terminado a graduação, mulher, acho que eu me confundi na pergunta, mas pode citar que agora que eu lembrei, que a gente participou da mesa de discussão. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Sem dúvidas, porque eu acredito que, melhor do que qualquer outra coisa, quando a gente conhece a realidade, conhece a experiência de outras mulheres, outras que foram pioneiras, de uma certa forma, isso [...] se torna um grande incentivo né, e você me fez lembrar bem, quando houve aquela roda de discussão, quando a gente conversou sobre a atuação das mulheres no contexto profissional, [...] como a gente foi, teve experiências em diferentes contextos, em diferentes cenários, aquele momento também foi um divisor de águas, [...] porque como eu disse, houve uma demora para que eu me inserisse no mercado de trabalho né, e quando a gente conversava sobre aquelas experiências que tinham sido vivenciados na graduação, eu desacreditava que um dia eu conseguisse exercer algo relacionado, mas foi uma centelha de esperança né, dentro daquilo que parecia já totalmente arrefecido, então meu muito obrigada, foi uma oportunidade que manteve acesa a chama que tinha sido colocada lá em 2013, mas que tava bem apagadinha, [...] então eu acredito que sim, iniciativas como essa, elas têm um papel [...] de fazer com que quando a gente muda o nosso olhar, eu acredito que a gente ouve também outras experiências, isso vai também nos descentralizando, e é uma coisa que eu aprendo a cada dia que precisa ser feito constantemente, porque se eu olhar só pra o meu contexto, não alargar o olhar, muitas vezes eu vou me sufocar naquilo né, seja para o bem, seja para o mal, ou porque eu acho que tá tudo sucesso, ou porque eu acho que tá tudo um terror, então trocar experiências, ouvir outras experiências, como se deu o processo

formativo, eu acredito que é muito importante, e a atuação profissional né.

Entrevistada 6F: Tem esses da empresa que eu conheço, [...] há um incentivo para que mulheres ocupem essas vagas, por exemplo: tinha uma pessoa que era do meu time, que era de suporte, e acabou migrando para a área de tecnologia. Hoje ela é QA. Ela está fazendo ainda a graduação em Análise de Sistemas, então como há esse interesse e ela era uma ótima funcionária, então a gente já moveu ela para uma área que poderia se desenvolver melhor. Em seguida, houve uma contratação, também a preferência por mulheres, até para ter mais mulheres integradas ao time. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Com certeza. Principalmente porque a maioria desses projetos, desses incentivos aí, não pegam necessariamente uma pessoa já formada, pega pessoas em formação ou contratam em trainee, que você pode fazer meio que uma formação dentro da empresa e continua trabalhando.

Nesse grupo, as entrevistadas destacaram a importância de projetos voltados especificamente para mulheres na área de tecnologia e computação, embora algumas tenham tido dificuldade em citar exemplos específicos. Três relataram conhecer algum projeto voltado apenas para o público feminino, sendo citado pela Entrevistada 6F um direcionamento de cargo ocorrido no trabalho com base na área que a funcionária pudesse desenvolver melhor seu conhecimento. A Entrevistada 4F citou alguns nomes de projetos, como a InfoPreta, Programaria, entre outros. E a Entrevistada 5F mencionou um evento o qual ela participou, como também mencionou uma mesa redonda de discussão sobre mulheres na computação a qual ela participou que foi realizada pela autora deste trabalho, com o objetivo de compreender as experiências femininas nas áreas de tecnologia e computação.

Já quando tratamos sobre a cooperação desses projetos para a motivação feminina, todas concordaram sobre a importância, mas a Entrevistada 1F acrescentou que, para ela, não é o suficiente, que “precisa incluir mais projetos dentro da própria instituição, [...] precisa fazer projetos voltados para as meninas para que essas meninas permaneçam no curso”. Já a Entrevistada 5F citou a influência que a participação de uma mesa redonda causou pessoalmente nela, que tal iniciativa abriu os olhos e a fez ter esperança de exercer a função na área de formação. Há um consenso de que mais iniciativas são necessárias, tanto dentro das instituições de ensino como por parte de empresas e organizações, para promover a igualdade de gênero e incentivar a participação feminina na área de tecnologia.

O grupo das Em Formação responderam:

Entrevistada 1EF: Eu conheço um, que foi da Lady Gaga, ela tem uma fundação, e aí dentro dessa fundação ela tem um projeto para ensinar código para meninas, eu acho muito bonitinho isso. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Com certeza, se tivesse um desse no IF, a aderência seria muito maior, se fosse voltada para

mulheres que tão chegando ainda, a evasão seria muito menor, porque da minha sala, entraram 3 e só ficaram 2, entraram 4 na verdade, e só ficaram 2, 50% vai se formar.

Entrevistada 2EF: Eu já ouvi falar, mas tipo assim, conhecer mesmo, nenhum. Já ouvi falar que existem alguns incentivos da *Microsoft*, da *Google*, só que tipo, ouvi falar, agora ver, nunca vi. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Eu acredito que sim, porque você acaba, querendo ou não, recebe aquele gás, aquela coisa "nossa, que legal, tô fazendo a diferença". É o que eu digo quando falo, eu gosto bastante do PIBID por causa disso, você tem um contato real com a turma ali, os alunos e você vê eles aprendendo, você vê que não, eles não são mais tão bobos assim, eles não vão cometer erros, a nosso ver é bobo e pra eles era algo tão contrário ao que muitas vezes desmotivava eles, e já mudou ali o pensamento deles, é algo que, querendo ou não, [...] e isso é algo muito motivacional, pra mim, nessa área mesmo, achei muito isso. E imagine pra mulher que você vê que a área do TI em geral não acha muito daora e ela vê que é capaz, que é algo que às vezes se sente muito incapaz, [...] sempre vê o homem que mexe com TI, que mexe com tecnologia, a mulher ela sempre vai atrás do homem pra ele resolver a tecnologia, sendo que a mulher também pode, ela tem capacidade tanto quanto, e projetos assim mostram pra mulher que ela tem essa capacidade. [...] e principalmente no meu mesmo quilombola imagina se ela tivesse contato, pra você ver que o governo federal tem incentivo de bolsas para pessoas de comunidade quilombola, eles nem sabem que tem essas coisas, não chega nem neles, é tanto que muitas bolsas voltam pro governo por causa que as pessoas nem sabem, imagine se elas tivessem esse contato desde cedo, não "estudar é bom, estudar vai trazer algo bom pra sua vida, vai trazer uma vida melhor pra você, pra os seus filhos, se você quiser ter seus filhos, pode ter, trazer uma vida melhor, uma qualidade de vida real, [...] estudar também faz parte da vida, é transformador, é algo que pra mim faria muita diferença esses projetos assim, em comunidades quilombolas mesmo, eu acho que iria surtir um baita efeito.

Entrevistada 3EF: Eu não conheço, eu sigo algumas mulheres, mas não conheço nenhum. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Sim, sim, eu acho que traz uma perspectiva, eu acho que talvez se eu tivesse tido um pouco dessa influência, tivesse visto algo, eu acho que eu tenho certeza que eu me interessaria quando nova, né, então eu acho que trazer esses projetos, falar mais sobre, trazer pras comunidades, pros quilombola, pro EJA, educação no campo também, eu acho que seria uma ótima influência, e ajudaria muito porque nem todo mundo sabe que existe o curso de Ciências da Computação, ninguém nem sabe o que é na verdade, então eu acho que poderia até trazer um olhar mais pro IF, [...] porque acho que as pessoas o que elas querem é retorno financeiro e empregabilidade, e essa área é uma área que ela dá empregabilidade, te traz muito conhecimento, se desenvolve bastante, você tem que persistir, mas é uma área que tem muita empregabilidade, e várias, [...] é um leque de oportunidade ali, você pode exercer várias profissões: professora, programadora, um monte de profissão, técnica, tem muita coisa pra você seguir e ganhar uma grana né, então eu acho que sim.

Entrevistada 4EF: Eu só conheço esse seu e um que as meninas fizeram, acho que no 3º semestre que eu vi lá no IF. Tirando isso, eu não conheço nenhum outro. E nem fora, externo, nunca nem vi. (*Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?*) Sim, muito. Mais conhecimento, porque eu mesma não conheço muito, nem de fora, nem de dentro do campus, então eu acredito que ver mais seria legal, seria mais motivador.

Entrevistada 5EF: Conheço o PretaLabs, mas também tem a, acabei esquecendo o nome dela, que é, que ela estudou na USP e ela também tem um projeto voltado pra isso, ela tem um blog, que ela fala que na turma dela só tinha ela de mulher e ela conseguiu chegar até o final do curso e assim, realmente guerreira, e aí depois disso foi o que incentivou ela a criar esse projeto, ela tem um TED Talk, vou dar uma pesquisada pra ver. Também tem um, acho que é um banco que faz Ada Lovelace alguma coisa, que eles usam até o nome da Ada, é um curso preparatório também voltado para mulheres. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Acredito que sim, porque às vezes você [...] vê um anúncio, vai que você bate a curiosidade, entra lá, acaba se identificando, então acho que é assim uma forma de atingir mais mulheres e acabar despertando o interesse delas, porque, como eu disse, é uma, é que às vezes a pessoa nem tem conhecimento, nem sabe que existe, nem sabe como funciona e aí acaba nem ouvindo falar, então quando tem esses projetos voltados principalmente para mulheres, elas podem também se sentir mais confortável, porque né, sabem que também o meio pode acabar sendo não tão acolhedor, digamos assim.

Entrevistada 6EF: Sim. Eu gosto do PretaLab, gosto do, é alguma coisa relacionado as minas, que eu não lembro agora o nome completo, e tem o Coda Mais, que é pra todos, mas a maior parte é para mulheres. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Com certeza, com certeza.

Nesse grupo, a maioria das entrevistadas conheciam projetos voltados para mulheres na área de tecnologia e computação, com exceção da Entrevistada 3EF, que mencionou nunca ter ouvido falar, apesar de seguir algumas mulheres da área no *Instagram*.

E quando perguntadas sobre a cooperação desses projetos, assim como o grupo anterior, todas concordaram que é importante existir esse tipo de incentivo. A Entrevistada 1EF citou que “se tivesse um desse no IF, a aderência seria muito maior”, pois elas teriam um refúgio para quando sentissem dificuldades com os temas. A Entrevistada 2EF reconheceu a importância de projetos de incentivo, destacando que essas iniciativas podem fornecer um impulso motivacional significativo, especialmente para as mulheres que historicamente são menos representadas na área de TI. Além de levar esses projetos para comunidades menos privilegiadas, como as quilombolas, para ampliar o acesso ao conhecimento sobre oportunidades na área de tecnologia.

Já as Entrevistadas 3EF, 5EF e 6EF citaram sobre a importância interligada à divulgação da área, pelo fato de que para escolher a área, precisa existir o primeiro contato de alguma forma, e elas acreditam que projetos desse tipo contribuem para gerar curiosidades e trazer mais mulheres para as áreas de tecnologia. A Entrevistada 4EF reconheceu a importância do conhecimento sobre projetos de incentivo, afirmando que a falta de informação pode ser um impedimento para a motivação e permanência na área.

As participantes deste grupo destacaram a importância dos projetos voltados para mulheres na área de tecnologia e computação como ferramentas essenciais para motivar e

apoiar a permanência das mulheres nesse campo, bem como para ampliar o acesso ao conhecimento e às oportunidades profissionais.

E o grupo de Evasão respondeu:

Entrevistada 1E: Não, nenhum. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Acredito que sim, agora teria que ser bem disseminado sabe, assim, bem divulgado, porque como você falou, já existia e eu mesma nunca tive acesso sabe, mas eu acho que se fosse bem divulgado, bem disseminado para toda a população mesmo, eu acho, para ter conhecimento, até pra quem não é aluno ver se se interessa e se identifica com o curso, acho que seria bacana.

Entrevistada 2E: Que eu lembre não. Pra mulher? Nossa, não lembro. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Com certeza, isso incentiva bastante, sem sombra de dúvidas.

Entrevistada 3E: Não, não conheço. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Claro, com certeza, as mulheres iam se sentir representadas e quando você se sente representado e gosta da área, você quer entrar no curso. É aquele ditado, a propaganda é a alma do negócio né, se falam pouco, poucas mulheres vão entrar, não tem muita coisa, você não ouve muito falar em mulheres não, pra te falar a verdade, eu não conheço nenhuma mulher formada em Ciências da Computação, que trabalhe na área, até conheci uma moça aqui [...] que se formou no IF, mas ela disse que pra ela se formar, ela perdeu 4x em uma disciplina voltada para programação, [...] e ela disse que foi difícil, muito difícil, e hoje ela não atua na área de Computação, ela fez uma pós, ela é professora, ela é formada em Ciências da computação, é professora, mas não atua na área.

Entrevistada 4E: Não, nenhum até hoje. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Acredito plenamente, porque tudo parte de um princípio né, então se você planeja esse projeto, você executa esse projeto e esse projeto tem um sucesso, ele é plausível, isso vai motivar mais pessoas, então eu acredito plenamente.

Entrevistada 5E: Nenhum, nenhum projeto, não. *(Esses projetos cooperariam com a motivação de permanência?)* Eu acho que cooperaria sim, porque mostra, como eu me atraí pelo curso por causa de reportagem, de notícia sobre poucas mulheres na programação, isso poderia chamar a atenção das outras para querer ir pra essa área.

Já nesse grupo, todas as entrevistadas demonstraram não conhecer nenhum projeto voltado especificamente para mulheres na área de tecnologia e computação. E após uma breve citação sobre alguns projetos existentes da autora deste trabalho às entrevistadas, questionou-se se elas pensavam que esse tipo de projeto cooperaria com a permanência feminina na área, e todas concordaram que sim, que se tais projetos fossem mais disseminados, geraria um possível interesse às que não conheciam a área, como dito pelas Entrevistadas 1E e 5E, e incentivo, dito pelas Entrevistadas 2E e 4E.

A Entrevistada 3E também menciona sobre a representatividade e visibilidade, pois a mesma cita que não conhece “nenhuma mulher formada em Ciências da Computação, que

trabalhe na área”, o que, de acordo com ela, pode ser ocasionado pela baixa divulgação do curso e da presença feminina nesses espaços. Embora o grupo de Evasão não tenha conhecimento específico sobre projetos voltados para mulheres na área de tecnologia, elas reconhecem o potencial dessas iniciativas para motivar e incentivar a permanência das mulheres nesse campo, destacando a importância da representatividade, visibilidade e divulgação dessas oportunidades.

Ao tratarmos sobre o incentivo voltado para o mercado de trabalho, foi criado um Projeto de Lei, com a tramitação atualmente encerrada, no Senado nº 216, de 2016, que visou a seguinte alteração no Decreto Lei Nº 5.452, de 1º de Maio de 1964: “que as empresas com mais de dez empregados deverão observar a proporção mínima de 30% (trinta por cento) de mulheres em suas atividades-fim, na forma que especifica” (Brasil, 2016). O que, apesar de trazer algum nível de esperança por garantir uma porcentagem feminina nesses espaços, seria apenas um pequeno avanço para obtermos um lugar no mercado corporativo. Infelizmente, este projeto de Lei foi arquivado e não seguiu em frente, o que demonstra que ainda há um vasto caminho pela frente para que projetos com esse grau de importância seja tratado da maneira que deveria: com urgência e seriedade, para que as cidadãs também possam conquistar seus espaços sem que o gênero seja um impeditivo.

E por fim, acerca das perguntas em comum destinadas aos 3 grupos, nesse questionamento, buscamos entender a opinião pessoal das entrevistadas sobre o espaço das mulheres na computação, se elas acreditavam que esse local para o feminino existe.

Acredita que há espaço para mulheres na área da computação? Por quê?
--

O grupo das Formadas disseram:

Entrevistada 1F: Com certeza. Há muito espaço né e eu tô aqui, então se eu estou aqui, outras tiveram e muitas virão também, então sempre há espaço para todas nós.
--

Entrevistada 2F: Mulher, espaço tem, dependente da pessoa. E tem aquela questão que depende de quem tá contratando, porque se for uma pessoa que prefere o trabalho masculino, tem muitos fatores aí, então tem essa questão, eu julgo isso.

Entrevistada 3F: Ai, acredito, acredito, é tanto que eu estava pesquisando que é uma das áreas mais pagas que tem, em Ciências da Computação, e hoje em dia todo mundo é tecnologia. Acredito, tem dificuldades? tem, tem que ser trabalhado? tem, mas acredito que tem espaço sim.
--

Entrevistada 4F: Sem dúvidas. A área de computação ainda sofre com a desigualdade de gênero, tendo maior representatividade masculina. Além de ser promissora, oferecendo
--

bons salários e oportunidades, a área da tecnologia segue em expansão e necessita de profissionais capacitados. É fundamental que as mulheres também ocupem estes lugares, pois há espaço para todos e todas.

Entrevistada 5F: Sim, e eu acredito que [...] isso cada vez mais se torne uma realidade porque, uma das coisas que eu admiro muito na atuação profissional feminina é que existe muito empenho, muita dedicação em fazer as coisas com excelência, e isso reflete de uma forma muito positiva. Eu tenho exemplos que me cercam que são muito concretos em relação a isso. Recentemente, no trabalho mesmo, tem uma professora que ela atuou durante muitos anos diretamente no ensino das tecnologias para diferentes faixas etárias, diferentes contextos, e ela nunca parou de estudar sobre isso, então isso pra mim, [...] é um grande incentivo [...], então eu acredito que sim, existe, com muitos desafios sim, porque infelizmente é uma realidade que ainda existe um descrédito por parte de algumas pessoas de que há espaço para, mas nas ocasiões em que esse espaço ele já se apresenta, eu acredito que sim, tem um potencial muito grande. No geral, eu acredito que há todos os contextos, [...] eles carecem de mais oportunidades para quem está começando, para quem não tem experiência, para quem deseja aprender, para quem quer ser ensinado, e muitas vezes isso acaba sendo uma barreira maior para as mulheres, e isso eu acredito que se deve porque, dificilmente, uma mulher ela teria talvez o ímpeto de deixar tudo e ir pra determinado lugar pra fazer uma coisa totalmente desconhecida sem ter experiência nenhuma, isso a gente vê como uma característica mais masculina, mas talvez ter oportunidades mais próximas ao contexto, [...] mais próxima dessa realidade seria aquele contato inicial que abriria portas para o mundo inteiro né, [...] para que seja da casa da pessoa, em home office, que ela tivesse a oportunidade de [...] atuar nas áreas da tecnologia, sem receio, sem achar que não é capaz, então eu acho que tudo isso parte de uma formação cada vez mais contextualizada e muito [...] de um incentivo que ele passa sim, como você colocou, por essa realidade das bolsas, dos programas, enfim. [...] eu acredito que isso é uma coisa muito possível, desde que haja incentivo e que haja uma perspectiva concreta, precisa ser pautado na realidade, não adianta tentar pegar de um outro contexto e aplicar, tem que partir da realidade, porque senão não vai surtir efeito, é o que eu acredito né.

Entrevistada 6F: Com certeza. Precisa de mulheres nessa área, mas com certeza absoluta.

Nesse grupo, todas as entrevistadas concordaram que, sim, as mulheres tem espaço na área de computação, que é preciso mulheres nessa área, ocupando esses espaços, mencionado pelas Entrevistadas 4F e 6F; que há dificuldades, como citado pelas Entrevistadas 2F e 3F. A Entrevistada 1F, destaca sua própria presença como exemplo e cita sobre estar nesse espaço e acreditar haver lugar para todas; e o empenho que as mulheres costumam exercer em suas funções diariamente, mencionado pela Entrevistada 5F, são fatores que, para essas entrevistadas, determinam o sucesso da presença feminina nesses espaços.

A Entrevistada 5F complementa, também, que há uma carência de oportunidades para novas profissionais, aquelas que estão aprendendo, e ela acredita que isso seja algo que dificulta ainda mais para o público feminino, como também menciona a necessidade de “ser pautado na realidade”, pois “dificilmente, uma mulher ela teria talvez o ímpeto de deixar tudo e ir pra determinado lugar pra fazer uma coisa totalmente desconhecida sem ter experiência

nenhuma”, então essa postura de ter mais pé no chão, em algumas situações, podem trazer barreiras para as profissionais sem experiência ingressarem na área. O grupo das Formadas demonstrou uma forte crença de que as mulheres têm espaço na área da computação, embora reconheçam desafios e desigualdades que ainda precisam ser superados. Suas respostas refletem um otimismo geral em relação ao potencial das mulheres nesse campo e a importância de garantir oportunidades e incentivos para que elas possam prosperar.

Quanto ao grupo das Em Formação, elas responderam:

Entrevistada 1EF: Com certeza, acho que quanto mais gente pensando na mesma coisa, melhor, mais soluções, até porque o jeito que a mulher pensa é diferente, então são perspectivas diferentes, de vivências, de erros que vem, eu acho que com certeza tem espaço, sobra espaço inclusive, tem espaço demais até, só falta quem ocupe.

Entrevistada 2EF: Sim, e há bastante. É um lugar que eu sempre que via alguma menina que tá fazendo ensino médio, "ah não sei o que eu quero", eu disse "rapaz, vai ver lá se tu não quer a área da tecnologia da informação, vê se não gosta", que eu acho que é algo que quem gosta, é uma boa área e tem muito espaço pra mulher tá indo, quem vai conquistar ele é nós, não vai ser ninguém que vai abrir ele pra nós não. Não é porque eu recebi uma crítica que eu vou desistir. Se eu desistir, eu só dei vazão e dei razão para aquilo que aquela pessoa falou. [...] E eu acredito que a área da tecnologia da informação tá aberta, o curso do IF, mesmo ele sendo não tão divulgado, não sendo tão perfeito assim como é esperado, mas ele é algo bom, ele é algo que é um dos curso que você percebe que foge da regra da nossa região, [...] mas a área da ciências da computação é algo que pra mim é algo muito bom. [...] A gente tá aqui pra quebrar essa regra, e formar e fazer a diferença neste curso, mesmo que não surta o maior efeito do mundo, mas o mínimo efeito que surtir já fez uma diferença.

Entrevistada 3EF: Com certeza, o espaço sempre foi nosso. [...] é um espaço que você tem ele pra desenvolver várias habilidades, principalmente quando você entra numa empresa, que você tem, eu acho que é um trabalho que você sempre vai tá estudando, sempre eles vão estar ali te capacitando, então eu acho muito bom, você sempre vai estar em desenvolvimento, não é algo parado, estagnado, é por isso que eu gosto bastante dessa área, é porque você sempre tá em movimento, sempre tá conhecendo um pouco de cada coisa, [...] e eu acho que essa área tem muito potencial ainda pra crescer, principalmente pras mulheres, eu acho que é uma grande força de trabalho assim, [...] então assim, é você realmente estar no meio pra conhecer e saber que tem perspectiva, as outras pessoas não tem porque não conhece, porque não levar? O espaço tá lá para a gente ocupar e trazer um conhecimento, a gente tem que conhecer, procurar, então eu acho que é isso.

Entrevistada 4EF: Atualmente não. Existe um espaço sim, pela questão do politicamente correto, de ter uma porcentagem de mulher ali, mas eu não [...] vejo o mercado aberto para a gente, eu não vejo que a sociedade acredita na nossa capacidade, de desenvolver uma área que tá masculinizada. A mulher, ela é mais vista pra questão dos cuidados de casa, fazer uma pedagogia, uma enfermagem, áreas de cuidados. Quando a mulher fica em uma área que ela é mais dominante, a sociedade ainda não vê bem, talvez fique intimidada, eu diria assim com a gente, mas hoje não, possa ser que daqui a um tempo esse cenário mude, mas pelas experiências que eu tive, hoje, atualmente, não, o mercado não tá aberto pra a gente. É

o fato da gente lutar e mostrar que somos capazes de exercer qualquer área que a gente deseja, mas eu acredito que será uma luta árdua.

Entrevistada 5EF: Com certeza, espero ter meu espaço aí.

Entrevistada 6EF: Acredito sim. Bom, a tecnologia em si tá crescendo né, cada dia mais tão precisando de mão de obra nesse ramo, então acredito que vai sim se tornar normal as mulheres na computação e na tecnologia. Porque foi nós que demos engajamento a tudo, se você for parar pra ver.

Esse grupo apresenta uma gama de opiniões e perspectivas variadas, a maioria citou que há espaço, mas a Entrevistada 4EF traz uma visão mais cética ao citar que atualmente não vê “o mercado aberto para a gente, eu não vejo que a sociedade acredita na nossa capacidade, de desenvolver uma área que tá masculinizada”, e menciona que esses espaço acabam existindo pela obrigatoriedade de ter uma porcentagem feminina nas empresas, mas que, voluntariamente, a sociedade não tem uma boa percepção do domínio feminino em uma área que se tornou, visivelmente, masculina.

Algumas citaram sobre a necessidade de lutar para ocupar esses espaços, como as Entrevistadas 2EF e 4EF; mencionam sobre a necessidade de mão de obra feminina nesses setores, dito pela Entrevistada 6EF; a forma feminina de pensar é diferente e contribui para gerar novas perspectivas, mencionado pela Entrevistada 1EF; e o quanto a área possibilita o desenvolvimento de habilidades e que precisamos buscar conhecer para ocupar nossos espaços, como dito pela Entrevistada 3EF. A Entrevistada 5EF expressa seu desejo de ter seu espaço na área da computação.

Essas respostas refletem uma variedade de experiências, percepções e expectativas das mulheres em formação na área da computação, destacando os desafios e as oportunidades que enfrentam enquanto buscam um lugar nesse campo em evolução.

Já o grupo de Evasão, elas disseram:

Entrevistada 1E: Sim, eu acho que em qualquer área assim, a gente sabe que a gente vive numa cultura que é bem machista né e em todas as áreas, eu acho que é em todas as áreas mesmo, mas eu acho que, que a gente tem capacidade de atuar em qualquer área, basta que a gente se envolva mesmo, busque conhecimento, se especialize na área, eu acredito que a gente consiga sim.

Entrevistada 2E: Com certeza e muitos, as mulheres são muito mais inteligentes, são máquinas. [...] A mulher ela sabe escrever mais que os homens e tudo, o problema é que as mulheres são tão atarefadas e não tem tempo pra se dedicar o tempo todo, mas [...] se a gente tivesse tempo e oportunidade, tivesse dinheiro só pra estudar, nós seríamos, seria as melhores máquinas que o mundo teria, seria as mulheres. Olha o que a mulher dá conta, a mulher dá conta de tudo ao mesmo tempo, imagine se a gente tivesse tempo só pra se

dedicar aos estudos. O problema é que a gente tem que dar conta de tanta coisa que a gente acaba perdendo espaço, mas as mulheres são melhores que os homens nesse sentido.

Entrevistada 3E: Com certeza, eu acredito que mulher pode fazer de tudo né, até melhor que muitos homens. Então eu acredito que qualquer local é local de mulher estar presente né, [...] e acho até que a sensibilidade da mulher em alguns aspectos favoreceria bastante o ensino, se fosse, por exemplo, na área como professor, eu acho que seria bem melhor uma mulher nessa área ensinando do que o homem, o homem é muito metódico, vai lá dar o assunto e acabou, a mulher tem aquela sensibilidade de saber "e aí, você aprendeu? qual sua dificuldade?" de chegar na pessoa né, não tô generalizando, não são todos os homens, mas acredito que é uma área que tá faltando essa mão da mulher né, essa leveza.

Entrevistada 4E: Ah, eu acredito que sim, porque assim, a inteligência feminina vai além do que se possa imaginar, então não são só os homens que têm essa inteligência, que pode programar, que pode ir lá, que pode ser um técnico de TI, que pode ir pra área da robótica, enfim, a mente humana ela é ilimitada, então não é questão da mulher ou do homem, é questão humana, e isso é ilimitado, independente de que seja mulher ou homem.

Entrevistada 5E: Sim, acredito, é tanto que a gente ainda, poucas, poucas, mas a gente vê ainda uma reportagem ou outra, uma notícia ou outra, eu ainda acho que tá um número pouco, relacionado aos homens, mas sim.

Nesse grupo, todas concordam que há espaço para as mulheres na área da computação e que elas têm capacidade de fazer o que quiserem, destacando a capacidade, inteligência e sensibilidade das mulheres como ativos valiosos para o campo, como dito pelas Entrevistadas 1E e 3E; que a inteligência feminina “vai além do que se possa imaginar”, dito pela Entrevistada 4E, mas que a rotina atarefada acaba interferindo, impossibilitando a dedicação total aos estudos, mencionado pela Entrevistada 2E, e que, mesmo que ainda somos minoria, temos sim um espaço nesse local, como dito pela Entrevistada 5E.

Assim, finalizamos a etapa de perguntas em comum, as quais todas as entrevistadas expressaram suas opiniões. Nas perguntas específicas, assim como organizado na metodologia, apresentamos as respostas das Formadas, logo após as Em Formação e finalizando com as respostas das entrevistadas do grupo Evasão.

A primeira pergunta das específicas para o grupo Formadas objetivou compreender se existiu um desencorajamento por parte de colegas da turma ou de um público externo para que elas continuassem estudando.

Você já foi desencorajada, por colegas ou público externo, de continuar seus estudos na área?

Elas disseram:

Entrevistada 1F: Não, não, foi acho que bem pelo contrário, acho que todo mundo tinha uma certa dificuldade né, e como eu te falei, foi a primeira turma, então a gente se uniu. É tanto que, no início, a gente fez um grupo de estudo, coisa que bem difícil ver hoje em dia, e quem tinha mais facilidade, ia ajudando os outros colegas, então são coisas assim, [...] esses problemas que a gente teve acabou unindo assim nesses aspectos. É óbvio que nem tudo foram flores, mas a gente vai administrando até o final do curso.

Entrevistada 2F: Mulher, tinha uma galera machista na minha turma que era complicado viu, sempre de piadinha, mas é como eu te disse, as meninas, a gente se apoiava muito, então a gente meio que ignorava esses certos comentários, certas atitudes deles.

Entrevistada 3F: São muitos traumas, aquele banheiro saiu muitas lágrimas. Certos professores,[...] eu tinha um pouco mais, é, certa dificuldade, porque tanto socioeconômico, no começo eu não tinha condições, [...] de comprar um computador, estava tendo minhas aulas pelo celular. Nos primeiros semestres, sofri bastante. Os meus colegas, tinham alguns colegas que me desmotivaram bastante. "Ah, a primeira que vai desistir [...]". Eu chegava mais cedo na faculdade pra fazer meus trabalhos, eu tinha que ir pro laboratório, logo nos primeiros semestres, então [...] foi bem puxado logo no começo, e aí quando fui um pouco decorrendo, eu fui deixando e [...] aí quando foi melhorando né, auxílio né, inclusive o do quilombola, então foi o que possibilitou a comprar um computador, então foi aí onde eu comecei a desenvolver na prática, a computação, mas no começo até os meus professores me desmotivaram, professores que eram meus mentores né, "desistam" foi isso que eu escutei, "desista, você não vai conseguir". É tanto que quando eu tava quase concluindo, eu tinha muita disciplinas da prática sem pagar, então sentei com meu professor, o mentor, mas ele mesmo desistiu, ele não conseguia montar minha carga horária [...], eu mesma me incentivei, eu mesmo me organizei e consegui [...]. E a maioria da turma, inclusive, que era a maioria dos homens, desistiram, não conseguiram terminar da nossa sequência assim, da nossa turma [...] só se formou [...] duas mulheres, duas guerreiras.

Entrevistada 4F: Não, colegas e familiares sempre me apoiaram para seguir na área.

Entrevistada 5F: Eu acredito que muito nesse sentido também de olhar e dizer assim "e quando você terminar, você vai trabalhar em quê" né, e aí isso era muito inquietante, talvez por isso que eu acredito que quando isso é trabalhado desde a graduação, pode já ser minimizado, então eu acredito que esse desencorajamento ele parte muito do descrédito de que a pessoa formada em Licenciatura em Computação, ela teria uma atuação profissional para além da carreira de concurso público sabe, era meio aquilo "e você sabe suporte técnico?" não, porque na minha formação eu não vi isso "ah, mas então você sabe programar o sistema que for preciso" ainda não, precisaria me especializar "ah, então você sabe, além disso, configurar uma rede completa" não, porque na minha formação foi em caráter... "então vocês estudam o quê?" aí eu respondia né, "estou estudando para me tornar professora de informática, [...] mas eu acredito que houve sim um desencorajamento na perspectiva de atuação profissional, de que ao me tornar licenciada em computação, a menos que eu passasse em um concurso, eu não teria campo de atuação, porque na cidade ainda não era uma realidade no campo de trabalho profissional.

Entrevistada 6F: Não.

Nessa pergunta, três das entrevistadas responderam que não, não tiveram qualquer nível de desencorajamento. Já as outras três demonstraram algumas frustrações, comentários

de colegas que diziam “a primeira que vai desistir” e sempre atribuíam essa desistência a uma mulher, dificuldades socioeconômicas, como foi o caso da Entrevistada 3F; o machismo de colegas da turma, como no caso da Entrevistada 2F; e comentários externos, que perguntavam “então vocês estudam o quê?”, questionando se a estudante sabia fazer funções totalmente técnicas, como ocorreu com a Entrevistada 5F, sendo essas situações desmotivadoras que essas entrevistadas passaram na sua trajetória, mas que não se permitiram abalar por esses comentários.

Em um outro questionamento, perguntamos

Ao se deparar como graduada em Licenciatura em Ciência da Computação, você conseguiu se inserir no mercado de trabalho na área em questão, após concluir o curso?

E as respostas delas foram:

Entrevistada 1F: Sim, e foi muito rápido assim. Eu coleí grau [...], em Janeiro eu participei de um processo seletivo, fui chamada e comecei a trabalhar em Fevereiro [...], eu já era professora de informática. Então, as coisas foram acontecendo assim. Porque quando eu coleí grau, você não sabe muito o que vai acontecer na sua vida. Eu não era de Senhor do Bonfim, estava lá para estudar, então eu tinha muitos anseios, eu já queria trabalhar, e aí quando surgiu esse processo seletivo, eu não pensei duas vezes, eu falei “é isso sabe” vou fazer e deu certo. E aí eu trabalhei um bom tempo nessa instituição e fui feliz assim, e foi a partir daí que eu falei “acho que eu quero fazer isso mesmo”.

Entrevistada 2F: Então, a experiência que eu te falei [...] foi com base no magistério que eu tinha né, [...] até então eu só tinha essa experiência em Educação Infantil. Surgiu a oportunidade da seleção para professor de robótica [...], aí eu participei da seleção, fui chamada depois de um tempo, fui uma das primeiras professoras de robótica que entrou no município, porque foi uma disciplina que eles criaram, bem recente mesmo, dois três anos, e foi logo quando eu entrei, veio a pandemia e teve aquele desafio de ter que ensinar esses meninos online, e era interior, nem todo mundo tinha internet, mas depois que veio o presencial foi melhorando.

Entrevistada 3F: Eu tô almejando um concurso, tô estudando pra um concurso da nossa área, porque a maioria da nossa área é concurso, e quando você parte pro lado da prefeitura, sabe que, querendo ou não, ou é padrinhos que te colocam lá dentro ou sobrenome, então é bem difícil. No começo, trabalhei como professora no laboratório e agora tô trabalhando num setor mais bancário, mas trabalhei sim.

Entrevistada 4F: Ainda não busquei oportunidade na área.

Entrevistada 5F: Demorou, eu digo assim, demorou diante daquilo que era o desejo do meu coração de terminar e começar a atuar né, terminei em 2017 e eu só consegui uma oportunidade relacionada a minha área de formação em 2021, [...] em um processo seletivo em outra cidade, [...] e em Bonfim eu não consegui realmente, mandei currículo para todas as escolas possíveis e impossíveis, acompanhava os benditos concursos e editais, mas esbarrava na realidade de que não tinha conseguido conciliar ainda, porque foi, como você

bem disse né, terminada a graduação é aquela maratona que a gente corre, aí termina, a sensação foi que tinha, todas as minhas forças tinham se acabado e eu não conseguia, emocional, física, psicologicamente, engatar [...] em outra formação, uma especialização, quem dirá um mestrado né, aí meu juízo não dava conta, e houve uma grande frustração pra mim quando eu, pouco tempo depois de terminada a graduação, aí eu fiz um concurso pra um outro estado, inclusive, passei na primeira fase, mas não tinha especialização, então fui eliminada, aí eu disse "rapaz, era a oportunidade" era para professor de informática, aí eu disse "pronto", [...] fui vivendo um dia de cada vez, não trabalhando na minha área de formação até que, quando em 2021, eu consegui realizar o processo seletivo, não tinha nenhuma experiência na área, também foi um impeditivo no início, [...] aí eu só fui chamada para atuar em dezembro, [...] e na cara e na coragem, pedi demissão do emprego porque eu queria realmente ter uma experiência na minha área de formação e foi o que me motivou, porque aquela perspectiva de que "agora finalmente eu vou colocar em prática, o meu diploma não vai ficar engavetado, eu vou colocar em prática aquilo que eu passei noites e dias estudando" não foi por acaso, eu acredito que nada é coincidência, [...] então não tinha porque eu me desesperar, foi algo que demorou para eu compreender, mas, inicialmente, não foi fácil, nunca é fácil, não está sendo, não será.

Entrevistada 6F: Então, eu fiz esses dois concursos, aí fui professora substituta como professora de computação por dois anos no IF daqui, porque embora a promessa era que tivesse muita vaga para computação na época em que se falava que iam mudar a grade das escolas públicas e tal, não aconteceu até hoje inclusive né, não tem muito incentivo com relação a isso. E quando tem, a vaga pode ser ocupada até por técnico de informática e a gente concorre com todo tipo de graduado na área de tecnologia, então fica muito complicado, porque para a gente, embora tenha a parte técnica, mas nos concursos, pelo menos os que eu participei, a experiência que eu tive no começo, é que tudo girava mais em torno da prática da computação em si do que com os assuntos de licenciatura mesmo, na área de licenciatura, então ficou muito limitado, tanto que eu trabalhei no IF e depois do IF, tô trabalhando agora numa empresa de tecnologia também, num sistema de gestão de condomínios, só que eu trabalho na parte de suporte.

A maioria das entrevistadas responderam que sim, tiveram suas experiências na área após a formação, algumas tendo essa oportunidade mais rapidamente, como o caso da Entrevistada 1F, e algumas levando mais um tempo, como especificado pelas Entrevistadas 2F e 5F, e outras relatam a dificuldade de ingressar, apesar de já terem atuado na área, como as Entrevistadas 3F e 6F. Já no caso da Entrevistada 4F, ela não atuou na área até o momento da entrevista, pois ainda não buscou uma oportunidade.

E se tratando de dificuldades, a Entrevistada 6F citou que a “promessa era que tivesse muita vaga para computação na época em que se falava que iam mudar a grade das escolas públicas e tal, não aconteceu até hoje“, e que essas vagas tem a possibilidade de “ser ocupada até por técnico de informática e a gente concorre com todo tipo de graduado na área de tecnologia”, o que pode dificultar a inserção dessas recém formadas na área.

Considerando a bifurcação direcional da próxima pergunta feita, a depender do que foi respondido na pergunta anterior, seguiremos inicialmente com a resposta da Entrevistada 4F,

que foi a única do grupo que não obteve, até o momento da entrevista, uma experiência na área. A pergunta buscou compreender a razão por essa não-inserção no mercado.

Por qual motivo você não se inseriu ou não conseguiu se inserir no mercado de trabalho na área em que se formou?

Na resposta dessa pergunta, ela nos informou que:

Entrevistada 4F: Estou finalizando alguns projetos pessoais enquanto estudo para tentar ingressar numa área que não tive muito contato durante a graduação.

Então, ela demonstrou que, no momento, priorizou se dedicar aos projetos pessoais e estudos os quais não foi possível se aprofundar no período em que estava cursando para só, posteriormente, se recolocar no mercado de trabalho na sua área de atuação.

Já as que responderam positivamente a estarem atuando/terem atuado na área após a formação, a pergunta focou em compreender se elas consideravam, a partir da vivência no mercado, que há a inclusão feminina na área e se enfrentaram algum desafio no decorrer dessa trajetória.

A partir da sua vivência no mercado, considera que há inclusão do feminino no meio profissional na área de computação? Você enfrentou algum desafio ou preconceito específico de gênero ao procurar emprego ou iniciar sua carreira em tecnologia?

As entrevistadas responderam:

Entrevistada 1F: Não, inclusão assim, no início [...], inclusão eu não vejo assim, de forma massiva sabe? como a gente vê com os homens, de forma massiva não. A gente já encontra algumas colegas, mas ainda é bem pouco. Quando eu fui trabalhar [...], quando eu cheguei lá já tinha tido uma professora de informática, eu não era a primeira, então os alunos já estavam acostumados com a presença feminina, o que às vezes para os alunos é diferente, porque eles sempre esperam que seja um homem e de repente é uma professora, uma mulher, lecionando disciplinas da área da computação, então nesse sentido sim, eu acho que falta uma inclusão sim, a gente precisa ter mais mulheres ali trabalhando, ainda são poucas. *(Você enfrentou algum desafio ao iniciar carreira?)* Não, ao iniciar a carreira não. [...] Acho que só no processo seletivo que meu concorrente queria me intimidar por ser mulher, mas fora isso, dentro da área assim, não, graças a Deus eu sempre fui muito bem acolhida.

Entrevistada 2F: Tem muitas mulheres, se eu não me engano, duas professoras concursadas na sede que é professora de robótica, tem várias articuladoras tecnológicas femininas também, e aí a gente sempre se apoia assim, esse convívio, as trocas de experiência, as angústias. *(Você enfrentou algum desafio ao iniciar carreira?)* O principal desafio é vagas, vagas que na região não tem, é muito difícil conseguir. Tipo assim: quando é um concurso, vai olhar a ementa, muita coisa da parte específica que a gente, ou viu

superficialmente no curso ou nunca viu, tem partes mesmo da área de banco de dados, de redes, de programação mesmo que a gente nunca, eu mesma nunca vi no curso, então assim, a gente se depara com esse desafio e tem a questão da limitação da quantidade de vagas, como eu te disse é muito difícil conseguir um trabalho que tenha assim, “professor de robótica”, “professor de informática” ou algo do tipo. Se tivesse em todas as escolas, informática básica, a disciplina, a disciplina de robótica fosse ampliada, aí sim seria mais amplo, você teria para onde jogar esse currículo para todo lado, mas tem essa questão.

Entrevistada 3F: Nas escolas que eu lecionei, sim, é tanto que é aquele carinho, pq vem a docência né também, aí a docência vem aquele jogo de cintura que normalmente tem outra parte em que a maioria das escolas particulares, que eles gostavam mais do público feminino do que o público masculino, por incrível que pareça, se sentiam mais à vontade, os pais por ter uma mulher ali, eles se sentiam mais confiáveis que um homem, já sinto essa diferença aqui fora, eu tenho essa visão, principalmente nas escolas particulares, então os pais quando viam as vezes um professor, já ficavam meio receosos, mas quando era uma mulher ficavam mais confortável, mais a vontade, até os profissionais da escola também, até os próprios professores ficavam a vontade porque era uma mulher.

Entrevistada 5F: Na experiência atual que eu tenho, uma das coisas que me chamou muito a atenção foi que, desse processo mesmo que eu participei, só tem eu e outra colega, os demais são homens né, mas existe um tratamento respeitoso né, até o momento não houve nenhum também, nenhum ato que eu considero preconceituoso pelo fato de sermos mulheres, considerando a realidade que eu também vejo para com a minha colega, mas ao mesmo tempo, eu percebo que há um grande desafio que haja também, de uma forma muito concreta, eu acredito que uma dificuldade, pra mim né, [...] considerando como inicialmente a atuação ela deveria acontecer, num contexto em que haveria o laboratório de informática, as atividades para poder desenvolver com os alunos, mas não é a realidade hoje por conta de realidades estruturais, mas, de uma certa forma, existe um respeito muito grande para com a figura do professor, da professora, então nas oportunidades em que existe formação para que essa formação ela também se dê, eu acredito que no contexto em que eu vivencio, onde também existe uma predominância ainda assim masculina, mas não noto que haja um preconceito nesse sentido porque também não tem um caráter muito técnico, porque de uma certa forma o que eu percebo que acaba esbarrando, quando existe [...] uma falta de credibilidade, [...] de que funções técnicas possam ser desempenhadas por mulheres. [...] Então eu percebo que quando a atuação fica clara, as coisas se resolvem, quando existe uma dicotomia, uma confusão entre os papéis, aquilo que deveria e que acham que deveria fazer, aí não, porque talvez só daria certo se fosse um homem que fizesse, mas, pra mim, isso não gera muito uma inquietação porque eu entendo que melhor assim porque não é para isso que eu estou, certo? estou realmente para lidar com a parte [...] que tem um caráter formativo, que tem um caráter de ensino, que contempla realmente o uso das tecnologias no contexto educacional, e eu acredito que isso é de uma forma, é visto de uma forma positiva, não considero no contexto em que eu vivencio hoje exista uma aversão, uma disparidade, um preconceito pelo fato de ser mulher porque é muito também associado ao papel da professora, sendo assim existe uma aceitação maior. Quando é confundido com a atuação técnica, puramente, aí existe um certo receio, não sei se me fiz entender mas, é meio assim.

Entrevistada 6F: Na empresa que eu trabalho, a gente tem muito contato com os desenvolvedores né, e eles sabem que eu sou professora de computação por formação e nunca senti nada, muito pelo contrário, as vezes eu até sou convidada para participar de

algumas coisas sabe, que [...] tem a ver com algoritmos, por exemplo testes. Não é específico da área de computação, mas acaba envolvendo. (*Você enfrentou algum desafio ao iniciar carreira?*) Não, e pelo contrário, por exemplo: meu marido é desenvolvedor né. Na empresa que ele trabalha, tem incentivo para mulheres. Não são cotas né, que aí é outra coisa, um outro argumento, mas tem vagas específicas para mulheres, para pessoas que estudaram em escola pública.

Nessa pergunta, três das entrevistadas citaram que sentem essa inclusão do feminino, como a presença de muitas funcionárias femininas, destacando a importância do apoio mútuo entre mulheres da área, como no caso da Entrevistada 2F, a Entrevistada 3F cita sobre o carinho recebido, que os pais dos alunos se sentiam mais confortáveis com a presença de uma professora e a Entrevistada 6F cita sobre a inclusão dela pela equipe em participar de algumas etapas que tem a ver com temas que ela aprendeu na formação. Já as outras duas entrevistadas, a Entrevistada 1F e 5F, relataram não ver uma presença maior de mulheres nos espaços que elas trabalham, mas citaram que os colegas têm respeito por elas e que não percebem atitudes que demonstrem algum nível de preconceito.

Mas, se tratando de dificuldades ao iniciar a carreira, a Entrevistada 2F menciona a dificuldade com as vagas, que geralmente tratam em concursos sobre assuntos que a formação não supre totalmente, o que gera desafios nesse processo de estudos para realizar essas provas. No caso da Entrevistada 5F, ela relata que a dificuldade que percebeu na sua atuação profissional foi encontrar desafios no quesito de disponibilização das ferramentas necessárias, “num contexto em que haveria o laboratório de informática, as atividades para poder desenvolver com os alunos, mas não é a realidade hoje por conta de realidades estruturais”, sendo esses problemas voltados para a adaptação desses espaços formativos, pois tais disciplinas que os profissionais da Licenciatura em Ciências da Computação normalmente exercem são recentes, que também foi uma questão citada pela Entrevistada 2F. Já as Entrevistadas 1F e 6F citaram não encontrar dificuldades, apenas o relatado pela Entrevistada 1F sobre ter sido intimidada por um concorrente no processo seletivo, mas na atuação, não enfrentou problemas.

A Entrevistada 5F citou, também, sobre perceber que “quando a atuação fica clara, as coisas se resolvem, quando existe uma dicotomia, uma confusão entre os papéis, aquilo que deveria e que acham que deveria fazer, aí não, porque talvez só daria certo se fosse um homem que fizesse”, então pela atuação ter um caráter formativo, voltado para a docência, ela percebe que não há uma aversão da profissional feminina na tecnologia nesse local de ensino, mas quando existe essa suposição que a mulher formada em Licenciatura em Ciências da Computação atuaria em um contexto mais técnico, dá margem para o olhar enviesado da

sociedade, de que um homem atuando traria mais segurança do que uma mulher nessa posição de profissional da área técnica.

Assim, enquanto algumas mulheres relatam experiências positivas e acolhedoras, outras ainda percebem uma sub-representação e enfrentam preconceitos, especialmente em funções técnicas. Há uma percepção geral de que a inclusão feminina na computação está progredindo, mas ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a paridade de gênero.

Se tratando das perguntas específicas para o grupo Em Formação, a primeira busca compreender se elas passaram por alguma situação de desencorajamento para continuar os estudos na área e se causou algum tipo de receio nas entrevistadas.

Você já foi desencorajada, por colegas ou público externo, de continuar seus estudos na área? E isso tenha gerado em você um receio que o gênero seja um impeditivo para trabalhar na área?

As respostas delas foram:

Entrevistada 1EF: Não, minha galera sempre me deu muita força.

Entrevistada 2EF: Já. Do nada, [...] o pessoal pergunta "ah, porque que tu não fez" o que eu queria fazer, aí puxa "porque que tu não tranca e começa a fazer outra", aí uma vez um colega me perguntou sobre "nossa, tu não sabe isso? porque que tu tá nesse curso? porque tu não tranca?", aí você fica: Tô tentando aprender, vou aprender ali, vou aprender lá, então. É complicado, é [...] tentar descredibilizar os seus ganhos, as suas formações das matérias, as evoluções, as boas notas, acha que "não, usou o *ChatGPT*" ou "foi na brincadeira", não, às vezes você passa tanto tempo ali na frente do computador tentando aprender a fazer um bom trabalho, responder uma boa prova, e a pessoa acha que foi brincando que você conseguiu aquilo ali, isso também é meio desmotivacional eu acho.

Entrevistada 3EF: Eu já tive de público externo, de colegas nem tanto, mas o externo ele influencia bastante, nosso dia a dia influencia demais. [...] lá em casa a gente é muito encorajado a educação, a estudar, trabalhar, principalmente, mais ainda, estudar. [...] O desencorajamento por fora é grande, é por parte das mulheres, colegas, família, a cobrança de você não trabalhar, tá estudando, infelizmente o mercado de trabalho não tá fácil, só que as pessoas não entendem, elas te vê numa faculdade, elas acham que você já deve ter que tá trabalhando ganhando milhões e a gente sabe que não é assim, existe muito estudo, muita pesquisa. [...] Às vezes em casa, minha mãe diz "Ei, tá fazendo o que?", na hora do estudo eu [...] sempre mexo com tecnologia, enfim, "já tá no celular? bora lavar a louça, bora fazer isso, tem que varrer a casa", então assim, se eu não manobrar ali, segurar as coisas, levantar mais cedo, limpar a casa, e mesmo assim... "tá fazendo o que?", tô estudando, "tá estudando o que? bora fazer alguma coisa, vai lavar uma louça, vai caçar uma roupa pra lavar" então infelizmente isso assim acaba desmotivando.

Entrevistada 4EF: Sim, super. Inclusive, no meu estágio do técnico, quando eu fiz o técnico de informática, eu fui fazer o estágio numa empresa, e era uma empresa que vendia sistemas de automação, [...] faz vendas, gera nota fiscal, enfim. E eu fiquei estagiando na

parte do suporte técnico, e sempre que eu ia fazer o suporte externo, que eu chegava em algum local, em algum estabelecimento, o povo olhava assim e falava "Oxente, mandaram a recepcionista?". Isso pra mim acho que foi o mais impactante assim, do tempo que eu tô até hoje na área. Sempre falava "oxe, mandaram a recepcionista" ou ficavam duvidando que eu realmente poderia dar o suporte ao sistema, e também quando eu fazia atendimento no escritório, porque existia também o atendimento remoto que a gente [...] fazia o acesso remoto e tal, que eu atendia o telefone, aí eles sempre falavam "passa aí por favor pro suporte técnico?" então a pessoa não tinha nem o trabalho de perguntar com quem tava falando, se eu poderia ajudar, já pedia pra repassar pro suporte. É tanto que eu nem fiquei muito tempo lá, eu não sei se ele me dispensou quando acabou o meu estágio, porque realmente ele só me queria pro estágio, ou se era por esse fato, até hoje ficou a dúvida, mas em questão do público, eu sofri muito preconceito em relação a isso, eu acho que até hoje foi o que mais me impactou externamente foi isso.

Entrevistada 5EF: Não, que eu me lembre assim, realmente não. Tive sorte de ter, inclusive, alguns amigos que incentivam, "não, tem que estudar, você consegue" ou algo do tipo, mas sei que eu sou uma, digamos que assim, a exceção da exceção.

Entrevistada 6EF: Não, por incrível que pareça, eu sou bem elogiada pelos meus colegas, até por esse grupinho, acho impressionante.

Nessa pergunta, três das entrevistadas relataram não possuir nenhum tipo de desencorajamento, mas sim encorajamento por parte de incentivo de amigos, como no caso das Entrevistadas 1EF, 5EF e 6EF.

Já as outras três entrevistadas, relataram ter passado por muitos desencorajamentos, principalmente do público externo. A Entrevistada 2EF relatou que algumas colegas a questionam dizendo “nossa, tu não sabe isso? porque que tu tá nesse curso? porque tu não tranca?”, interpretando que muitas vezes os estudos e esforços dela é brincadeira ou que usou de ferramentas de Inteligência Artificial para fazer determinadas tarefas, entre várias outras frases que descredibiliza a trajetória dela na formação.

A Entrevistada 3EF cita que o desencorajamento vem de colegas externos e família, mencionando frases que, assim como a Entrevistada 2EF, supõem que os estudos são brincadeira e que ela deveria se dedicar a fazer trabalhos domésticos, minimizando seu desempenho acadêmico. E a Entrevistada 4EF mencionou uma experiência marcante que a mesma passou em um estágio, no qual ela prestava serviços técnicos de suporte e, em uma das ocasiões, escutou a frase “Oxente, mandaram a recepcionista?”, uma fala que não só descredibiliza o conhecimento que a mesma possui, como também pôs a prova a capacidade de exercer a função que ela já exercia na empresa que trabalhava, sendo este um preconceito enraizado de que apenas homens teriam o domínio e a capacidade de exercer funções técnicas na Computação.

Ao encararmos essas respostas, pode-se notar que algumas mulheres relatam apoio e encorajamento, outras enfrentam descredibilização e preconceito, tanto de colegas quanto do público externo. Esses desafios podem desmotivar e impactar negativamente a confiança das mulheres na área de tecnologia.

A pergunta seguinte consiste em compreender se, no decorrer da formação, elas sentiram dificuldades com as aulas em que participaram e se esse fator as motivaram ou desmotivaram.

Você sente dificuldade em acompanhar os temas das aulas? Acha que a maneira a qual o ritmo de ensino é planejado te motiva ou desmotiva? E você poderia dar alguma sugestão para melhorar?

Entrevistada 1EF: Desmotivação extrema em todo dia que vai, lutei pra não desistir. [...] Foi perrengue as partes específicas, é muito desmotivador, tô desmotivada agora mesmo. Eu acho que focado na parte de programação mesmo, [...] eu acho que eles pressupõem que todo mundo lá já sabe, eu sinto muito isso, que realmente para aqueles que nem eu, não tem a mínima noção pra onde ir, nem com as aulas, porque eles ensinam como se a gente já soubesse [...].

Entrevistada 2EF: Tem uns professores que tem um bom ritmo, eu gosto bastante, tem alguns, mas tem outros que, rapaz, [...] se eu quisesse atuar na área, eu teria que estudar em casa e muito. [...] Tem uns que encontram o melhor métodos, você vê que ele muda semestre a semestre, encontra o melhor jeito de dar aula, ele encontra dificuldade na turma, na próxima turma ele vai, tenta mudar o método. Tem outros que [...] é a mesma coisa, pelo menos eu já percebi isso. [...] (*Qual seria a melhor maneira de melhorar?*) Eles podiam aprofundar mais em algoritmo, trazer outros negócios, depois vim pra estrutura de dados, mas eles botam muito cedo. [...] E tem algumas matérias que seriam legais serem mais no início, as matérias vinculada ao hardware, porque tem alunos que gostam [...] e acaba desistindo porque não tem.

Entrevistada 3EF: Sim, principalmente na área de programação, até porque foi o meu primeiro contato com programação mesmo foi dentro do IF, foi na faculdade. Você, a parte de lógica ali, estrutura de dados, nossa, para você estruturar ali, pra mim foi muito *punk*, até eu entender que tipo de linguagem que você usa não influencia na lógica pra você construir algo, foi difícil. [...] Em relação ao ensino, às vezes quem tá lá, os professores, [...] por talvez estar muitos anos lá, [...] parece que tá ensinando pra quem já sabe e [...] eu já ouvi umas falas extremamente problemáticas, que é o seguinte: entendo que uma universidade, você tem que vir com muita bagagem, mas não é sempre assim, [...] às vezes tem aluno que veio do EJA, eu mesma vim do EJA, entende? A educação matemática do Brasil é totalmente defasada, a língua portuguesa também, então já começa daí, e assim, às vezes, pra mim, às vezes eles ensinam como se você já tivesse obrigação de saber, que você tem que saber. (*Te motiva ou te desmotiva?*) Olha, por um lado, motiva, [...] motiva você a ir lá, descer na biblioteca, pegar um livro, procurar, se você quiser mesmo realmente saber. Por outro lado, as vezes não é esse o problema, de vontade, as vezes eu acho que é questão do ensino mesmo.

Entrevistada 4EF: Não, não sinto dificuldade não. (*Te motiva ou te desmotiva?*) Algumas coisas chegam a desmotivar, mas no geral, eu acho os métodos que os professores usam bem interessantes, tem uma coisa ou outra que desagrada a gente, algumas metodologias de alguns professores, mas num geral eu gosto da maneira que é feito lá. Eu só acho essa questão mesmo de nunca indicar mulheres assim, nunca ter trabalho de mulheres, mais nesses fatos, mas na questão das outras coisas, eu não tenho do que reclamar.

Entrevistada 5EF: Já, já tive, até porque assim, é uma área que eu me identifiquei, mas eu não tinha nenhum pré-conhecimento antes dela, na parte, na questão de programação. Eu tinha aquela afinidade com o computador, porque eu sempre gostei muito de jogos e coisas do tipo, então conseguia me virar bem, mas nada voltado para essa parte bem técnica. (*Te motiva ou te desmotiva?*) Dependendo do professor e da matéria né, da parte técnica, você fica mais motivado ou não, assim, de acordo com o ritmo que o professor leva a aula. Tem uns que acabam presumindo que todo mundo já domina todas as ferramentas, [...] e já outros não, [...] ensina bem ali do básico mesmo e vai deixando a gente progredir aos poucos.

Entrevistada 6EF: Alguns professores desmotivam demais, outros professores poderiam ir com mais calma. (*Qual seria a melhor maneira de melhorar?*) [...] Deveria ter sim uma aula dessa de inclusão, mas não, assim, inclusão como tem direto né que é de Libras, surdez, mas sim virada pra nós mesmos, mulheres sabe. Tem muita obra que tá parada, muita arte, muito artigo sobre as mulheres tá muito parado. [...] E deveria ter mais, não tem nem na biblioteca assim muitos livros que foram mulheres que escreveram, [...] não assim, questão de gênero, [...] mas virado para computação e que foi uma mulher que escreveu, por exemplo, entendeu? É isso que eu quero dizer.

Ao tratarmos sobre desmotivação nas aulas, a maioria das entrevistadas relataram sentir desmotivações, principalmente pela suposição prévia de que elas já sabiam utilizar as ferramentas ou já sabiam o assunto tratado nas aulas, mencionado pelas Entrevistadas 1EF, 3EF e 5EF; que alguns adaptam suas aulas e outros acabam não adaptando, o que pode defasar, citado pela Entrevistada 2EF; e o ritmo que alguns empregam no ensino pode acarretar em maiores dificuldades para o aprendizado do conteúdo, como mencionado pela Entrevistada 6EF tratando sobre essa desaceleração nas aulas, além de destacar a falta de referências a obras e artigos escritos por mulheres na área durante as aulas, sugerindo que aumentar essa visibilidade poderia ser motivador. Já a Entrevistada 4EF, ela relatou não sentir nenhuma dificuldade nas aulas, apesar de também ter algumas desmotivações, porém elogia a atuação profissional e metodologia dos professores.

Já ao tratarmos de maneiras de melhoria, a Entrevistada 2EF menciona a possibilidade de estender o ensino de Algoritmos, o que daria uma melhor base aos alunos para encarar as disciplinas técnicas e a Entrevistada 6EF cita a inclusão de mais livros e leituras técnicas escritos por mulheres nos trabalhos e nas aulas no geral, pois esse déficit de conhecimento de

obras femininas retornam à aquele tema de representatividade, tratado diversas vezes no decorrer deste trabalho.

Na próxima pergunta, foi questionado o que as entrevistadas pensavam sobre como será o futuro na indústria tecnológica no quesito de diversidade e inclusão de gênero, e quais mudanças elas gostariam de ver no futuro.

Como você acha que será a indústria de tecnologia em termos de diversidade e inclusão de gênero na próxima década? e que mudanças você espera ver?

Entrevistada 1EF: Eu acho que só se depender das empresas mesmo querer abordar isso, ter isso na abordagem deles, isso como foco sabe, essa agenda mais de diversidade e tal, porque eu acho que realmente só a galera que tá preocupada com isso é muito pouco, acho que é isso, acho que só realmente as empresas que querem ter isso no marketing deles vai querer investir nisso, no geral acho que não tem muita gente preocupada com isso, como nunca teve né. *(Quais mudanças você espera ver?)* Acho que mais contratações, discussões e mais projetos voltados para isso desde a faculdade.

Entrevistada 2EF: Rapaz, eu acho que ainda vai demorar muito pra ter essa questão da inclusão real. Eu percebo que, querendo ou não, as próprias pessoas da área se menosprezam, menosprezam o gênero em si [...], mas eu acho que sim, tende a mudar [...], e eu acho que as mulheres, uma hora elas vão acordar pra vida, que vai ser uma boa área, eu acho uma boa área, uma área que tende a crescer bastante. [...] Às vezes o povo acha que a mulher quer privilégio, não é privilégio, é simplesmente o fato do respeito, se respeitasse, se desse voz e desse credibilidade para o que a gente fala, já estava resolvido [...]. *(Quais mudanças você espera ver?)* [...] Acho que só a igualdade, se tivesse na cabeça que o pensamento, a ideia que eu tenho não é diferente, minha capacidade cognitiva não é diferente da de um homem, tá muito de boa. Se eles aprendessem isso desde cedo que tanto homem quanto mulher são capazes de pensar, são seres pensantes e tem lógica, [...] só que o problema é esse [...] existe essa briga que o homem tem que ser [...] o melhor em tudo, sendo que isso, eu acho, que faz é empobrecer a área, porque existem muitas mulher que eu acho que seriam excelentes profissionais na área, mas acabam sendo desmotivadas.

Entrevistada 3EF: Eu não vou dizer que vai ser fácil, porque eu sei que não vai. Não vou dizer que a gente não vai ter que se reafirmar por muitos anos, porque a gente vai, pra ocupar nosso espaço, e digo, sempre digo isso, falo até pro meu pai, que a gente tem que dar o dobro. [...] Eu acho que a gente vai ter que ir lá e ocupar o nosso espaço, não vou dizer que vai ser 50/50 porque eu acredito que não, pode ser que no futuro popularize, mas nem toda mulher vai querer enfrentar. *(Quais mudanças você espera ver?)* Olha, eu nunca tinha pensado nisso. [...] Dificilmente a gente consegue enxergar uma ideia de melhoria, porque às vezes não é ideia, é uma aceitação, [...] eu acredito que [...] vai ser difícil deixar igual, eu acho que isso faz parte de você, do seu caráter, não de algo que você possa mudar ou melhorar, entendeu? Eu acho que parte das pessoas, de talvez incluir, de aproximar.

Entrevistada 4EF: Eu acho que vai continuar bem escasso na área, eu acredito que não vai ter tantas mulheres e pelo que eu vejo [...] das meninas do curso de Licenciatura em Ciências da Computação, elas vão mais pra área docente do que para parte técnica de fato.

Eu não sinto a parte de programação, de suporte, essas coisas, do mercado tão abertas para a gente ainda. [...] Pelas outras experiências de trabalho que eu tive, eu acredito que ainda vá ficar escassa a questão da mulher nessa área e o mercado não tá muito aberto pra nos receber ainda. Pode ser que isso mude mais pra frente, mas o que eu vejo, não tá aberto não. (*Quais mudanças você espera ver?*) Eu acho que, na questão da representatividade, com certeza, seria uma mudança muito boa que a gente possa ver, e na questão do conhecimento também da área, [...] a gente não tem muita noção quanto a isso, e quando a gente vê uma representatividade, é sempre masculina, então como que uma menina, que ela tá se formando ali no ensino médio, ela vai se interessar por computação? Já é uma coisa que não é muito conhecida e ainda não há uma representatividade, então fica mais difícil ainda.

Entrevistada 5EF: Eu acho que, eu vou ser otimista, talvez melhore. Pode ser que não em grande escala, mas eu sinto que pode melhorar até porque [...] você percebe que existe também um certo incentivo dela para que mulheres acabam entrando nessa área, como vagas de emprego voltadas só para mulheres, [...] então acho que isso pode acabar aumentando um pouco a diversidade dentro das empresas no futuro. (*Quais mudanças você espera ver?*) Eu acho que talvez só o aumento assim na questão de visibilidade, [...] acho que essa geração vem um pouco mais compreensiva nessas questões, então, eu sou otimista, eu acredito que vai ter um aumento aí.

Entrevistada 6EF: Eu acho que vai se tornar normal, porque hoje ainda existe muita descredibilização, [...] eu acho que tá ali, mas não sabe o que tá fazendo, acho que vai ser mais normal. (*Quais mudanças você espera ver?*) Primeiro, é tratar normal, por exemplo, às vezes eu estava lá no atendimento, [...] aí quando eu falava "o técnico sou eu" [...] deixava de ter o serviço, então eu ficava muito assustada com isso. Teve um que insistiu tanto, aí eu falei "moço, quem fez esse serviço foi eu, a técnica sou eu" e ele ficou assim com cara de apavorado, sabe? Começou a gaguejar e tudo, algo que é normal. Eu queria mesmo é que se tornasse normal, porque não é um bicho de sete cabeças.

Nessa discussão com as entrevistadas, quatro delas consideram que ainda vai ficar escasso ou difícil de existir essa inclusão expressiva das mulheres na tecnologia, a inclusão ainda enfrenta muitos desafios e os avanços significativos dependerão de um comprometimento maior por parte das empresas e da sociedade em geral. A Entrevistada 1EF citou sobre depender muito do interesse das empresas em querer atribuir essa abordagem internamente, o que ela considera difícil, a Entrevistada 2EF cita sobre o menosprezo interno das pessoas que estão na área, o que pode acarretar em afastar o público feminino desses espaços, a Entrevistada 3EF diz que não vai ser fácil e que continuará necessário se reafirmar por anos para que esses espaços femininos na tecnologia sejam ocupados e a Entrevistada 4EF cita que percebe a maior parte das formandas em Licenciatura em Ciências da Computação assumirem cargos voltados para a docência e que o mercado de trabalho prossegue não dando esse espaço para mulheres ocuparem cargos técnicos, o que contribui para a escassez feminina na área técnica da computação.

De acordo com a reflexão de Bourdieu (2022), ele cita que,

Ser “feminina” é, essencialmente, evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é “muito feminina” não é mais do que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder (p. 162).

E essa percepção do feminino no mercado de trabalho e na sociedade, impõe às mulheres a um local em que posições as quais elas se destacam ou tem uma influência na tomada de decisões é vista com maus olhos, com certa desconfiança e até descrença da capacidade dessas profissionais, o que nega a possibilidade delas de ocuparem espaços de poder, como foi dito pelo autor. O feminino e a virilidade não se conversam, a partir dessa percepção do domínio masculino em todos os espaços que envolvem poder, mas esse cenário está mudando e a presença da mulher em cargos de liderança, por mais desafiador que essa trajetória seja, tende a se tornar cada vez mais recorrente.

E a partir dessa reflexão, temos a percepção da Entrevistada 5EF, que demonstra otimismo, acreditando que, sim, talvez essa forma de encarar as mulheres na área tecnológica mude, e acrescenta sobre a motivação das empresas na criação de vagas afirmativas, que pode cooperar com a maior inserção feminina nas empresas, e a Entrevistada 6EF demonstra querer que essa presença feminina no mercado técnico se torne normal.

Ao questionarmos sobre quais mudanças elas esperam ver no futuro, a Entrevistada 1EF cita sobre esperar mais contratações e projetos voltado para mulheres, a Entrevistada 2EF cita sobre a igualdade, espera ver que as mulheres sejam valorizadas e encaradas como tão capazes quanto os homens de exercer profissões na área da computação, uma questão que a Entrevistada 6EF também menciona na sua resposta. Já as Entrevistadas 4EF e 5EF citam sobre a visibilidade e representatividade, que são os fatores iniciais para possibilitar um interesse feminino pela área da tecnologia. A Entrevistada 3EF, nesse caso, demonstra que essa mudança não depende apenas da mulher, mas também do público externo de incluir, buscar aproximar as mulheres da computação.

Nessa análise, as entrevistadas apontam para uma série de barreiras e desafios, mas também reconhecem iniciativas positivas e a importância de mudanças estruturais e culturais. Espera-se que a próxima década traga mais discussões, representatividade e aceitação, embora o ritmo dessas mudanças possa variar. A educação, o respeito e o reconhecimento são vistos como pilares fundamentais para a construção de uma indústria de tecnologia mais inclusiva e diversificada.

E quando tratamos das perguntas específicas para o grupo Evasão, a primeira consiste em compreender o que desmotivou essas mulheres a deixar o curso e se elas optaram por cursar outra área ou ramo de trabalho.

O que a desmotivou, a fez não seguir na área, abandonar o curso? Você migrou para algum outro curso, ou seguiu outro ramo de trabalho?

Entrevistada 1E: Eu não me identifiquei, sabe? Foi falta de identificação mesmo [...] e nem, pensando a longo prazo né, é algo que me fizesse ter como profissão ou que me abrisse portas sabe, pelo menos [...], dentro aqui da cidade. [...] Fui levando, acho que ainda cheguei até no 5º semestre ou foi 4º, mas já sem interesse mesmo, tava só empurrando com a barriga porque tava sem opção, aí depois surgiu a oportunidade de eu ingressar na UNIVASF, aí pronto, juntei o útil ao agradável. *(Migrou de área?)* Tô fazendo Licenciatura em Letras/Libras.

Entrevistada 2E: As greves e a pandemia. Pense que me desmotivou total, e assim, outra coisa também foi a questão do transporte, como eu moro em outra cidade, isso dificultou muito [...], pra mim que trabalhava era muito ruim [...], eu tenho filhos, entendeu, então assim, era muito complicado, [...] aí veio a pandemia e eu acabei desistindo. *(Migrou de área?)* Sim, eu terminei Serviço Social, o curso que eu tinha anteriormente começado e fiz pós graduação também, em saúde da família, que é na área que eu atuo.

Entrevistada 3E: Mulher, vou ser bem sincera, [...] por mais que eu pegasse aulas extras [...], eu não me identifiquei, eu não aprendia, essa é a palavra, e olha que eu me dediquei, não sou de desistir das coisas fácil não, [...] porém quando chegava na parte de programação, não consegui, não peguei o assunto, não sei fazer, essa é a verdade, aí o que me desmotivou foi isso, é porque a gente tem que entender o nosso limite né, eu fui até onde deu, vi que não dava, desisti. Não era a área que eu queria. *(Migrou de área?)* Hoje estou fazendo geografia, sou apaixonada pelo curso, já tô fazendo meu TCC também, e você vê a diferença, não me identifiquei, não era o que eu queria.

Entrevistada 4E: Minha desmotivação foram vários motivos, na verdade. Um deles é a questão mesmo dos professores, eu percebia que o interesse deles pelas meninas eram mínimos, né, no quesito de ensinar, então isso me desmotivou, [...] outro motivo foi a pandemia, veio a pandemia e aí a gente ficou naquela coisa: fazer online, aí, programação já é ruim lá no laboratório, fazendo online não vai dar certo, me desmotivou também. *(Migrou de área?)* Comecei a fazer pedagogia justamente em 2020 e, graças a Deus, defendi meu TCC agora.

Entrevistada 5E: Eu tava passando nas matérias pedagógicas e ficando em todas as específicas, e as específicas precisa de tempo para estudar, e eu não tinha tempo para estudar, eu passava muito tempo no ônibus, tanto no ônibus do trabalho, quanto no ônibus da faculdade, eu não tinha tempo em casa para estudar. Eu chegava da faculdade 23h da noite, pra ir trabalhar, acordar no outro dia 5h da manhã e trabalhar 6h30, pegar o transporte do trabalho de 6h30, quando eu chegava, chegava tarde, chegava 17h30 pra pegar o ônibus 18h. [...] 90% dos meus trabalhos, eu fiz no meu horário de almoço, e eu não estava vendo um retorno. Foi tempo. *(Migrou de área?)* Não, eu ainda não fiz outra faculdade, ainda estou à procura para encontrar uma que se encaixe na minha rotina. Tô buscando uma EAD

que se encaixe na minha rotina hoje.

Nessa questão, as entrevistadas tiveram razões variadas que não permitiram a continuidade delas no curso. As Entrevistadas 1E e 3E disseram não ter se identificado com a área, mesmo a Entrevistada 3E tendo apoio de um colega de turma nos estudos, ela disse não conseguir aprender os assuntos e não via porque prosseguir no curso. As Entrevistadas 2E e 4E relataram que a pandemia teve uma grande influência nessa desmotivação, e para a Entrevistada 2E também teve as greves que ela vivenciou no decorrer dos estudos, como a necessidade de se locomover até Senhor do Bonfim para realizar aplicação de trabalhos. Por ter filhos e ter um emprego em tempo integral, foi necessário desistir da formação.

A Entrevistada 4E mencionou que já tinha dificuldades com programação nas aulas presenciais, então sentiu que no modelo online dificultaria ainda mais. E a Entrevistada 5E citou que a maior dificuldade foi tempo para conciliar os estudos, pois mora em outra cidade e trabalha em período integral, então a maior parte do tempo, ela passava nesse trajeto, e no período matutino, se dedicava ao emprego, o que impossibilitava de reservar períodos para se dedicar aos estudos.

Se tratando da mudança de área, a maioria das entrevistadas buscaram outras formações que melhor se adaptaram. E nesse fator, é perceptível a mudança brusca de área, pois todas que migraram, com exceção da Entrevistada 5E que ainda não buscou uma outra formação que se encaixe na rotina dela, se estabeleceram em áreas opostas à tecnologia, o que demonstra que a área, no caso delas, não coincidiu com o interesse profissional que buscavam ou não obtiveram o que elas esperavam que o curso fosse fornecer.

Essas respostas evidenciam que a desmotivação para continuar na área de tecnologia está fortemente ligada a fatores pessoais, acadêmicos e contextuais, como falta de identificação com o curso, dificuldades de aprendizagem específicas, desafios logísticos e falta de suporte institucional. Além disso, a pandemia exacerbou muitas dessas dificuldades, levando várias entrevistadas a buscar novas áreas de estudo ou a reconsiderar suas opções acadêmicas e profissionais.

Nessa próxima pergunta, o foco foi entender se as entrevistadas sentiram dificuldades em acompanhar os assuntos das aulas e se a forma a qual o ensino foi aplicado tornou-se um fator desmotivador para elas.

Você sentiu dificuldades em acompanhar os temas das aulas? Acha que a maneira a qual o ritmo de ensino foi planejado te desmotivou?

Entrevistada 1E: Não, acredito que não, assim, claro que qualquer curso em qualquer área tem professores que tem uma metodologia de ensino que cativa o aluno né, que estimula ali o aluno e faz com que o aluno compreenda e outros nem tanto né, mas eu acho que a falta de estímulo assim foi da minha parte mesmo assim, por não gostar mesmo do curso, não me identificar mesmo, mais da minha parte.

Entrevistada 2E: Só questão do horário mesmo, teve algumas disciplinas que exigia que a gente chegasse em determinado horário, [...] e para quem mora fora, a gente tinha esse problema, sempre chegava atrasado, [...] e outra coisa, a gente tinha que sair um pouco mais cedo, e isso a gente acabava perdendo conteúdo por questão disso. A maioria dos professores eram muito *light*, eles compreendiam com muita facilidade, mas tinha alguns que não gostavam, realmente eles não gostavam. (*Isso desmotivou?*) Isso não me desmotivou não, eu só sentia essa certa dificuldade porque assim, gera uma certa pressão quando tá estudando sabe, mas não me fez desistir isso não.

Entrevistada 3E: Mulher, [...] eu gostei demais dos professores de lá, gostava de tudo, mas eu entendia mais quando meu colega me explicava as coisas, do que quando o professor explicava, [...] eu não entendia nada do que ele passava, aí tipo, não adiantava eu [...] saber responder uma questão, ou alguma coisa do tipo, se eu não aprendia o assunto que foi o que aconteceu logo quando eu desisti, até consegui fazer uma prova, [...] mas aí eu ficava pensando "se essa disciplina é pré-requisito para uma outra e a outra vai ser mais difícil do que essa, eu vou passar o curso todo dessa forma, tendo que ir procurar depois para aprender o assunto [...]", não era pra mim não. Então acho que a resposta seria a forma como o professor dá aula em algumas situações [...].

Entrevistada 4E: Muita, muita, muita. No quesito pedagógico, não, mas na questão específica, sim, [...] bastante. (*Isso desmotivou?*) Sim, com certeza sim, aquela questão, [...] as aulas específicas, eu não esperava que fossem daquela forma. Na verdade, eu não tinha noção nenhuma do que era Ciências da Computação, então aquilo ali me desmotivou totalmente.

Entrevistada 5E: O tempo pra estudar, que eu não tinha. (*Isso desmotivou?*) Sim, eram muitos trabalhos, num dia uma matéria, outro dia outro, muitos trabalhos ao mesmo tempo. E os seminários e tudo, isso consome tempo e precisa de tempo, e aí isso pegava muito pra mim, também não sou muito de apresentar, eu sou de fazer, e eu fazia os trabalhos e entregava, quem faz trabalho e entrega não tira a nota de quem apresenta, então foi uma coisa que me deixou desmotivada também.

Sobre suas dificuldades em acompanhar os temas das aulas e o impacto do ritmo de ensino no curso, as Entrevistadas 3E e 4E citaram enfrentar muitas dificuldades no acompanhamento das aulas específicas que incluíam programação, a Entrevistada 2E mencionou sobre a dificuldade de chegar no horário das aulas, pois reside em outra cidade e, geralmente, o transporte chegava quando as aulas já tinham iniciado e precisavam sair mais cedo, o que dificultava acompanhar as aulas e todo o conteúdo ensinado em sala. A Entrevistada 5E citou que a maior dificuldade, para ela, foi o tempo livre para se dedicar aos estudos, que ela não possuía, e a Entrevistada 1E mencionou as metodologias utilizadas pelos

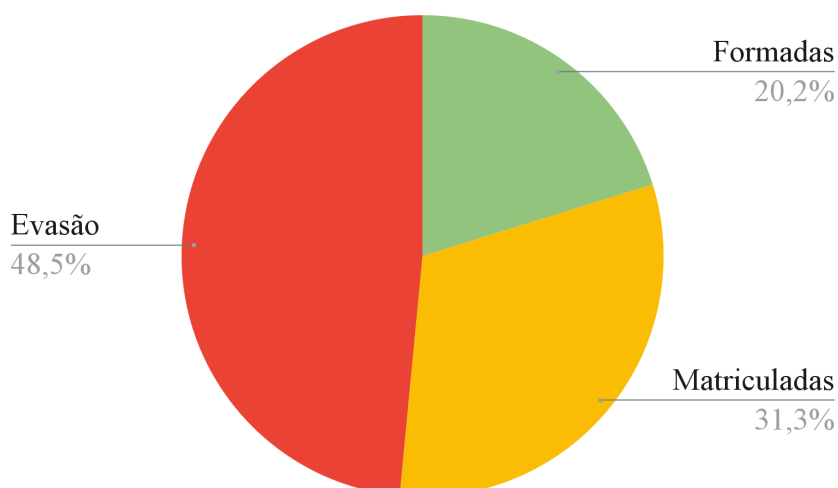
professores, mas acredita que o motivo principal foi a falta de estímulo pelo desinteresse no curso.

Ao tratar de desmotivações, duas das entrevistadas mencionaram que o ritmo de ensino pode ter causado esse desânimo com o curso. A Entrevistada 4E disse que não esperava que as aulas técnicas fossem tão difíceis, afinal, a mesma não conhecia nada de Ciências da Computação, então não tinha uma informação prévia de como seria, já no caso da Entrevistada 5E, ela citou que a quantidade de trabalhos era extensiva e ela não possuía tempo para realizá-los no período determinado, e mesmo que fizesse, ela cita que as notas diferem dos alunos que apresentam e os que apenas entregam o trabalho pronto, então isso também foi uma questão que a desmotivou de continuar os estudos.

Com isso, é possível compreender que, caso houvesse um suporte voltado para as áreas específicas, seja por grupos de estudo ou a extensão de aulas mais básicas de programação, essas entrevistadas poderiam ter desenvolvido maior interesse pela área, teriam um apoio que as ajudariam nas dificuldades enfrentadas e, possivelmente, se tornariam Cientistas da Computação. Mas os desafios se provaram maiores, e o pouco apoio fornecido não foi suficiente para manter essas mulheres no curso até a formação.

E esse acaba sendo um reflexo do curso de Licenciatura em Ciências da Computação do Instituto Federal Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, pois, ao analisar quantitativamente, a partir do documento público cedido pelo Colegiado de Licenciatura em Ciências da Computação com as informações de nomes e turmas dos aprovados, desde o período de 2010 até 2023, é perceptível que o quantitativo feminino que chegou até a etapa de formação é baixo.

Gráfico 1 - Porcentagem de alunas do sexo feminino de 2010 à 2023



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A partir desses dados, podemos perceber que, em um total de 99 alunas, 20 (20,2%) prosseguiram até a finalização do curso, 31 (31,3%) das alunas estão matriculadas no curso, até o momento em que este documento foi disponibilizado, e 40 (48,5%) alunas abandonaram o curso, sendo esse um quantitativo preocupante e que, até o momento, não se tornou uma pauta relevante a ser considerada dentro da instituição.

Dessa forma, entendemos o quão importante é tratar da presença e representatividade feminina nos espaços formativos voltados para a área da tecnologia, com ênfase na computação, pois é a partir desse contato diário e da análise do espaço em que ocupamos é que compreendemos o nosso lugar na sociedade. E se temos tão poucas mulheres nas salas das graduações, teremos ainda menos no mercado de trabalho, seja ele voltado para a parte técnica ou docente, afinal, as barreiras possíveis se estendem a questões como a grande dificuldade de “ascender profissionalmente no mercado de trabalho por serem mulheres; e/ou demorar mais para atingir melhores salários e cargos por serem casadas e terem filhos” (Oliveira *et al.*, 2021, p. 4), o que contribui ainda mais para que a presença feminina fique escassa.

É importante tratarmos sobre tais dificuldades, pois, assim como cita Menezes (2021), é essa visibilidade que permite que as mulheres possam atuar na área e cooperem umas com as outras através de redes de apoio criadas a partir dessa motivação do feminino na computação, que ocasionalmente permite que o interesse das mulheres pela área cresça e elas busquem ingressar na área. A partir desse trabalho realizado pela autora, temos contato com diversos projetos que trabalham exclusivamente com a motivação das mulheres com a área de tecnologia, voltado para a área mais técnica, mas esses projetos são apenas o passo inicial para que a participação feminina na computação seja incentivada, pois é necessário maiores divulgações desses cursos e da possibilidade de considerar a área como uma carreira.

A representatividade e a inclusão de trabalhos femininos no dia a dia de mulheres que acabaram de ingressar na área ou que, até mesmo, nunca ouviram falar sobre o curso de Licenciatura em Ciências da Computação se torna uma manobra fundamental para não só atrair outras mulheres para o curso, como também gerar interesse pela formação, como também se tornou necessário apresentar para a comunidade os feitos que as formandas de Licenciatura em Ciências da Computação desenvolveram, trabalhos esses que pouco, ou nunca, ouvimos falar, mas que foram responsáveis pela conclusão de tantos anos de estudo dessas mulheres.

7. CAMINHO TRILHADO: OLHAR, ESCUTAR, SENTIR E VIVENCIAR

Aqui peço licença para a escrita de um texto com um ponto de vista mais pessoal, pois afinal, também faço parte de um grupo quantitativo determinante para esta pesquisa. Como um norte para o leitor sobre esse texto, busco seguir um roteiro similar ao que criei para escutar a história das mulheres as quais tive a honra de conversar na realização deste trabalho.

Assim como algumas das entrevistadas, eu também não tinha ideia sobre a possibilidade de trabalhar com a área da computação. Meu contato com computador iniciou por volta de 2011, que foi o momento em que conheci os *blogs* e as possibilidades de criar páginas *web* e temas, e o aprendizado sempre se deu de forma autodidata, pois mesmo realizando um curso de *Web Design* anos depois, percebi que aprendi melhor buscando as informações que gostaria de aprender, mesmo sem saber inicialmente o quê.

A decisão por cursar Licenciatura em Ciências da Computação, que também só conheci no momento da escolha através do SISU (Sistema de Seleção Unificada), partiu de um incentivo da minha mãe, que também me via usando bastante o computador e julgou que talvez eu me identificaria melhor cursando algo voltado para a computação, o que se provou um fato: me apeguei bastante com a área e, de fato, identifiquei-me com os conteúdos, por mais diferente e espantoso que tenha sido da minha impressão inicial sobre o curso.

E, ao escutar todas essas mulheres no decorrer deste trabalho, fui me recordando da minha própria jornada no curso e os percalços que precisei enfrentar para chegar nessa etapa que cheguei. Apesar de ter tido a tristeza que muitas das entrevistadas tiveram, de se depararem com uma sala com um quantitativo tão baixo de mulheres, pois na minha turma só tinham 4 alunas no total e restou apenas eu, digo que fui abençoada, afinal os meus colegas de turma foram os responsáveis por me guiarem em muitas situações de dificuldade no decorrer da aprendizagem, afinal, eu também não tinha ideia do que era programação e nem sabia como lidar com a vasta gama de informações que vieram no decorrer da formação. Com a cooperação deles e todo o apoio que recebi, inclusive de professores que me permitiram realizar projetos de extensão com a temática feminina, pois realizei um projeto de extensão intitulado “Quilombo Digital: Por mais mulheres na computação” para ensino de tecnologia para mulheres de várias idades, e englobando mulheres na área a qual criei um apreço, eu pude chegar a realização deste trabalho.

E desde o início, esse trabalho se desenvolveu por um grande questionamento meu sobre o meu entorno, pois, assim como as colegas de área as quais tive o prazer de conversar a partir deste trabalho que também tiveram a percepção da presença tão reduzida de mulheres,

me surgiu o questionamento e a necessidade de entender o porquê disso ocorrer. Afinal, a força feminina, principalmente pela minha percepção a partir do meu dia a dia convivendo com minha mãe e presenciando o trabalho de tantas colegas e professoras nessa jornada de formação, não conseguia compreender o porquê da presença delas ser tão escassa numa área de tantas possibilidades e que está em crescimento.

As dificuldades em sala existem, no mercado de trabalho também é um espaço o qual nós enfrentamos muitos percalços, como no momento em que nos deparamos com perguntas sobre se temos filhos ou se pretendemos casar logo, mas o apoio dos colegas de turma e dos colegas que fiz no mercado de trabalho, sendo responsabilidade de um colega veterano do curso que me indicou na minha primeira oportunidade de trabalho na área, consegui vivenciar e fazer parte da área de computação com um pouco mais de calma, uma experiência que algumas das colegas de profissão que conversei neste trabalho infelizmente não tiveram.

E uma das questões que também foi levantada pelas entrevistadas e que eu tive uma experiência a respeito é sobre a pouca oportunidade de mercado existente na minha região para o foco da minha formação, que é a docência em computação, mas também na atuação profissional técnica, pois o mercado não tem mais interesse em pessoas com pouca experiência, mesmo que as vagas objetivam treinar esses profissionais.

Neste trabalho, acredito que muitas das minhas vivências e dificuldades encontradas se esclareceram. Foi a partir de tantos relatos e dessa sensibilidade em buscar entender a baixa participação feminina, como também buscando participar de grupos que tem o objetivo de apoiar essas mulheres, é que eu percebi a importância do trabalho o qual me dispus a fazer para esta finalização de curso e entendi a minha posição como mulher na área de computação. O apoio recebido e o tempo dedicado para tantas das minhas colegas de profissão e de turma, me trouxe a percepção do quanto essa rede de ajuda feminina é crucial para que muitas de nós se fortaleçam e continuem nessa jornada enfrentando toda e qualquer dificuldade que surgir, pois um dia teremos a certeza de que as nossas contribuições hoje trará força e razão para que as futuras meninas e mulheres da tecnologia se encontrem e se percebam como uma parte fundamental da mudança e do espaço conquistado por elas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa analisou a evolução da tecnologia e seu impacto no mercado de trabalho, destacando como a automação e a informatização têm revolucionado as práticas produtivas ao longo da história. Desde a revolução industrial até a era digital, a tecnologia tem desempenhado um papel fundamental na otimização dos processos industriais, aumentando a eficiência, reduzindo custos e impulsionando o desenvolvimento econômico e social. No entanto, apesar dos inúmeros benefícios proporcionados pela tecnologia, ainda persistem desafios relacionados à desigualdade de gênero nas áreas de tecnologia e exatas.

A presença feminina nessas áreas é sub-representada, e o estudo se propôs a investigar as razões por trás dessa disparidade. Por meio de uma abordagem qualitativa, que incluiu entrevistas e análise documental, buscou-se compreender as motivações, desafios e experiências das mulheres que cursam ou cursaram Licenciatura em Ciências da Computação do Instituto Federal Baiano *Campus* Senhor do Bonfim. Além disso, o texto destaca a importância de reconhecer e valorizar a contribuição das mulheres na história da computação, resgatando figuras femininas que tiveram um papel crucial no desenvolvimento tecnológico, mas que muitas vezes foram obscurecidas pela narrativa dominada por figuras masculinas.

Como cita Bourdieu (2022), mesmo após tantas lutas objetivando a valorização das habilidades e conhecimentos das mulheres, “as tarefas que as mudanças tecnológicas radicalmente distribuíram serão [...] recompostas, de modo a empobrecer o trabalho feminino, mantendo [...] o valor superior do trabalho masculino” (p. 103), então essa discussão sobre o espaço da mulher nesse local na área da computação, a necessidade crescente de re-ocupar um lugar que, inicialmente, foi delas, é crucial para que possamos presenciar uma era de representatividade e maior inclusão do feminino nas tecnologias.

Atualmente, observa-se um movimento crescente de valorização e celebração da presença feminina na computação, com iniciativas que visam promover a inclusão de mulheres nas ciências da computação e tecnologia. Essas ações buscam corrigir a desigualdade de gênero, garantindo que as vozes femininas sejam ouvidas e valorizadas nesse campo vital. A pesquisa ressalta a importância de compreender os fatores que influenciam a baixa participação feminina na área da computação, afinal, é preciso “entender a razão das mulheres buscarem pouco uma área com tantas oportunidades de emprego e crescimento” (Lopes *et al.*, 2023, p. 2), bem como identificar estratégias para promover a igualdade de oportunidades e incentivar mais mulheres a ingressarem e se destacarem nesse campo tão importante para o desenvolvimento tecnológico e social.

A presença feminina na área de tecnologia, especificamente no curso de Licenciatura em Ciências da Computação do IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, é um tema de grande relevância e complexidade. A partir da realização das entrevistas, e toda a trajetória deste trabalho, foi perceptível o quanto os trabalhos e vivências de tantas mulheres corroboram para que a computação tenha dado o passo que deu, até os dias atuais. Entender as dificuldades que as entrevistadas passaram e os desafios internos e externos que enfrentaram para concluir, prosseguir no curso ou até mesmo tomar a decisão de desistir, são fatores que responderam a dúvida levantada antes mesmo do início da construção deste trabalho.

Apesar de que “o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade” (Lerner, 2019, p. 48), estamos em um período em que as mulheres compreendem que têm a capacidade de ocupar diversos espaços, desenvolver várias habilidades e exercer funções que, antes, foram designadas apenas ao público masculino.

A autora também nos traz uma reflexão quanto ao papel da mulher na sociedade, pois de acordo com o que é dito em seu livro, foi a partir das “aplicações da teoria freudiana à criação dos filhos e à literatura popular de autoajuda” que se deu a percepção “ao velho argumento de que o principal papel da mulher é ter e criar filhos” (Lerner, 2019, p. 45), ou seja, desde os primórdios se defendia o papel de que o feminino apenas teria o dever do cuidado e de reservar a sua existência a subserviência, mas percebemos, a partir dessa pesquisa e das entrevistas com essas mulheres de Computação que, atualmente, elas se percebem como parte crucial dos espaços antes privados ao masculino.

E no decorrer da realização deste trabalho, foi necessário entender que a discussão do gênero e da posição feminina na sociedade, precisa ser tratado de uma forma cautelosa, pois “o gênero, em particular, tem importância simbólica, bem como ideológica e legal, tão forte na maioria das sociedades, que não podemos entendê-lo sem prestar atenção a todos os aspectos de seu significado” (Lerner, 2019, p. 67), então a compreensão do efeito da mulher nesse local de fala, nessa luta de tantos anos enfrentando questões de classe e status, que “é sempre definido de modo diferente do status do homem da mesma classe, desde aquela época até o presente” (Lerner, 2019, p. 181), é crucial e impactante para as futuras mudanças da percepção da sociedade sobre a mulher como uma futura profissional em áreas tecnológicas e computacionais.

É perceptível que ainda há muito a ser feito e que a presença de mulheres nas universidades técnicas necessitam dessa maior disseminação do tema, mas a ascensão da área coopera para que mais mulheres consigam conhecer tais áreas e, com a ajuda dos projetos e

cursos que são frequentemente ofertados, que de acordo com a pesquisa de Lopes *et al.* (2023), havia um quantitativo de “80 grupos que têm a finalidade de atrair mais mulheres para a área [...] ou de capacitar mulheres por mulheres ou reunir as mulheres da instituição como uma forma de poderem se ajudar e caminhar juntas diminuindo a evasão” (p. 7), elas possam ingressar com mais incentivos e instruções, compreendendo que fazem parte desse meio.

Sendo assim, esperamos que as opiniões e relatos das vivências de tantas mulheres que fizeram e farão a diferença no campo tecnológico seja um ponto de partida para que essa discussão do feminino na tecnologia, incluindo as dificuldades que elas encontram no decorrer dessa trajetória, tenha a sua importância valorizada e que esse tema continue se reverberando para as próximas estudantes de Computação que se sintam pouco representadas, para que essas mudanças na sociedade tenham o reflexo do que cada mulher que atua na área deseja e torce que se concretize em um futuro próximo.

REFERÊNCIAS

- BAUER, J. **Webinar Women in Tech - Equidade de gênero na tecnologia**. Disponível em: <<https://blog.convisoappsec.com/equidade-de-genero-na-tecnologia/>>. Acesso em: 22 mai. 2024.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.
- BOURDIEU, P. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu/Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Trad. Paula Monteiro. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 ago. 2018. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm>. Acesso em: 22 mai. 2024.
- BRASIL. Projeto de Lei do Senado nº 216, de 2016. **Senado Federal**. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125805>>. Acesso em: 29 mai. 2024.
- CAMELO, T. **A volta das mulheres na computação**. Disponível em: <<https://www.blip.ai/blog/devs/a-volta-das-mulheres-na-computacao/>>. Acesso em: 22 mai. 2024.
- CAPITANI, L. **Inclusão desde o início: Por que é essencial inspirar meninas nas áreas STEM**. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/inclusao-desde-o-inicio-por-que-e-essencial-inspirar-meninas-nas-areas-stem>>. Acesso em: 29 mai. 2024.
- CONHEÇA as 10 CTOs mulheres que estão transformando o mercado de tecnologia no Brasil. **Startse**, 2024. Disponível em: <<https://www.startse.com/artigos/ctos-mulheres-mercado-de-tecnologia-no-brasil/>>. Acesso em: 28 mai. 2024.
- CRESCER o número de mulheres nas áreas de Tecnologia da Informação. **Ela**, 2021. Disponível em: <<https://feitoparaela.com.br/2021/06/15/cresce-o-numero-de-mulheres-nas-areas-de-tecnologia-da-informacao/>>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- EVANS, C. L. **A história desconhecida das mulheres que criaram a internet**. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.
- FERREIRA, P. Q.; BUENO, J. M. **Barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres no ambiente acadêmico e organizacional do setor de Tecnologia da Informação**. Disponível em: <<https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/23451391cd1399019fa0421129066bc6.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

FOLLONI, D. **Por que as mulheres são minoria na área de tecnologia?** Disponível em: <<https://mittechreview.com.br/por-que-as-mulheres-sao-minoria-na-area-de-tecnologia/>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GOMES, L. **Mulheres na tecnologia: Como garantir um ambiente acolhedor?** Disponível em: <<https://midfalconi.com/conhecimento/mulheres-na-tecnologia-como-garantir-um-ambiente-a-colhedor/>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

GONÇALVES, R.; FERREIRA, P. P. **Aprendizado de máquina como mediação técnica computacional: Viés de gênero no processamento automático de textos relacionando pronomes e profissões pelo algoritmo BERT.** Disponível em: <https://reunioes.sbpcnet.org.br/74RA/inscritos/resumos/1392_16e072f0ac3379ec7ebf29ee4dbced95.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2024.

GUSTMANN, B. et al. **Percepção de carreira das mulheres: As barreiras no desenvolvimento da carreira na tecnologia.** Disponível em: <<https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/83dd3f9f97ef6533766c39d5b2e5e565.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

HARRISON, G. **Sending your voice over the internet? Some called it a toy. Not Marian Croak.** Disponível em: <<https://magazine.viterbi.usc.edu/fall-2020/alumni/sending-your-voice-over-the-internet-some-called-it-a-toy-not-marian-croak/>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

HOOKS, B. **Teoria Feminista: Da margem ao centro.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

LERNER, G. **A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens.** São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, M. P. As mulheres na Ciência da Computação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 793-816, set./dez, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000300003>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LOBO, R. Competência, discriminação ou vocação - a presença das mulheres nas áreas de exatas e tecnológicas (STEM) - parte 1. **Estadão**, 2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/educacao/roberto-lobo/competencia-discriminacao-ou-vocacao-a-presenca-das-mulheres-nas-areas-de-exatas-e-tecnologicas-stem-parte-1/>>. Acesso em: 18 abr. 2024.

LOPES, R. et al. **Análise e reflexões sobre a diferença de gênero na computação: Podemos fazer mais?** Disponível em: <<https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/25011>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MAIA, M. M. Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 46, p. 223-244, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201600460223>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 18 mar. 2023. PDF.

MARGOLIS, J.; FISHER, A. Introduction: Women out of the loop. In: _____. (org.). **Unlocking the clubhouse: Women in computing**. Cambridge, MA: MIT Press, 2003. p. 1-14.

MEIRE, R. C. C. **Grace Hopper (1906 - 1992)**. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/petfisica/2023/02/22/grace-hopper-1906-1992/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

MENEZES, S. K. O. **Redes Sociais e Mulheres na Computação: Iniciativas divulgadas no meio digital**. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/15877>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MOURA, B. F. **Dupla jornada para mulheres leva a ciclo de pobreza**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-08/dupla-jornada-para-mulheres-leva-ciclo-de-pobreza>. Acesso em 24 mai. 2024.

OLIVEIRA, L. C. et al. Cultura da computação para além da normatividade: Participações e produções. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-16, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n260462>. Acesso em: 17 mar. 2024.

PEREZ, P. **Mulheres na Tecnologia: O compromisso da Intel com um futuro mais inclusivo**. Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2023/10/mulheres-na-tecnologia-o-compromisso-da-intel-com-a-inclusao/>. Acesso em: 28 mai. 2024.

PINHEIRO, M. T. R. **La Llorona e as Damas de Branco: Aproximações Culturais e Representação Identitária no México e no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

POSSER, C. V.; TEIXEIRA, A. C. **Mulheres que aprendem informática: Um estudo de gênero na área de TI**. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wie/article/view/16468>. Acesso em: 5 mar. 2023. PDF.

QUEM foram as 3 cientistas negras da NASA em “Estrelas Além do Tempo”? **Galoá**, 2017. Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/quem-foram-3-cientistas-negras-da-nasa-em-estrelas-alem-do-tempo/>. Acesso em: 30 mai. 2024.

REIS, L. **'Mãe do GPS': Conheça a mulher negra por trás da invenção que mudou a tecnologia**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/03/27/mae-do-gps-conheca-a-mulher-negra-por-tras-da-invencao-que-mudou-a-tecnologia.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2024.

RIBEIRO, J. M. S. C. **Radia Perlman**. Disponível em: https://wiki.inf.ufpr.br/computacao/doku.php?id=r:radia_perlman. Acesso em: 23 mai. 2024.

SASS, C. et al. **Um relato sobre estratégias de motivação e ensino de lógica de programação para e por mulheres.** Disponível em: <<https://walgprog.gp.utfpr.edu.br/2018/assets/files/articles/S1A3-article.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2023. PDF.

SILVEIRA, E. **Como as mulheres passaram de maioria a raridade nos cursos de informática.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592581>>. Acesso em: 4 mar. 2023.

SOUZA, A. C. M. et al. **Relato Tech Ladies:** Redes de colaboração entre mulheres na tecnologia. Disponível em: <<https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/3402/3364>>. Acesso em: 5 mar. 2023. PDF.

TILIA, C. **Conheça 5 mulheres líderes em tecnologia e inovação no Brasil.** Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2024/03/conheca-5-mulheres-lideres-em-tecnologia-e-inovacao-no-brasil/>>. Acesso em: 28 mai. 2024.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.